



António Henrique Rodrigues Roseiro

SÍMBOLOS E PRÁTICAS CULTURAIS DOS MAKONDE

Tese de Dissertação para obtenção de grau de
Doutor em Antropologia Social e Cultural

Orientação: Professor Doutor Carlos Diogo Moreira e
Professor Doutor M. L. Rodrigues Areia

Anexos e Suplementos

Coimbra 2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

António Henrique Rodrigues Roseiro

SÍMBOLOS E PRÁTICAS CULTURAIS DOS MAKONDE

Tese de Dissertação para obtenção de grau
de Doutor em Antropologia Social e Cultural

Faculdade de Ciências e Tecnologia Departamento
de Ciências da Vida da Universidade de Coimbra

ANEXOS E SUPLEMENTOS

Júri

Presidente:

Professor Doutor Manuel Augusto Simões Graça

Vogais:

Professor Doutor Manuel Rodrigues de Areia

Professor Doutor Carlos Diogo Moreira

Professor José Fialho Feliciano

Professora Doutora Maria Manuela Cantinho Pereira

Professor Doutor Fernando José Pereira Florêncio

Professora Doutora Cláudia Isabel Soares Umbelino

Coimbra 2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Índice Geral

	Pág.
Preâmbulo	1
BLOCO 1 - DOCUMENTOS DE APOIO	3
1 O Percurso do Povo Makonde – do final do século XIX ao século XXI	4
1.1 A Região de Cabo Delgado 1900 -1924	5
1.2 A influência colonial na economia do planalto de Mueda	11
1.3 O Ensino em Moçambique - Cabo Delgado	13
1.4 A República e o ensino	16
1.5 Missões Religiosas e a Educação em Moçambique até aos anos 60	20
2 O “Estado colonial” – o início da resistência	26
3 A vida no Planalto Makonde - Actualidade	30
3.1 Pemba - Capital de Cabo Delgado	31
3.2 Saúde – Estado actual em Cabo Delgado	32
3.2.1 Saúde Pública - HIV/SIDA	32
3.2.2 Recursos Humanos – Área da saúde	33
3.2.3 Insuficiência na área de recursos humanos	34
3.2.4 Perspectivas futuras na saúde	34
3.3 Mulher – O papel da Acção Social	34
3.4 A Educação	36
3.4.1 Atendimento à Criança - Educação Pré- Escolar	37
3.4.2 O Ensino Superior em Cabo Delgado	37

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

3.5	Aspectos Económicos	39
3.5.1	Indústria	39
3.5.2	Agricultura	39
3.5.3	Área Ocupada por Culturas Alimentares	40
3.5.4	Pecuária	40
3.5.5	Florestas e Fauna Bravia	41
3.5.6	Comércio	44
3.5.7	Turismo	44
3.5.8	Habitação	45
3.6	Recursos hídricos - A problemática da água	45
3.7	O futuro no Planalto Makonde	49
4	Rituais e analogias de outros povos em relação ao povo Makonde	49
4.1	Os Macua – breve referência	49
4.2	As Pinturas corporais e faciais na mulher macua: O M'siro	50
4.3	A excisão clitoridiana e a circuncisão masculina	52
4.4	O fanado	56
4.5	O Mapiko e o Careto de Trás-os-Montes	56
BLOCO 2 - DENTES, SÍMBOLOS, CLASSIFICAÇÕES E OUTROS ELEMENTOS		59
5	Os Makonde – Mutilações dentárias, mitos e analogias	60
5.1	Os Dentes – As mutilações dentárias nos diversos Povos	61
5.2	Mutilações dentárias – As diferentes classificações	65
5.2.1	Classificação de MAGITOT	65

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

5.2.2	A classificação de SAVILLE	65
5.2.3	A classificação BAUDOIN	66
5.2.4	A classificação de MONTANDON	68
5.2.5	A classificação de BORBOLLA	69
5.2.6	A classificação de FASTLICHT	70
5.2.7	A classificação de MOORTGAT	71
5.2.8	A classificação CHIPPAUX	72
5.2.9	A classificação PLENOT	73
5.2.10	Classificação de ROMERO	74
5.3	Fotografias das diversas classificações dentárias	75
5.4	As Mutilações dentárias nos diversos povos	80
6	Efeitos mórbidos das mutilações: dentária e labial	95
6.1	Efeitos mórbidos da mutilação dentária	95
6.1.1	Resultados do estudo de FABIAN (2007)	96
6.2	Factores deletérios que advém do uso do prato-labial (ndona)	99
7	Medicina autóctone - propriedades das plantas medicinais	101
7.1	Rícino (<i>Ricinus communis</i> L.) – Propriedades medicinais	102
7.1.1	Utilização mais conhecida em homeopatia e medicina natural	102
7.1.2	Utilização mais conhecida em medicina convencional	102
7.1.3	Outras aplicações farmacológicas do <i>Ricinus communis</i> ainda em fase de estudo	104
7.1.4	Outras utilizações conhecidas	105

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

7.1.5	Factos a ponderar sobre o Rícino Communis - MBALIKA (em Shimakonde)	105
7.2	Nchuaki, Shipome (Mulala) - Euclea Natalensis	105
8	O Dente e o Sobrenatural	109
8.1	O Dente Sagrado de Buda	110
8.2	O Dente Santo de Alboím da Nóbrega	112
8.3	Santa Apolónia e a consagração dos dentes	114
8.3.1	Santa Apolónia - A devoção em Portugal	115
8.3.2	Santa Apolónia - A devoção pelo Mundo	115
8.4	Outros SANTOS Cristãos venerados por resolver problemas dentários	115
	BLOCO 3 - TESTEMUNHOS E HISTÓRIAS DE VIDA	117
9	Testemunhos e Histórias de Vida	118
9.1	Resumo da entrevista com o Professor Doutor Marcelino Lipola	118
9.2	Entrevista com a Dra. Isabel S. Cavandeca (Ex Ministra para os Assuntos Parlamentares na Presidência da República)	127
9.3	Entrevista ao Sr. Dr. Domingos Simba – (Assembleia da República de Moçambique)	139
9.4	Biografia de Zacarias João Chivavi	148
9.5	Entrevista com o artista plástico Frank Arroni Ntaluma	153
9.6	Entrevista com mulher Makonde natural de Namuno	168
9.7	Entrevistado de Etnia Macua	171
9.8	História de vida de Reinata Sadimba - Registo baseado na conversa entrevista.	173

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

9.9	Registo baseado na conversa/entrevista com Jaime Marupa	177
BLOCO 4 - IMAGENS FOTOGRÁFICAS		183
10	Registos fotográficos diversos	184
11	Registos fotográficos sobre os Macua	198
12	Registos fotográficos sobre o Careto de Trás os Montes	199

Índice de Quadros

	Pág.
Quadro 1 Estatística do Ensino Primário em 1930	20
Quadro 2 Missões Católicas Francesas e Holandesas presentes em Cabo Delgado	23
Quadro 3 Missões Protestantes por país de origem	23
Quadro 4 Relatório referente aos anos 1927/1928 – N° de Alunos Católicos	24
Quadro 5 Evolução do Estado de Saúde da População	32
Quadro 6 Recursos Humanos e Formação Profissional	33
Quadro 7 Atendimento de casos de violência	35
Quadro 8 Licenciaturas UP - Montepuez 2009	38
Quadro 9 Quantidade de água utilizada <i>versus</i> preços praticados	46
Quadro 10 Cobertura de Água na Província de Cabo Delgado	48
Quadro 11 Cronologia dos estádios de responsabilidades de acordo com a idade em Bijagó – Guiné-Bissau	55
Quadro 12 Classificação de MAGITOT 1890 - Tipos de mutilação	65
Quadro 13 Classificação de SAVILLE - 16 TIPOS – Catalogadas por ordem alfabética	66
Quadro 14 Classificação de BAUDOUIN - 6 categorias	67
Quadro 15 Classificação de MONTANDON - 3 categorias	68
Quadro 16 Classificação de BORBOLLA - 24 tipos (de A a X)	69
Quadro 17 Classificação de FASTLICHT – igual à classificação de BORBOLLA + 2 tipos	70

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Quadro 18	Classificação de MOORTGAT – 6 grupos	71
Quadro 19	Classificação CHIPPAUX – 4 grupos	72
Quadro 20	Classificação de PLENOT – 5 categorias	73
Quadro 21	Classificação de PLENOT de 1975	73
Quadro 22	Classificação de ROMERO – 7 categorias	74
Quadro 23	Nova classificação de ROMERO em 1986	75
Quadro 24	Prevalência da mutilação dentária por idade	97
Quadro 25	Dentes perdidos relacionados com a mutilação dentária e outras razões	97
Quadro 26	Prevalência da mutilação por género	98
Quadro 27	Capacidade de inibição dos organismos – comparação acção do extracto de folhas do Ricinus Communis versus Gentamicina Standard.	103
Quadro 28	Resultados do estudo LALL (2006)	109

Índice de Figuras

	Pág.	
Figura 1	Mapa de Moçambique - A ocupação territorial das duas companhias de Moçambique e Nyassa, sublinhadas a amarelo, correspondiam praticamente a 50% da área de Moçambique.	12
Figura 2	Mapas de Moçambique desde 1911 até 1963 durante o domínio das “Companhias”.	13
Figura 3	Madeiras nobres à entrada da vila de Mueda 2011.	42
Figura 4	Exploração de madeiras nobres feita por uma empresa chinesa.	43
Figura 5	Foto do autor recolhida no museu de História Natural de Maputo.	61
Figura 6	Fragments do fresco de Tepantitlan em Teotihuacan.	62
Figura 7	Crânio Maya.	63
Figura 8	Esquema de instrumentos utilizados para perfuração dente. (Barreno em arco e barreno em cruz ou de pressão).	64
Figura 9	Classificação de SAVILLE - 16 TIPOS – Catalogadas por ordem alfabética e conforme.	75
Figura 10	Esquemas das mutilações dentárias propostas por MONTANDON (1934).	76
Figura 11	Tabela de Classificação das mutilações dentárias propostas por BORBOLLA em 1940 e conforme LABAJO (2007).	76
Figura 12	Modificações propostas por FASLICHT em 1948 à tabela de classificação de BORBOLLA apresentada em 1940, e conforme LABAJO (2007).	77
Figura 13	Esquemas propostos por CHIPPAUX em 1961.	77

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Figura 14	Tabela de classificação das mutilações dentárias pré-hispânicas proposta por ROMERO em 1970, conforme LABAJO (2007).	78
Figura 15	Modificação em 1986 da tabela de classificação das mutilações dentárias pré-hispânicas proposta por Romero em 1970, conforme LABAJO (2007).	79
Figura 16	Modelos 6, 6 A e 6 B – Mutilação por fractura e abrasão.	80
Figura 17	Modelo 7 – Mutilação por abrasão.	81
Figura 18	Modelos 8, 9 e 10 – Mutilação perfurante para incrustação.	82
Figura 19	Modelo 11 e 12 – Mutilação perfurante para inlay.	83
Figura 20	Modelos 13 e 14 – Mutilação por abrasão.	84
Figura 21	Modelo 15 - Mutilação mista por fractura e extracção.	84
Figura 22	Modelos 16 e 17 – Mutilação por extracção.	85
Figura 23	Modelo 18 – Mutilação por fractura.	86
Figura 24	Modelo 19 – Mutilação mista.	86
Figura 25	Modelo 20 – Mutilação por desgaste.	87
Figura 26	Adenda ao modelo 20.	87
Figura 27	Modelo 21 – Mutilação por fractura.	88
Figura 28	Modelo 22 – Mutilação por extracção.	88
Figura 29	Modelo 23 – Mutilação por extracção.	89
Figura 30	Modelo 24 – Coloração.	89
Figura 31	Modelo 25 – Mutilação por extracção.	90
Figura 32	Modelo 26 – Mutilação por fractura.	90

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Figura 33	Adenda à nota explicativa do modelo 26.	91
Figura 34	Adenda à nota explicativa do modelo 26.	91
Figura 35	Modelo 27 – Mutilação por fractura.	92
Figura 36	Modelo 28 – Mutilação por fractura.	92
Figura 37	Modelo 29 – Mutilação por abrasão e fractura.	93
Figura 38	Modelos 30, 31, 32 e 33 – Mutilação por incrustação e corte.	93
Figura 39	Modelo 34 – Mutilação por extracção	94
Figura 40	Modelo 35 – Mutilação por extracção	94
Figura 41	Ricinus communis L. – Planta, frutos e raiz (de uma planta ainda muito jovem) – (Mbalika a planta do rícino, Dimbalika a semente, o fruto).	102
Figura 42	O autor com o Sr. Rogério Nhabinda com a rama da <i>eucleia natalensis</i> .	106
Figura 43	A Mulala “ <i>euclea natalensis</i> ” – O Sr. Alves, o Sr. Ofico e o autor a colherem a raiz da mulala.	108
Figura 44	Templo do dente sagrado de Buda.	110
Figura 45	Dente Santo de Aboim da Nóbrega – com 55 milímetros e 34 mm de diâmetro máximo.	113
Figura 46	Relicário com um dente que supostamente pertenceu a Santa Apolónia, exposto na Sé do Porto.	114
Figura 47	Fotografia de Zacarias João Chivavi.	148
Figura 48	O escultor N’táluma no seu estúdio a trabalhar uma peça em Madeira	153

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Figura 49	Reinata Sadimba.	173
Figura 50	Sr. Jaime Marupa com o autor durante as festas de iniciação em Maputo (2009) – Bairro Militar.	177
Figura 51	Jovens barqueiros de passageiros e mercadorias do rio Rovuma.	184
Figura 52	Jovens barqueiros de passageiros e mercadorias do rio Rovuma.	184
Figura 53	Jovens barqueiros de passageiros e mercadorias do rio Rovuma.	184
Figura 54	Jovens barqueiros de passageiros e mercadorias do rio Rovuma.	184
Figura 55	Banho no rio Rovuma.	185
Figura 56	Travessia pela margem do rio Rovuma.	185
Figura 57	Armadilhas para apanhar crocodilos no rio Rovuma.	185
Figura 58	Armadilhas para apanhar crocodilos no rio Rovuma.	185
Figura 59	Jovens jogando Ndomwa.	186
Figura 60	Jovens jogando Ndomwa.	186
Figura 61	Tocador de Likuti, Grupo Chimbunga.	186
Figura 62	Músicos preparando os seus instrumentos para o início do Mapiko, Grupo Nhuere.	186
Figura 63	Idoso executando uma esteira (Likande).	187
Figura 64	Mulheres Makonde.	187
Figura 65	Biti Vandavanda a viúva do Régulo Likama e o seu filho Patrício Likama.	187
Figura 66	Mulheres em Nanhagaia.	187
Figura 67	Dançarinos da dança Makomba em pose.	188

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Figura 68	Dançarinos da dança Makomba em pose.	188
Figura 69	Lichalawesa.	188
Figura 70	Dança de Makomba.	188
Figura 71	Dança de Ntumi – Mapiko moderno.	189
Figura 72	Dança de Ntumi – Mapiko moderno.	189
Figura 73	Músico tocando Ntojo, grupo Ntumi da Aldeia Nhangá.	189
Figura 74	Grupo de Mapiko Chimbunga da Aldeia Chakomo.	189
Figura 75	Tocadores do grupo Mapiko em início de actuação.	190
Figura 76	Dança de Mapiko.	190
Figura 77	Dança de Mapiko.	190
Figura 78	Dança de Mapiko.	191
Figura 79	Grupo de Mapiko.	191
Figura 80	Escultores makonde, Junto ao mercado do peixe.	191
Figura 81	Escultor Valingue, junto ao Museu Nacional de Arte em Maputo.	191
Figura 82	Escultor Norte Nampada.	192
Figura 83	Escultor Ntchakacha, Junto ao Museu de Etnologia de Nampula.	192
Figura 84	Escultora Makonde, Reinata Sadimba, no seu atelier no Museu da história natural com o autor.	192
Figura 85	O senhor Jaime Marupa à conversa com o autor.	192
Figura 86	Máscaras de Mapiko.	193
Figura 87	Máscaras de Mapiko.	193

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Figura 88	Máscara de Mapiko com tatuagem e indona com dentes afiados.	193
Figura 89	Máscara Mapiko.	193
Figura 90	Máscaras de Mapiko.	194
Figura 91	Máscaras de Mapiko.	194
Figura 92	Escultura em pau-preto com cerca de cento e vinte anos.	194
Figura 93	Escultura em pau-preto com cerca de cento e vinte anos, colecção de Francisco Ginjeira	194
Figura 94	Senhor Alves procurando raízes de Mulala.	195
Figura 95	O autor com o senhor Ofico procurando plantas medicinais em Chedenguele Gaza.	195
Figura 96	Antigo combatente da FRELIMO.	195
Figura 97	Antigo combatente da FRELIMO.	195
Figura 98	Antigo combatente da FRELIMO.	195
Figura 99	Biti Mingonda, antiga combatente, chefe da OMM da localidade Itanda Nangade.	196
Figura 100	Duas mulheres da aldeia de Nanhagaia.	196
Figura 101	Mata pronta para ser queimada e que irá dar origem a uma machamba.	197
Figura 102	Mulheres com capulanas garridas e multicoloridas.	197
Figura 103	Mulheres Macua.	198
Figura 104	Mulheres Macua.	198
Figura 105	Mulheres Macua.	198

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Figura 106	Mulheres Macua.	198
Figura 107	Mulheres Macua.	199
Figura 108	Os Caretos. Os diabos de Trás-os-Montes, VI Festival Internacional Máscara Ibérica.	199
Figura 109	Caretos de Trás-os-Montes.	200

Preâmbulo

A matéria vertida neste volume de anexos e suplementos, dividida em quatro blocos, surge como consequência natural da nossa vontade em aprofundar o conhecimento sobre o povo Makonde. Neste contexto, reuniu-se um conjunto de informações que, de uma maneira ou outra, nos permitiu avaliar melhor o percurso deste povo na história e no tempo em particular de 1960 à actualidade.

Consideramos que, para fazer a caracterização deste grupo étnico, que despertou o nosso interesse particular, foi importante saber como os Makonde reagiram perante as adversidades naturais, geográficas, políticas e temporais, preservando grande parte dos seus traços culturais, aspectos que os distinguem e identificam como povo central na etnologia multifacetada de Moçambique.

Os assuntos aqui apresentados funcionaram como âncoras ao trabalho expresso no corpo da tese, podendo, ao mesmo tempo, servir-lhe de complemento.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

BLOCO 1
DOCUMENTOS DE APOIO

1 - O Percurso do Povo Makonde – do final do século XIX ao século XXI

O Planalto de Mueda tem sido palco de múltiplas cenas em que os actores principais acabam sempre por ser os Makonde. Os que falam Shimakonde, constituem a maioria da população do Planalto, e conseguiram preservar a imagem de um grupo com num espírito de resistência nato e feroz, que defende a sua liberdade individual, do Likola (clã) e depois a etnia, com uma persistência marcante, resiliência que se regista na sua história e que se funde com a lenda.

Este povo, em grande parte, opôs-se tanto à dominação de outros grupos étnicos aparentados, invasores, como à dominação portuguesa, por resistência activa e passiva.

A sua imagem de guerreiros invencíveis, indomáveis e ferozes, o ritual da escarificação do corpo e em particular da face, e dos dentes talhados em bico, consolidaram essa figura dominadora. Este retrato dos Makonde parece ser feito á medida e desenho de um povo heróico e mediático, enquanto combatente pela independência, contra ocupação pelas tropas coloniais, e utilizado como símbolo da resistência, imagem única na história da fundação de Moçambique.

Para melhor se compreender como os Makonde progrediram e se libertaram do estigma tenebroso de ferocidade incontrolável e atingiram níveis intelectuais impensáveis para os observadores que os estudaram até à década de 60 do século XX, elaboramos, com base na história contada e textos bibliográficos, um percurso desde o início deste século até ao presente.

Numa altura em que a leitura e a escrita se tornam relevantes como meio de comunicação, a iliteracia a que este povo foi sujeito, contribuiu para prolongar o seu subdesenvolvimento. Verifica-se, assim, que a deficiente escolaridade indígena em Moçambique, particularmente em Cabo Delgado, contribuiu para o atraso civilizacional desta região, circunscrevendo os Makonde ao isolamento no seu espaço geográfico. No entanto, graças à sua tenacidade, os Makonde começaram a assumir outro lugar na história, adequando-se às oportunidades civilizacionais, rompendo mesmo com algumas tradições, tais como as relacionadas com as linhagens familiares, mutilações e decorações do corpo.

1.1 - A Região de Cabo Delgado 1900-1924

Quando se fala na etnia Makonde e se refere todas as suas características guerreiras, idealizamos um povo permanentemente em guerra, irascíveis, prontos ao confronto com outros povos ou lutas fratricidas. Mas os Makonde eram e são, um povo que em grande parte trabalha a agricultura de subsistência e produtiva, portanto, poder-se-á dizer que tinham a catana numa mão e o instrumento agrícola na outra

Os militares portugueses que intervieram nos combates contra as tropas do império germânico, potência ocupante do então Tanganhica, não desenvolveram uma estrutura interventiva no Planalto no sentido de controlar o povo Makonde.

Conforme afirma Milton Correia no seu trabalho a Soberania do Norte de Moçambique no Período de 1886-1918, de facto, foi mínima a intervenção portuguesa para o desfecho da situação militar que no período de 1917-18 afectou os três territórios da colónia de Moçambique a norte do Zambeze, existindo apenas uma presença militar portuguesa registada em concentrações pontuais em Porto Amélia, Palma, Mocímboa da Praia e Chomba. Estas estavam organizadas em função da defesa da integridade da colónia, face à eventualidade de imediata invasão alemã em 1914. Tal presença foi depois desdobrada para aquela que veio a ser a curta marcha a norte do Rovuma (CORREIA, 2010).

Segundo NEIL-TOMLINSON (1977), à data, já existia um tecido administrativo colonial em Moçambique, que era estruturado em postos administrativos e militares, a invasão alemã sugere que a fragilidade dessa estrutura colonial foi a base da facilidade e rapidez com que os alemães executaram a extensa ocupação militar na área da concessão da companhia do Nyassa, o mesmo com relação à sua progressão pelos distritos de Moçambique e Quelimane.

Nas vésperas da segunda invasão, foram desdobradas forças portuguesas pelo território da companhia do Nyassa cujas posições em curto período de menos de um mês, entre Novembro e Dezembro de 1917, acabariam por ser ocupadas pelos alemães transferindo-se os seus materiais de guerra, reservas alimentares, hospitalares e diversos equipamentos para a força alemã. Desde então, não mais se falaria de relevante movimentação militar portuguesa direccionada para contrapor a progressão da invasão alemã da colónia portuguesa, para além da evacuação dos postos que então

representavam o tecido administrativo e político português na região (PÉLISSIER, 2006).

A história da administração colonial está cheia de registos contraditórios observados nos estudos de diferentes relatórios e análises históricas onde se constatou a existência de pontos de vista sobre os mesmos, nem sempre coincidentes.

Marcos Arrifes (2005) refere “...a declaração de guerra e a subsequente proclamação do estádio de sítio, implicam também em 1916 um conjunto de medidas relacionadas com os súbditos alemães, residentes em território moçambicano, os quais são imediatamente colocados sob vigilância militar, prevendo-se mesmo a sua posterior concentração em locais a designar...” e continua “...Criam-se então os chamados depósitos de prisioneiros na Beira e em Lourenço Marques, onde serão então internados muitos súbditos Alemães, Austríacos e até alguns Turcos residentes em Moçambique, que efectivamente se irá aplicar com bastante vigor e a suspensão de todos os direitos civis dessas populações originárias dos países de tripla-entende Alemães, Austríacos, Turcos ou suspeitos de simpatia para com eles, como sucedeu com alguns cidadãos suíços, que também são agora detidos, porém, nem sempre estas medidas preconizadas resultaram, porque, ainda segundo este autor “...Por outro lado, as acções sobre os súbditos alemães também foram irrelevantes, permitindo apenas que alguns dos citados depositários se apoderassem de algumas fortunas que nunca mais devolveram...” (ARRIFES, 2005, pp.153-155).

O processo de afirmação e consolidação de uma estrutura burocrática e administrativa, que até então mais não era que uma mera realidade virtual, começa timidamente a estender-se a todo o território. Também a educação, que terá destaque na nossa pesquisa, teve um período doloroso e fragmentado que mereceu a atenção de vários investigadores, entre os quais Ana Isabel Madeira, que estudou o panorama educacional em Moçambique, em particular desde as primeiras décadas do século XX que refere: “nos anos 20 os professores, em Moçambique, pressionados pelo avanço dos ingleses, sentiam a necessidade de ensinar rapidamente a língua portuguesa, os valores e os símbolos nacionais e procuravam métodos eficazes de leitura e de escrita. Consideravam urgente introduzir algum experimentalismo pedagógico e relacionar a leitura e a escrita com os artefactos e as actividades locais parecia – lhes a melhor estratégia (MADEIRA, 2005; 2007; vol. 41; pp. 31-60).

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Mário Teixeira Malheiros, na altura Inspector de Instrução Pública, num relatório datado de 1928, descreve-nos uma situação oposta no que concerne à relação de Portugal com súbditos Germânicos em Moçambique: “...*No Colégio Europeu, onde não são admitidas crianças pretas nem mestiças, o ensino e a educação são ministrados por pessoal alemão, havendo somente uma professora portuguesa, transgredindo-se assim o disposto no artigo 6.º, e 1.º da portaria n.º 594, de 15 de Novembro de 1917, que nesta parte ainda não foi revogada...*” (MALHEIROS, 1928, pp. 237-238).

O Inspector acrescenta (com um certo sentimento de frustração, segundo a nossa percepção) “...*Um dos fins do ensino primário é formar a consciência do cidadão (decreto n.º 5:787- A, de 1919, artigo 1º) e enquanto durar a luta de ambições entre os diversos Estados, o primeiro sentimento cívico a cultivar na criança é o amor da sua Pátria, para a defender à custa dos maiores sacrifícios, incluindo o da própria vida. Mas, o amor da Pártia não o pode inspirar quem o não possua, não o poderá nunca inspirar uma educadora estrangeira, a não ser moralmente anormal...*” E continua “...*São alemãs, as professoras do Colégio Europeu de Lourenço Marques. Os alemães apoderavam-se ontem de Quionga, esfacelavam com metralha nas linhas do front os soldados portugueses e invadiam esta Colónia, matando os soldados de Moçambique, e no dia seguinte entregámos a senhoras alemãs, não diplomadas, a educação da nossa infância, tendo aliás na Metrópole centenas de professoras sem colocação, de acentuado patriotismo, e tanto ou mais competentes do que as alemãs...*”.

Em jeito de desabafo patriótico, Malheiros continua “...*É uma alemã que há-de ensinar às crianças portuguesas a participação de Portugal na Grande Guerra, o glorioso episódio de 9 de Abril, o roubo de Quionga...*” Quanto ao funcionamento das escolas, acrescenta “...*Funcionaram em Lourenço Marques diversos colégios de pessoal exclusivamente português e nenhum foi subsidiado pelo Governo. Só recebeu subsídio o Colégio Europeu, cujas professoras, alemãs foram pagas com o dinheiro que a Colónia destinou a serviços missionários. A Alemanha não só, não subsidiaria, e nem mesmo tutelaria, um colégio em idênticas condições...*” (MALHEIROS, 1928).

O problema da organização e consolidação administrativa do território de Moçambique foi sempre um ‘Calcanhar de Aquiles’ ao desenvolvimento ponderado, evolutivo e tranquilo. Em 1933, através do Decreto-Lei N.º. 23229, o Governo Colonial Português aprovou a reforma Administrativa Ultramarina. Com vista a adaptar

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

inteiramente as exigências da reforma administrativa ultramarina, foram adoptadas algumas regras na nomeação de aspirantes, chefes de postos, secretários de circunscrição e administradores de circunscrição (NÓVOA, 1999).

Os graus de hierarquia administrativa nas colónias portuguesas eram os seguintes:

1. Governador-geral e Governador da Colónia;
2. Inspector-geral da Administração Colonial;
3. Governador da Província;
4. Inspector Administrativo;
5. Intendente de Distrito;
6. Administrador de Circunscrição;
7. Secretário de Circunscrição;
8. Chefe do Posto;
9. Aspirante Administrativo.

De acordo com a Reforma Administrativa Ultramarina, o Governador-geral ou Governador da Colónia era, em todo o território, o mais alto representante do Governo da República, a autoridade a todos superior, tanto na ordem civil como na militar, era o Administrador Superior da Fazenda Pública na Colónia (NÓVOA, 1999).

“... As terras de África Oriental estavam dependentes do Vice-Rei da Índia (Portuguesa). Este território depois chamado Moçambique, por ser a ilha de Moçambique um ponto estratégico importantíssimo na rota índica, era governado por um Capitão General e as terras do continente por um Tenente General, ambos subordinados ao Vice-rei...” (REGO, 1970). Estas incursões, apenas pretendem lembrar as vicissitudes de longos e perturbados séculos do exercício do poder sobre tão extensas áreas geográficas em horizontes distantes, mas decisivamente procurados e mantidos. A presença de Portugal nestas terras distantes, por estranhos desígnios, um

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

pequeno país fracamente povoado por tão poucos recursos humanos, mas que não o demoveu de se movimentar em todos os sentidos da roda dos ventos.

Estranho povo lusitano, permanentemente em conflito consigo próprio, inapto, quantas vezes, boçal e medíocre, realiza feitos notáveis que persistem no tempo, pelejando e lastimando-se até à exaustão, ao mesmo tempo que suporta cargas físicas e emocionais, desbarata orgulhos, cultiva falsas modéstias e suporta sacrifícios incontáveis, resiliente, resiste como granito às convulsões do “Tempo e dos Modos”. Fez grandes feitos e pequenas minudências.

Ambicioso, não guarda o que tem, agarra-se ao vento para ir mais longe. Sofre com o que perde e sofre pelo que ainda não alcançou. É um retrato confuso, a preto e branco. É uma amálgama de sentimentos, virtudes e maldades. Provavelmente foram mais os momentos de obscuridade visual do que a capacidade de se organizar e projectar com clareza a sua índole humana e positiva, sobrepondo-se, na maioria das vezes, o obscurantismo de dirigentes e colaterais.

Neutel de Abreu, em 1924, à frente de uma coluna expedicionária, “pacificou” e ocupou as terras altas de Cabo Delgado. Esta força militar teve apoios importantes entre a população Makonde, sendo o mais destacado Nkapoka, chefe Makonde já com ligações ao sector comercial (CANN, 2001).

A ocupação portuguesa veio permitir e facilitar a abertura de linhas comerciais entre o Planalto e a zona litoral, permitindo que os comerciantes de Mocimboa da Praia viajassem até Mueda e os chefes Makonde passassem a ir com regularidade aos entrepostos do litoral (SILVEIRA, 1957).

A economia colonial sobreviveu durante muitos anos na base de uma dependência de dois sistemas, o trabalho migratório e o trabalho e agricultura coercivos, mesmo depois da abolição formal das culturas obrigatórias e do trabalho forçado (FERREIRA, 1963). O colonialismo português introduziu mecanismos impeditivos do crescimento de uma burguesia negra, agrícola ou comercial (BRITO, 1980).

Assim, embora houvesse uma diferenciação de classe e até mesmo alguns ‘koulaks’ e pequenos comerciantes, o sistema de produção agrícola e industrial

manteve-se nas mãos da burguesia portuguesa (WUYTS, & O'LAUGHLIN, 1981; FIRST *et al.*, 1983; CEA, 1998).

À data, os bens transaccionados pelos Makonde eram produtos agrícolas, marfim, goma copal e borracha *Landholphia*.

Sobre a transacção da borracha, já antes António Enes observou e comentando que o comércio da borracha passou a ser adulterado porque: “... *A Exportação da borracha só é importante em Cabo Delgado e os negros desvalorizam este artigo desde que aprenderam com os brancos, seus leccionadores de fraudes a mistura-la com terra ...*” (ENES, 1946; p.16).

Os produtos comercializados pelos agentes comerciais recém chegados, em particular os indianos, eram as armas, pólvora, panos, sal e açúcar. Segundo Massano de Amorim, citado por Marco Arrifes, a acção de Neutel em 1924 foi um marco importante após o fracasso da gestão da companhia da Niassa (ARRIFES, 2005; p.71).

Desta forma, não é de espantar as seguintes afirmações de Massano de Amorim, Comandante da primeira expedição a Moçambique, quando em 1914 chega a estes territórios: “... *sem caminho-de-ferro, sem linhas telegráficas, sem estradas, sem força militar... com ladrões e bandidos em vez de polícias e sem protecção de espécie alguma aos indígenas... Não é para admirar que à data da chegada da expedição do meu comando aos territórios da Companhia do Niassa os postos administrativos fossem uma vergonha, os militares uma irrisão, a ocupação uma mistificação, a cobrança de impostos uma violência, a subordinação do gentio uma utopia e a viação um esforço grosseiro...*” (Massano Amorim, citado por ARRIFES, 2005, p.71).

A partir desta data, cessa a actividade de comércio de escravos (que os Makonde capturavam no mato ou nas incursões ás zonas baixas do Planalto). Muitos destes indivíduos – homens e mulheres – que não eram vendidos, ficavam integrados nas aldeias e passavam a fazer parte do clã que o capturou, (depois de serem submetidos aos rituais das tatuagens, escarificações e mutilação dentária). A organização social e administrativa das aldeias em Mueda até à ocupação portuguesa, funcionava como clã familiar de 50 a 100 casas. Os residentes destas aldeias eram habitualmente famílias, os parentes, amigos próximos e os escravos integrados. Cada aldeia funcionava como pequeno estado. O chefe da aldeia era a autoridade máxima. Era ele que distribuía as

terras, dirigia o comércio, arbitrava os conflitos e dirigia as cerimónias religiosas e aplicava a justiça.

1.2 - A influência colonial na economia do planalto de Mueda

Sabe-se que a potência ocupante transporta sempre alteração ao sistema vigente em qualquer território. Naturalmente surgem transformações dos hábitos e tradições sociais e políticas da área (SANTOS, 2003). Assim, foi alterado o sistema político e administrativo das aldeias, com a introdução de impostos, a introdução de culturas intensivas de maior rendimento, do trabalho obrigatório, procurando-se aumentar o índice de exportação.

O território do norte de Moçambique era administrado pela “poderosa” Companhia de Nyassa que impôs um modelo próprio de gestão administrativa, política e social em detrimento dos processos tradicionais; “agrupando várias aldeias cujos chefes se tornaram subordinados do chefe de Grupo de Aldeias que era chamado Capitão-Mor”. Este cargo era ocupado por transferência do tio para o sobrinho.

No ano de 1964 existia 134 Capitães-Mor para 23 Regulados em toda a circunscrição dos Makonde Segundo o historiador ADAM, estes em determinado número, dependiam de um Régulo (Regedor) – *Nkulungua* em Shimakonde (ADAM, 2006; LIESEGANG, s/data). Este sistema criado pela Companhia de Nyassa fragilizou e entrou em crise cerca de 1957 (NEIL-TOMLINSON, 1977).

Naturalmente, o sistema de competência por transferência familiar “Tio/Sobrinho”, as modificações económicas, sociais, o avanço do catolicismo e alfabetização, criou clivagens e divergências entre os que assumem em consequência do Estado Colonial e os que resistem da forma silenciosa ou agressiva, de acordo com as circunstâncias do momento (MARQUES, 1998).



Figura 1: Mapa de Moçambique - A ocupação territorial das duas companhias de Moçambique e Nyassa, sublinhadas a amarelo, correspondiam praticamente a 50% da área de Moçambique.

Fonte: MARQUES & DIAS, 2003.

As referências à inoperância e à incapacidade de a Companhia de Nyassa¹ construir um sistema de desenvolvimento integrado do território são muitas (PERY, 1993).

Na opinião de vários investigadores e em particular de Marco Arrifes, esse problema foi agravado pelas expedições militares portuguesas, que guarneciam a fronteira norte de Moçambique, nas margens do rio Rovuma, durante a guerra de 1914/18 e também devido à presença de tropas germânicas estacionadas no Tanganica (MARQUES, 1998; ARRIFES, 2005).

A agravar a situação havia as deficiências materiais e a exiguidade dos recursos postos à disposição das forças expedicionárias. Depois havia também dificuldades de

¹ A Companhia de Moçambique foi fundada em 1888 por J. C. Paiva de Andrade, J. P. Oliveira Martins e outros, sobretudo para a exploração de minérios, tornando-se, mais tarde, uma companhia majestática”. A Companhia do Niassa, também de natureza “majestática”, administrou o norte a partir de 1897. A região norte assinalada Lago, no mapa de 1947, mudou o nome para Niassa por decreto nº 39858 de 20/10/195.

relacionamento com a Companhia do Nyassa e com o próprio Governador-geral (PERY, 1993).

Marco Arrifes escreve no seu trabalho “...os problemas com os funcionários da Companhia do Nyassa começam logo a partir do momento em que se constata que todo o vasto espaço sob a administração desta Companhia era um completo deserto em termos de organização administrativa e desenvolvimento material. Na realidade a acção da Companhia, limitava-se a cobrar os impostos de palhota, pagar a empregados e recrutar pessoal para recolher impostos, como já anos antes Mousinho de Albuquerque tinha referido...” (p.122)

Daqui decorre um relacionamento extremamente tenso com as forças expedicionárias, até porque havia o receio entre os administradores da referida organização, que as vastas propostas de reorganização estrutural de Massano de Amorim, acabassem por implicar uma afectação das capacidades orçamentais da Companhia (GALVÃO e SELVAGEM 1950; MARQUES, 1998; ARRIFES, 2005).

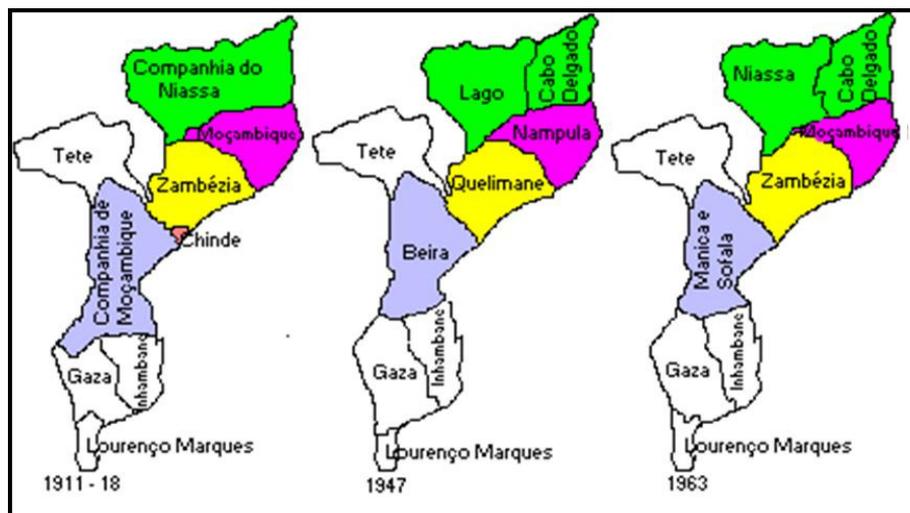


Figura 2: Mapas de Moçambique desde 1911 até 1963 durante o domínio das “Companhias”.
Fonte: MARQUES, e DIAS, 2003. (Atlas Histórico de Portugal e do Ultramar Português).

1.3 - O Ensino em Moçambique - Cabo Delgado

Só é possível fazer o crescimento e desenvolvimento de qualquer país ou região se os programas de educação efectiva forem aplicados de forma persistente, contínua e uniformemente estendida a toda a população, e acompanhados de reformas e condições

sociais e de saúde, pilares fundamentais para o êxito desses programas. Só por leviandade ou desconhecimento da história da humanidade ocorre pensar que um povo arredado dos benefícios da civilização pode ser eternamente domado pelo chicote, pela fome ou trabalho forçado.

Se é verdade que existia uma grande fragilidade nas estruturas coloniais, na segunda metade do século XIX, também é certo, que foram feitos esforços para a implantação do sistema educativo em Moçambique (MADEIRA, 2005).

Na tese de doutoramento em história, de Casimiro Jorge Simões Rodrigues, sobre “As vicissitudes do sistema escolar em Moçambique na segunda metade do século XIX”, nas conclusões o autor destaca: *Em primeiro lugar, no território/colónia de Moçambique houve um esforço claro, físico, material, ao longo da segunda metade do século XIX, para fazer chegar a “instrução” aos africanos. De assinalar que esse esforço é, pois, anterior a todos os estudos que o assinalam como parte integrante e exclusiva da colonização do século XX* (RODRIGUES, 2008; p.14).

A criação de estabelecimentos de ensino, durante a segunda metade do século XIX, espalhados pelas diferentes regiões de moçambique, apesar das dificuldades inerentes à situação de Portugal, país pobre e marginal na Europa em que se integra, fundamenta a tese, que as raízes educativas e da instrução em Moçambique, assim como a difusão da língua portuguesa, têm raízes no século XIX (MADEIRA, 2007).

Rodrigues na referida tese de Doutoramento destaca a existência de vários relatórios oficiais, que espelham o panorama escolar vivido em Moçambique, no final do século XIX (a nós interessou-nos particularmente a informação que o autor recolheu e escreveu sobre o distrito de Cabo Delgado) e que demonstram cabalmente esse esforço, todavia insuficiente e precário, revelador da incapacidade do colonizador (RODRIGUES, 2008).

Também pela importância para o nosso estudo em referência socorremo-nos do Relatório de Carvalho, Ferreira: 1930, do qual destacamos: “...*No relatório anual de 1875, o Governador do distrito de Cabo Delgado refere que o aproveitamento escolar não lhe parece dos mais profícuos. Desde 1868, época em que houve o último exame, até à data ainda não se habilitou qualquer aluno, apesar de os haver desse tempo e alguns com mais de 16 anos de idade... ...A opinião sobre o baixo rendimento dos*

alunos mantêm-se ao longo dos anos: III – Existem n'esta villa duas escolas de instrucção primaria do sexo masculino, sendo uma regida pelo pároco d'esta freguezia Annibal Gomes de Paula, a outra creada no batalhão de caçadores nº 4, para instrucção das praças d'este corpo, regida pelo tenente quartel mestre António Augusto Gomes; tem esta sido frequentada algum tempo por alunos externos...” e continua: há também uma escola do sexo feminino regida por D. Mary Ferreira, concorrida por pequeno número de creanças, todas as que há na villa. Muito se poderia conseguir dos povos indígenas se este grau d'instrucção se estendesse para o interior do districto; para demonstrar o seu atraso bastará dizer que entre uma população tão numerosa poucos são os indígenas que falam portuguez. Julgo portanto indispensável que este assumpto, a meu ver de muitíssima importância, seja estudado e resolvido superiormente...”

Ainda sobre Cabo Delgado relativo ao ano económico de 1892-1893, Ferreira de Carvalho, enquanto Governador de Distrito. No ponto III o autor menciona: “... *que existem duas escolas de instrucção primária do sexo masculino – a do sexo masculino de instrucção primária e a paroquial, juntando-se-lhes uma escola do sexo feminino...*” (CARVALHO, 1930, p.6).

“... De 1869 a 1895 a vida da Colónia foi agitadíssima, constantemente perturbada pelas revoltas de algumas tribos e pelos acontecimentos que precedem o ultimatum, o que impediu a realização completa do sábio plano de Rebelo da SILVA. Apesar disso as escolas de instrucção primária não deixaram de funcionar, criaram-se ainda a elemental do Mossuril e a de Artes e Ofícios de Moçambique (18789, e obrigaram-se os patrões de mais de 200 serviços e os arrendatários dos prazos de mais 2000 colonos, a criar e sustentar escolas para educação das crianças indígenas.”

O autor continua “...*O ultimatum de 1891 pôs em relevo a necessidade de intensificar a nacionalização das colónias e designadamente a de Moçambique, o que só se conseguia com agentes civilizadores de nacionalidade portuguesa. O sentimento patriótico, ferido em pleno coração, criou um grande número de associações que se propunham preparar missionários católicos portugueses e exercer uma larga acção missionária nas colónias...*” (CARVALHO, 1930, p.6).

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Longe da massificação do ensino, apenas a muito custo, funcionavam poucas escolas públicas, tendo missões religiosas, pagas pelo Estado a responsabilidade dum ensino que deixava a desejar. Se o ultimato já tinha provocado uma tragédia no projecto educacional, a inércia e depois o já referido conflito mundial, cujas hostilidades com Portugal, foram iniciadas no norte de Moçambique (MADEIRA, 2007).

“...O governo Português, sobretudo a partir do grande movimento liberal do princípio do século XIX, isento de qualquer preconceitos de raça, sem receios de hipotéticos perigos da independência política ou de abandono do trabalho e apreciada serenamente e com justiça a mentalidade indígena, adoptou a política de assimilação e de franca solidariedade nacional, que tendo a elevar gradualmente da vida selvagem à vida civilizada dos povos cultos a população autóctone das suas províncias ultramarinas. Esta orientação seguida no Brasil e que este, após a independência, continuou num belo rasgo de humanidade e à qual deve o seu viver tranquilo e próspero, ressalta de toda a legislação e documentação oficial do Governo Português, posterior a 1820...” (CARVALHO, 1930, p.3).

Quanto ao tipo de ensino ministrado, a instrução ligava-se e visava o doutrinação e a propaganda, aspectos para cuja eficácia poderia contribuir o uso das línguas locais. O uso das línguas é, paralelamente, objecto de interesse por parte de diversos religiosos que procuram, desse modo, fazer os indígenas aceder ao português (ROSA, 1954; Boletem Geral do Ultramar; Separata 343-344).

O conceito de disciplina patente nas escolas europeias não deixaria de esbarrar com algumas dificuldades quando aplicado a alunos africanos. Meios diferentes, aspectos de sociabilidade distintos, formas de tratamento diversas, condicionalismos que rodeiam as crianças na sua infância e as próprias relações familiares não poderiam deixar de exercer o seu peso na própria noção de disciplina de uns e outros (MADEIRA, 2007).

1.4 - A República e o ensino

Foi complexa a relação entre as missões e os Governos da República e da Colónia. Após o ano de 1910, e em pleno regime republicano, as escolas de ensino primário multiplicam-se e vão acompanhando, cada vez mais de perto a legislação da Metrópole.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Em consonância com esta afirmação, pode-se ler no Anuário do ensino: “...*Celebrando o primeiro aniversário da República e convertendo em realização o pensamento que inspirou o decreto de 21 de Setembro de 1904, o Alto-comissário de Moçambique criou em 1911, a Escola Prática Comercial e Industrial 5 de Outubro e abriu o crédito preciso para ser imediatamente instalada...*”. Sobre o assunto, Teixeira Malheiro afirma: “...*dado que as escolas de ensino primário multiplicam-se e no seu funcionamento vão acompanhando, cada vez mais de perto a legislação da Metrópole...*” (In: CARVALHO, 1930).

A política de ensino que emerge do regime republicano instalado na metrópole tenta abrir novos horizontes ao ensino nas colónias, particularmente em Angola e Moçambique, porém mais uma vez se instalam pressões para dividir o ensino por brancos e negros sendo os últimos colocados em desvantagem assinalável, sendo Cabo Delgado um território paradigmático (NÓVOA, 1999).

Num relatório publicado em 1910, o Secretário-geral Sousa Ribeiro afirma “...*Poucos são os coloniaes, dos que eu conheço, que não insistam em afirmar que ao preto se deve ministrar, de preferencia, o ensino profissional...*” (RIBEIRO, 1910)

Também Eduardo da Costa, que fora Governador de Moçambique, se posicionava a favor da autonomia local, o que significava aderir à especialização das leis reguladoras da vida colonial. Isto porque se o Governador era quem, em princípio, vivendo e convivendo na colónia sabia das suas dificuldades - sobretudo em relação aos costumes dos seus indígenas e a ineficácia das medidas tomadas pela metrópole, logicamente, deveria ser ele o responsável por tomar medidas adequadas às condições locais. Algo que significa afastar-se do direito comum elaborado pela metrópole e criar, ou sugerir, normas “especiais”.

No que diz respeito ao sistema de ensino e qual o seu papel na Província, este autor refere que ela se deve “...*limitar, por agora, ao ensino profissional e elementar*”, *tanto mais que intentar dar educação litteraria á massa geral dos indigenas, nem mesmo chega a ser uma boa utopia. Que farão elles desses conhecimentos? Pelo contrário, a província, a civilização e elles proprios, todos teem a ganhar com a sua aprendizagem das artes manuaes, como carpintaria, serralharia, agricultura, etc., mas a isso se deve reduzir a instrucção profissional e mal irá se a quizerem transformar em*

artes de ornamentação ou cousa idêntica. A instrução elementar deve servir para habilitar os filhos do paiz, sobretudo os mestiços, aos pequenos empregos publicos e commerciaes, para os quaes não é fácil, nem conveniente, arranjar europeus...” (COSTA, 1946).

Em 1911, foi criada a Escola Prática Comercial e Industrial 5 de Outubro e abriu o crédito preciso para ser imediatamente instalada. Em 1919 instalava-se o Liceu com a organização e programa dos liceus da Metrópole e funcionavam algumas aulas do Curso Elementar, praticando-se em algumas estações missionárias o ensino agrícola e profissional.” No entanto, o Estado Republicano sentia-se impotente para intervir sobre as missões e debatia-se com falta de meios humanos affectos ao ensino, devido a esses factos. Assim, é promulgada a lei “Número 233 de 22 de Novembro de 1913, permitindo a criação de missões civilizadoras officiais, formados só por leigos e que se absteriam de qualquer acção religiosa. Para a formação deste pessoal, converteu-se em 1917 o Colégio da Missões Ultramarinas em Instituto das Missões Coloniais” (MADEIRA, 2007).

Todos os encargos económicos eram suportados pelo Governo, pelo que foi fácil criar, em 1919, quatro missões laicas em Moçambique, que foram regulamentadas por um Decreto de 2 de Janeiro de 1920. No entanto, as missões religiosas eram mantidas e subvencionadas pelo erário público, que era aplicado de acordo com outro Decreto de 1919. Todas estas garantias e vantagens favoreciam as missões civilizadas laicas, tendo-se fixado para os missionários e auxiliares os respectivos vencimentos, superiores aos dos professores de ensino primário elementar, diplomados pelas escolas normais da metrópole, deixando não obstante plena liberdade de acção ao Director das missões, que podia nomear, colocar, transferir e exonerar o pessoal a quem o Estado pagava o vencimento e a aposentação.

Em 1930, através do “Acto Colonial”, é criada a legislação que regula a relação de Portugal com as suas colónias, e é também neste ano que é criado o ensino indígena, através do qual a potência colonial procura assegurar que as populações locais tenham acesso à instrução formal em Português (FREITAS, 1963).

Vale a pena assinalar que é ainda nesta primeira metade do século XX que surgem os primeiros jornais literários em língua portuguesa - nomeadamente “O

Africano” e “O Brado Africano” - que assinalam a existência de uma elite moçambicana local produtora de um discurso culto em Português (GONÇALVES, 2009, p.213).

Também foi em 1930 que abriu “...*A primeira Escola de Habilitação de Professores Indígenas com 73 alunos, sendo 42 internos. O curso normal é de quatro semestres lectivos, nos quais, além da cultura geral, os alunos recebem a necessária preparação pedagógica...*” e tendo em conta o aumento da população civilizada na Colónia, sobretudo em Lourenço Marques, reclamando uma separação cada vez mais acentuada entre ensino das crianças indígenas e o das civilizadas, em proveito de umas e de outras, e a necessidade de regulamentar o ensino ministrado pelas missões religiosas, deu origem aos diplomas legislativos n.º 168, de 1929, e 238, de 1930, que organizam todo o ensino indígena da Colónia” (CARVALHO, 1930, p.11).

A escolarização por decreto não foi conseguida conforme os dados estatísticos referidos, mantendo-se a iliteracia, o que favorecia os desígnios de muitos “civilizadores”. Em 1929 funcionavam já na Colónia 258 escolas indígenas, oficiais, subsidiadas e particulares, nas quais se encontravam matriculados 30613 alunos. O ensino era ministrado por professores nativos, “de raça preta convenientemente preparados”. Com este sistema de ensino nunca seria possível qualquer resquício de integração e quando se tentou a mudança era tarde.

Da leitura do Anuário do Ensino de Colónia de Moçambique 1930, elaborado pelo, Inspector da Instrução Pública, depreende-se as dificuldades da implementação de um serviço adequado de instrução pública. É de salientar a existência de uma legislação importante, no entanto a sua aplicação era mais difícil. Dado que os agentes públicos e privados (missões), os primeiros por falta de condições logísticas, os segundos pela distorção dos princípios humanos e deveres sociais e religiosos, não souberam expressar em resultados esperados pelas linhas orientadoras dos diferentes projectos de ensino (AZEVEDO, 1962; MADEIRA, 2007).

Quadro 1

Estatística do Ensino Primário em 1930

Distrito	Ensino Elementar		Ensino Rudimentar		Total	
	Escolas	Alunos	Escolas	Alunos	Escolas	Alunos
Cabo Delgado	4	140	2	85	6	225
Colónia de Moçambique, total	59	10018	214	25368	263	35386

As raças estavam representadas da seguinte maneira:

Distrito	Ensino Elementar				Ensino Rudimentar				Total			
	Branco	Mestiço	Indianos	Pretos	Branco	Mestiço	Indianos	Pretos	Branco	Mestiço	Indianos	Pretos
Cabo Delgado	17	101	3	19	*	*	*	85	17	101	3	104
Colónia Total	1568	1552	335	6563	3	239	70	25056	1571	1791	405	31619

Fonte: Anuário do Ensino (1930, p. 183).

Esses projectos, embora bem elaborados, resultariam em processos ineficazes, particularmente no que respeita ao desempenho de muitas missões cristãs, tal como a sua incapacidade de levar a bom porto a cristianização, como era moda ou pretensão.

1.5 - Missões Religiosas e a Educação em Moçambique até aos anos 60

Para chegarmos à cultura Makonde tivemos necessariamente de percorrer os diferentes caminhos, interrogamo-nos sobre muitos porquês e socorremo-nos de muitas fontes, e a questão religiosa missionária foi um meio de compreensão.

O comportamento dos missionários marca naturalmente a adesão de adeptos que ou por necessidade ou por referência à mensagem assumem o cristianismo permitindo que os seus filhos sejam baptizados. Também é verdade que a “palavra de Deus” era recebida a maior parte das vezes por necessidade não espiritual mas sim devido à miséria de vida e dos poucos bens que recebiam das missões, particularmente no que

concerne à saúde e apoios às crianças. As missões, religiosas ou laicas, procuravam antes as benesses para a sua própria subsistência, mantendo as populações a seu cargo, na sacrossanta ignorância, tentando adaptar os ritos étnicos por outros à sua feição.

Não foi possível, em tempo, instituir uma identidade nacional porque o próprio comportamento das missões de diferentes nacionalidades actuavam em interesse do seu próprio umbigo e origens, estigmatizando a portugalidade, e as missões portuguesas digladiavam-se mais ou menos silenciosamente entre si.

Em 1907 o Governador-geral, Frei de Andrade, regulamenta o ensino indígena “... ministrado pelas missões estrangeiras e estabelece o programa desse ensino. “Verificando que é com professores de (raça preta) que mais eficaz e economicamente se alfabetizam os indígenas, manda abrir na Escola Distrital de Lourenço Marques um curso gratuito da língua portuguesa para indivíduos de cor que se destinassem ao ensino dos indígenas...”. Para se perceber a pinião sobre a Evangelização Católica Romana atente-se aos escritos num boletim oficial de 1870: “... Em 1869 o pároco de Ibo, Teotónio Abranches vai missionar a Moçimboa da Praia e baptiza 112 pessoas, tendo já antes baptizado em Querimba 103 pretos.

O governo da colónia louvou-o (B. O. N.- 8 - 1870) e nomeou-o professor provisório da escola principal de Moçambique. Enquanto este apóstolo paroquiou o Ibo havia em cada mês cerca de 30 baptizados. O seu sucessor fez em Agosto de 1870 três baptizados, em Setembro seis e em Outubro um”.

A explicação da diferença é dada pelo padre Teotónio Abranches no ofício que dirigiu ao Governador de Cabo Delgado em 20 de Dezembro de 1869: “os indígenas não tinham dinheiro para pagar ao padre...” Anuário do Ensino (1930).

Em 1880 o Governador Truão relata a avareza e ganância dos frades Dominicanos em Rios de Sena. No mesmo ano, o Governador de Cabo Delgado em 20 de Dezembro (B. O. N.- 8 - 1882) afirma que os padres das congregações religiosas, com “raríssimas” excepções se esforçavam (até traficando na escravatura e usando meios violentíssimos) por aumentar as suas riquezas. “Do exposto conclui-se que a acção nacionalizadora e civilizadora que os indígenas da Colónia recebem das missões católicas não corresponde aos sacrifícios que com elas fazem os cofres públicos da Colónia”.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Em 1889, o Governador do distrito de Cabo Delgado, lamenta a inexistência de missionários *“hábeis, instruídos e trabalhadores que pudessem, pela sua acção, propagar a religião de Cristo e instruir o indígena “boçal e ignorante” na agricultura, artes e ofícios. Seria uma forma de contrabalançar os “maometanos” que ali vão recrutando seguidores para junto de si “pela propaganda” e pela “convivência”, pois que a maioria dos indígenas “são monhés, e não largam a cabaia e o cofio...”* (RODRIGUES, 2008).

Assim centrámos a nossa atenção num relatório oficial, rico em detalhes informativos e com a garantia de veracidade. A preocupação em relação à divulgação do Catolicismo Apostólico Romano ficou expressa por Mário Teixeira Malheiro no referido documento. *“... A acção religiosa das missões avalia-se pelo número de convertidos. Vejamos o que dizem os mapas estatísticos enviados pelo Sr. Director das Missões Católicas: Ano de 1927 – De 138 escolas das missões católicas, 38 com 2.767 alunos não tinham um único baptizado, e 31 com 6.129 alunos tinham apenas 300 católicos. Pelo que toca às outras escolas, vemos as 6 da Missão de S. Roque de Matutuine com 413 alunos sem haver um só que não fosse católico, dando-se ainda a circunstância de estar a Missão a cargo de uma senhora»* (Maria de Jesus da Silva). *«Ano de 1928 – Das 125 escolas, 24 com 2.566 indígenas matriculados não tinham um único católico e em 29 com 4.122 alunos só havia 126 católicos. O mapa da Missão de Angónia, que em 1927 tinha 12 escolas sem aluno algum católico entre os 409 matriculados, não indica neste ano a religião dos alunos».* (CARVALHO, 1930, pp. 238-239).

Ressalvamos que neste estudo damos mais ênfase às questões relacionadas com a região de Cabo Delgado, berço das etnias sobre a qual nos debruçamos, e porque a natureza do tema se cruza com as preocupações de J. DIAS, cuja obra várias vezes citamos. Afirma Dias: *“ ...Toda ou praticamente toda a responsabilidade educacional das populações africanas e não só, sobre o domínio colonial português esteve entregue a missões religiosas que normalmente se degladiaram entre si, não fugindo à regra, as missões Católicas Apostólicas Romanas, sendo conhecidas as divergências entre Jesuítas, Dominicanos e Franciscanos...”* (DIAS, 1957).

Quadro 2

Missões Católicas Francesas e Holandesas Presentes em Cabo Delgado
Sagrado Coração de Jesus – Pemba
Santa Maria de Namuno – Montepuez
São Paulo de Mapate – Pemba
Sociedade de Maria de Montjort

Também os italianos tiveram uma missão instalada em Zumbo (Tete) e Nyassa - a Congregação da Consolata (COMROFF & COMAROFF, 1991).

Missões em Moçambique de outras religiões:

Quadro 3

Missões Protestantes por país de origem	
Romandi	Suíça
Weslyana	Inglesa
Babptista	Escandinávia
Nazarena	Americana
Holiness	Inglesa
Anglicana	Inglesa
Baard	Americana
Metodista Episcopal	Americana
Metodista Livre	Americana
Escocesa	Inglesa
Anglicana das Universidades	Inglesa

Nenhuma destas instalou qualquer sucursal em Cabo Delgado, particularmente entre os Makonde.

Quadro 4

Relatório referente aos anos 1927/1928 - N° de Alunos Católicos

RELATÓRIO REFERENTE AOS ANOS DE 1927/1928 N° DE ALUNOS CATÓLICOS						
Com os dados fornecidos pelos mapas dos dois anos (1927 e 1928), forma-se este outro :						
Número de ordem	Escolas	Missão a que pertencem	Alunos ma- triculados		Católicos	
			1927	1928	1927	1928
1	Vatsecula.....	S. Jerónimo.....	108	89	-	-
2	Mafabase.....	S. Jerónimo.....	103	83	-	-
3	Cavelene.....	Nossa Senhora de Lourdes	196	134	-	-
4	Inhacutze.....	Nossa Senhora de Lourdes	147	129	-	-
5	Chaü.....	Nossa Senhora de Lourdes	187	151	-	-
6	Chisambelene.....	Nossa Senhora de Lourdes	136	120	-	-
7	Chisapela.....	S. João de Deus.....	53	89	-	-
8	Nhacuarra.....	S. João de Deus.....	43	79	-	-
		<i>Total.....</i>	<i>973</i>	<i>874</i>	<i>-</i>	<i>-</i>
1	Chiconela.....	Nossa Senhora de Lourdes	308	109	1	-
2	Cumbene.....	Nossa Senhora de Lourdes	170	124	1	-
3	Mangolene.....	S. Jerónimo.....	100	107	1	1
4	Xibuco.....	S. Jerónimo.....	117	113	2	1
5	Magaia.....	S. José.....	106	97	3	2
6	Marramene.....	Nossa Senhora de Lourdes	172	125	22	-
7	Manhiça.....	S. Miguel Arcanjo.....	330	460	7	3
8	Odinepa.....	S. Pedro.....	207	180	7	-
9	Mebabara.....	S. Pedro.....	85	100	5	1
10	Mogincual.....	Santa Bárbara.....	232	292	3	6
11	António Enes.....	Santa Rosa de Viterbo.....	320	319	21	8
12	S. Luiz Gonzaga.....	Santa Rosa de Viterbo.....	346	339	21	11
13	S. Paulo.....	Santa Rosa de Viterbo.....	459	408	37	19
14	Inhafoco.....	S. Benedito.....	274	196	48	13
15	Padre Bento.....	S. Benedito.....	520	212	18	7
		<i>Total.....</i>	<i>3:746</i>	<i>3:181</i>	<i>197</i>	<i>72</i>

Oito escolas com 900 alunos não acusam em dois anos um único aluno baptizado. Noutras baixa a percentagem, já insignificante, de católicos.
in: Anuário do ensino em Moçambique (1930 p238/9).

Fonte: Anuário do Ensino em Moçambique (1930, pp. 238-239).

Jorge Dias, no seu relatório de 1957, aborda também os esforços dos portugueses quanto à instrução e cristianização dos indígenas: “os mestiços recentes são

abundantes nas regiões de amplos contactos entre população colonizadora e os negros. Hoje esses mistos constituem 27-35% da população civilizada. Mesmo entre estes mistos, que são filhos de cristãos nota-se uma grande tendência para aderir ao islamismo. Em 1940 já havia 5.218 muitos maometanos, o que é verdadeiramente alarmante, pois esta massa de conversão espontânea, visto que os maometanos não podem exercer coação, é certamente índice de recalçamento e de grande descontentamento de uma população que devia constituir um elo entre a população branca e a negra, como sucede no Brasil, mas que pela atitude racista da população branca. Aliás esta tendência racista tem contribuído para que os filhos de brancos e de pretos não sejam muitas vezes legitimados pois estes receiam a crítica social o que é gravíssimo pois são mestiços biologicamente embora socialmente se consideram indígenas” (DIAS, 1957, p.24).

Quanto ao facto deste autor afirmar que os maometanos não exercem coação é um ponto de vista baseado no conceito moral. Mas se atentos, podemos observar várias formas de coação, como oferta de bens de primeira necessidade, alimentação nas madraças, ocupações profissionais secundária, sendo os lugares de responsabilidade apenas destinadas aos que encontraram Alá no caminho.

Jorge Dias continua... *“...O que interessa para o nosso caso é o idioma de um grupo fortemente islamizado e em pleno expansionismo. O seu sistema de ensino faz com que se difundam princípios religiosos que envolvam ideais políticos, perigosos para a nossa soberania. Estas preocupações sobre as conversações que os padres maometanos conseguem via escolar são o resultado da incapacidade que o estado português teve de implementar condições de ensino, pese o conjunto de boas instruções regulamentos e discretos quer dos governos geral de Moçambique, quer das missões católicas ou evangélicas...” (DIAS, 1957).*

Se Jorge Dias se surpreendeu pela falta de cristãos e pelo subdesenvolvimento intelectual, naturalmente procurou depois as raízes do problema e obviamente terá reconhecido que a situação da colónia estaria relacionada com tudo o que atrás escrevemos, e é esta também a nossa convicção.

Álvaro de Castro, Governador-Geral de Moçambique num texto muito importante para a compreensão do ensino em Moçambique no primeiro quartel do

século XX, foca alguns aspectos que se referem à evolução do panorama educativo em períodos anteriores, tais como (...) *a obrigação do Estado colonizador é instruir e educar a infância indígena, masculina e feminina, é necessário assentar primeiro na orientação a dar á instrução de modo a não se criar uma legião de desclassificados que, afastando-se da sua sociedade pelo motivo da educação obtida, não encontram na sociedade em que ingressam os meios de aproveitar a sua energia, conforme aos elementos de trabalho que a escola lhes forneceu...*” (CASTRO, 1914).

O atraso cultural e as situações menos boas, são fruto dos que tendo nas suas mãos a missão e o exemplo, apenas reflectiram a imagem distorcida do respeito pela dignidade e liberdade humana, não encaminhando os povos indígenas a outro rumo, que não fosse o conflito e o desejo de serem libertos dos que limitavam o seu direito à liberdade e ao saber (MOREIRA, 1990; MADEIRA, 2007).

2 - O “Estado colonial” – o início da resistência

Segundo Brito Camacho, Ministro em Portugal e Alto-comissário da República em Moçambique de 1921 a 1923, *"a primeira obrigação de um país colonizador é preparar as suas Colónias para a independência"*. Depois de citar documentos relativos à nossa antiga colonização ultramarina, acrescenta: *"Procedendo-se dessa forma, atingida a altura da independência, o País dominador deixará, é certo, de interferir directamente na Administração e no Governo do novo País, que preparou, mas tendo-se portado sempre como um bom Pai, continuará a exercer ali a sua influência espiritual pela língua, pelos costumes; e a material, pelas relações económicas..."* (CAMACHO, 1936).

Neste sentido, cabe lembrar que em 1951, por um simples decreto do Estado Novo, as colónias africanas portuguesas passaram a chamar-se províncias ultramarinas. (Pela lei N.º 2048, de 11 de Junho de 1951, aditou-se à Constituição o Título VII, sob a epígrafe “Do Ultramar Português”, consignando-se assim uma orientação mais assimiladora do que um Acto Colonial e mantendo-se os princípios da descentralização, da autonomia administrativa e financeira e da especialidade do Direito. Aqui reformulou-se a terminologia: de Império passou-se a Ultramar e de Colónias de terminologia republicana, a Províncias). Com isto, tentava-se dar uma forma orgânica ao que, até esse momento, tinha sido somente uma metáfora: as colónias

africanas como simples prolongamentos da Mãe Pátria. Desta forma, além de reforçar o princípio da unidade política entre metrópole e ultramar, procurando neutralizar as crescentes pressões das Nações Unidas a favor dos territórios ainda sem governo próprio (GARCIA, 2001).

Em 1962 durante o Conselho Ultramarino de 1962, apareceram várias teses, que seguiam duas linhas divergentes: uma, uniformizadora e integracionista e outra reformista, apologista de uma autonomia progressiva e irreversível. O projecto saído dessa reunião do Conselho Ultramarino era seguramente descentralizador. Contudo, quer a Câmara Corporativa, quer a Assembleia Nacional, foram contrárias à descentralização. Em 1963 uma nova Lei Orgânica é entretanto publicada, com ela substitui-se a autonomia progressiva e irreversível de todos os territórios, aceite em 1962, pelo projecto de integração económica do mercado português (MOREIRA, 1986).

Sabe-se quanto é ingrata e delicada a posição dos investigadores sociais dependentes de programas do Governo sujeitos a critérios políticos, que condicionam quase sempre os seus padrões éticos, morais, religiosos, políticos ou filosóficos.

Jorge Dias terá partido para Cabo Delgado, numa missão de serviço, consciente da dupla tarefa em que a segunda, enquanto antropólogo, cobria a primeira como agente observador social e político, tendo sido no terreno confrontado com questões que atingiram os padrões morais e sociais em particular no que concerne à portugalidade e os seus agentes em Moçambique (DIAS, 1957).

Os seus relatórios confidenciais, tantas vezes defensores do em Estado Novo, são no entanto cáusticos e críticos à inabilidade da política colonial no que diz respeito ao desenvolvimento e enquadramento político do sistema. Também não são poupados alguns colonos pela qualidade e falta de tacto no tratamento social e “racial” com os indígenas.

Antes de efectuar o seu trabalho de campo entre os Makonde do norte de Moçambique a partir de 1957, Dias já havia realizado vários trabalhos de campo em áreas rurais de Portugal. Este dado não serve, apenas, como um simples aspecto cronológico, para ordenar, em forma linear, a sua trajectória, mas antes como um ponto de inflexão central, para entender que a experiência africana de Dias se nutre de um

antecedente fundamental, isto é, da experiência etnográfica na própria metrópole colonizadora.

A simpatia de Jorge Dias pelo regime e admiração e respeito por Adriano Moreira terão sido motivos que levaram à tentativa de suavizar a política Ultramarina do Estado Novo e contribuiu para criar um estereótipo nacional, mas também foi o início de uma carreira que, mais tarde, ficaria comprometida com o “nacionalismo” veiculado no próprio discurso colonial português. No caso de Portugal, o apelo ao carácter nacional é produto de uma estratégia para mostrar ao mundo de pós-guerra a singularidade da cultura portuguesa e, assim, o carácter *sui generis* do colonialismo português.

A atitude de Jorge Dias torna-se mais visível a partir dos depoimentos em relatórios, ainda não publicados, feitos a pedido do Ministério do Ultramar. Num desses Relatórios comenta um percurso realizado em automóvel desde Moçambique, passando pela União Sul-Africana, até Angola, em 1960. O companheiro dessa viagem foi Charles Wagley (DIAS, 1957; DIAS, 1967). A sua estratégia consistiria em mostrar a Wagley um Moçambique sem tensões raciais: algo assim como a política da assimilação em pleno funcionamento, o lusotropicalismo observado no próprio terreno colonial. Essa intenção foi explicitada num dos seus Relatórios confidenciais, aos quais, durante muito tempo, os investigadores não tiveram acesso. O antropólogo português sabia que sua tarefa divulgadora de um ultramar supostamente cordial não seria fácil (DIAS, 1967).

“...A fim de conseguir levar a cabo a empresa a melhor maneira, resolvi mostrar-lhe primeiro Moçambique. Eu sabia que Moçambique, onde a atitude de segregação racial é mais nítida, apesar dos esforços empregados para os combater, seria a Província que mais críticas e objecções levantariam. Além disso, a má reputação criada pelo Prof. Marvin HARRIS, relativamente a Moçambique, não se podia apagar facilmente e deixaria sempre resíduos no espírito dos seus amigos. Por isso, visitando o Sul do Save, que é a região de Moçambique mais influenciada pelo português, no bom sentido, e procurando rebater algumas acusações infundadas que nos foram feitas, ou colocando no seu lugar alguns problemas, cujas conclusões estavam erradas, porque não tinham sido bem-postos, podíamos com vagar modificar um pouco sua opinião...” (DIAS, 1957, p.5). No entanto Jorge Dias confirma-nos as

preocupações políticas do governo central e o secretismo das suas observações no terreno. “...*Os Makonde, pela sua óptima situação, em contacto com os outros e mesmo junto da fronteira do Tanganica, permitem observar toda uma série de processos de aculturação e, sobretudo as relações humanas, em face de problemas criados pelos interesses internacionais. Este segundo aspecto, que está mais internamente relacionado com o estudo das minorias étnicas, será tratado já neste relatório, visto que pela sua natureza confidencial não poderá ser publicada na monografia sobre os Makonde.*” (DIAS, 1957, p.2).

Os Makonde foram, escolhidos intencionalmente, não pela particularidade étnica, mas pela sua posição geográfica, facilitada, supostamente, pelo conhecimento que Jorge Dias tinha dos estudos de Weule sobre este povo, efectuados em 1906. O que é natural, visto que fez os seus estudos na Alemanha, onde teve acesso à obra do autor Germânico, (*que só recentemente foi traduzida em Maputo para a língua portuguesa - ver edição Maputo*) (DIAS, 1964 a; WEULE, 2000). Tal facto veio facilitar grandemente os dois grandes objectivos, primeiro prendendo-se com a investigação social e política da província, e em particular de Cabo Delgado, devido a posição estratégica com a vizinha Tanganica (Tanzania) e segundo a oportunidade de colher um manancial de dados, sobre o povo Makonde, incluídos numa monografia de quatro volumes, obra única na antropologia Portuguesa. Por outro lado, esta convicção prende-se com o facto de quando comparamos os desenhos das armadilhas de caça produzidos por Karl Weule, com os da monografia de J. Dias, identificarmos pormenores gémeos que não resistem a confrontos.

A curiosidade, eventualmente provocada pela leitura de Weule e a pretensa originalidade dos Makonde das duas margens do Rovuma, terá vestido como fato de alfaiate ao projecto Dias, que lhe daria cobertura na sua acção informadora como se depreende do que escreve: “...*Pode dizer-se que por necessidade do método, haveria toda a vantagem em permanecer longamente numa região onde se processaram inúmeros fenómenos de interesse capital para o estudo de minorias étnicas, mas que se o fizéssemos sem lhe dar o carácter de estudo etnográfico, de uma população primitiva, corríamos o risco de nos tornarmos suspeitos e de não penetrar nos meandros de certos problemas obscuros. Assim todas as suspeitas se desvaneceram, e o estudo dos*

Makonde, podia ser um simples pretexto para desviar as atenções, foi para nós objecto de um estudo (...) e verdadeiramente apaixonante...” (DIAS, 1957).

Desta dupla tarefa sem dúvida que resultarão duas proposições excelentes, sendo a monografia um marco relevante no estudo étnico cultural dos Makonde – (Mavia). Mas as preocupações sobre o destino do império colonial português, tinham para J. Dias uma razão de ser: - Július Nyérere desenvolvia no Tanganhyca esforços para a independência (*A Tanzânia, é uma ex-colônia britânica e conquistou a sua independência em 1961. É composta por uma República Unida da Tanzânia e Zanzibar*) e apoiava os movimentos independentistas moçambicanos. Todavia o desejo deste líder era o de anexar a região norte de Moçambique (Cabo Delgado e Nyassa), isto é, do Rovuma ao rio Lúrio, sobre o pretexto de unir os Makonde das duas Margens do Rovuma. Jorge Dias percebeu claramente este projecto por detrás da máscara cínica da política dita emancipadora.

“Nyerere, na campanha eleitoral de 1962, realizava comícios exclusivos para imigrantes Moçambicanos que incitava à rebelião contra os Portugueses. Nestes comícios salientava a necessidade de unir a faixa do território Moçambicano, a norte do rio Lúrio a região dos Makonde do sul da Tanganica”. Análise global de uma guerra – Moçambique (GARCIA, 2001, p.153).

Para a ideia central desta dissertação, a análise do pensamento de J. Dias embora relevante, não é a única, apenas nos socorremos do que escreveu nos relatórios para melhor entendermos o espírito da época e a representação dos respectivos actores.

3 - A vida no Planalto Makonde - Actualidade

A visão directa que efectuamos em Cabo Delgado, foi por si só insuficiente para sustentar uma análise realista e objectiva, e ao mesmo tempo abrangente, de modo a reflectir conscientemente o actual panorama da vida e desenvolvimento em Cabo Delgado. Fomos confrontados com realidades duras e injustas mas, na análise que tivemos oportunidade de efectuar, observamos também, um esforço imenso em transportar para a modernidade, populações, que ainda vivem em condições infra-humanas. Hoje, observa-se um esforço sistemático nas melhorias das condições de vida, no campo da saúde, da educação, das vias de comunicação rodoviária e dos sistemas de informação. Assim, para melhor fundamentar esta observação, socorremo-nos da

informação disponível nos portais do governo moçambicano e da província de Cabo Delgado (GOV – CABO DELGADO 2010), Tivemos também acesso aos estudos de António Mubango Hoguanede sobre agricultura, pescas e turismo (HOGUANEDE, 2007), e de Ana Paula dos Santos Pinto, sobre a educação em Cabo Delgado (PINTO, 2008).

3.1 - Pemba - Capital de Cabo Delgado

Até 1976 a cidade de Pemba teve o nome de Porto Amélia, em homenagem à rainha Portuguesa. Esta cidade situa-se na baía do mesmo nome e tem cerca de 82 mil habitantes. Nos últimos anos, o número da população cresceu, segundo o Censo de 2007, no entanto o crescimento da cidade, mostra-se demasiado lento para responder às exigências que emergem em decorrência desse incremento. Os problemas da falta de água potável e erosão, na zona costeira (CENSOS 2007). Presentemente pemba está em franco desenvolvimento devido às descobertas de petróleo e gás.

No centro da cidade funcionam diversos tipos de negócios, formal e informal, Na zona baixa, sobretudo próximo do porto, encontra-se a cidade velha, com traça arquitectónica colonial. É também nesta zona onde se encontram o Governo e serviços públicos diversos, combinados com uma cadeia de estabelecimentos comerciais bem como um parque infantil onde funciona também uma creche.

Até 1975, as cidades moçambicanas estavam divididas em duas partes, (o que acontece ainda hoje, noutra contexto), sendo uma parte a cidade branca, também designada de cidade de cimento, de planta bem definida, as ruas pavimentadas e dispendo de serviços urbanos básicos, e a segunda parte a cidade negra, com habitações rudimentares, devido aos materiais utilizados, que caracterizava o tipo de habitação. Por exemplo, sabe-se que apenas a alguns quilómetros da capital, na cidade de Pemba, os bairros ainda são uma realidade desligada de quaisquer serviços municipais. Os bairros periféricos são exemplos bem acabados de lugares quase irrespiráveis, onde não foi respeitado nenhum plano de urbanização. Quase todos os dias, surgem habitações precárias em zonas baixas e em direcção ao mar. Na zona de cimento, além de pouco iluminadas, algumas ruas não têm asfalto. Assim, as áreas suburbanas, são constituídas por bairros de ocupação espontânea e anárquica, com carência de infra-estruturas urbanas e apresentam as maiores densidades populacionais das cidades. As vias de

acesso são tortuosas, e sem asfalto, a rede de abastecimento de água é deficiente (ADAM, 1986); (RIJSDIJK, et al 1992).

3.2 - Saúde – Estado actual em Cabo Delgado

A rede sanitária na província é constituída por 110 unidades sanitárias, sendo: 1 hospital provincial, 3 hospitais rurais, 17 centros de saúde do tipo I, 79 centros de saúde do tipo II e 10 centros de saúde urbanos. No ano 2010, na área da saúde foram efectuados esforços na redução das taxas de morbilidade e mortalidade da população em geral, e nos grupos de risco acrescido e desfavorecidos em particular. A taxa de nati-mortalidade passou de 2,75% em 2009 para 2,66% em 2010. Esse indicador representa melhoria dos cuidados sanitários prestados à população, associado à chegada atempada dos doentes aos hospitais e disponibilidade de medicamentos essenciais. PISCAD (Programa Integrado da saúde em Cabo Delgado).

Quadro 5

Evolução do Estado de Saúde da População				
Indicadores	Real	Real	Real	Evolução (%)
	2008	2009	2010	
Nati-mortalidade (%)	3.27	2.75	2.66	- 0.03
Mortalidade Inter-hospitalar (%)	5.4	5.4	3.2	- 0.69
Crescimento Insuficiente (%)	3.97	3.2	2.5	- 0.28
Baixo Peso a Nascimento (%)	12.33	12,9	13.1	0.02
PISCAD (Programa Integrado da saúde em Cabo Delgado)				

3.2.1 - Saúde Pública - HIV/SIDA

No que concerne às infecções de transmissão sexual (ITS's), houve uma ligeira subida de casos notificados no período em análise ao passar de 40.601 casos do ano de 2009 para 40.704 casos de 2010. Em relação ao HIV/SIDA, foram registados 13,256 casos, contra 11.017 casos de 2009, o que por si só, representa um agravamento de 21% (GRAÇA, 2002).

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

A província tem medicamentos suficientes para todos os doentes com SIDA e têm seguimento (trimestral e/ou semestral) segundo o estado serológico em que se encontra (Inquérito Demográfico e de Saúde 2005).

No ano 2010, nesta área, as atenções continuaram centradas na elevação do estatuto da mulher, na promoção de segurança, assistência e integração social dos grupos em situação de vulnerabilidade, particularmente, mulheres, crianças, idosos e pessoas portadoras de deficiência. (PISCAD, 2010)

3.2.2 - Recursos Humanos – Área da saúde

Durante o ano de 2010 foram colocados mais 8 médicos, 7 técnicos superiores, 135 técnicos médios e 37 técnicos básicos em toda a Província, no âmbito do PISCAD. Foram também formados técnicos de saúde, afectos nas Unidades Sanitárias em SIS, gestão de medicamentos, ITS, HIV/SIDA (TARV), PTV, no combate à malária e diarreias (PISCAD).

Quadro 6

Recursos Humanos e Formação Profissional					
Indicador	Plano 2010	Real		Ind. Realiz.	Taxa Cresc.
		2009	2010		
Médicos	51	43	51	100	18.6
Técnicos Superiores	38	31	38	100	22.6
Técnicos Médios	353	368	503	142.5	36.7
Técnicos Básicos	777	666	703	90.5	5.5
Técnicos Elementares	211	208	207	98.1	-0.5
Total do Pessoal Técnico	1,423	1.316	1,502	105.5	14.1
Relação H/Médico	21,778	30,199	24,803	113.8	-17.8
Relação H/Técnico Médio	5,059	4,696	4,077	80.6	-13.2
Relação H/Técnico	1,255	2,460	2,413	192.3	-1.9
Unidade de Atend./Técnico	7,499	6,670	7,337	97	10

Fonte: PISCAD (Programa Integrado da saúde em Cabo Delgado)

3.2.3 - Insuficiência na área de recursos humanos

Apesar do que foi atrás referido, os recursos humanos continuaram a ser insuficientes para as áreas específicas e de manutenção que modo a satisfazer a demanda da rede, face à existência de novas unidades sanitárias.

São notadas insuficiências ao nível das infra-estruturas sanitárias e outras. De referir o Centro Provincial de Abastecimento e residências para o pessoal, bem como elevadas barreiras administrativas para a condução dos processos de nomeações provisórias, promoções automáticas, progressões, centradas na emissão de registo criminal e cabimentos orçamentais. Verificava-se também elevada taxa de mortalidade materna e deficiente saneamento do meio e fraca educação sanitária.

3.2.4 - Perspectivas futuras na saúde

Também no mesmo relatório, se afirma que é necessário incrementar acções de formação inicial, formação contínua e solicitação de incremento ao Ministério da Saúde dos números de profissionais a colocar na Província, face a extensão da rede sanitária; Continuar a identificar fontes de financiamento para a construção de mais US's, (unidades sanitárias) sobretudo para o nível periférico; Apoio às secretarias distritais na formação/capacitação dos técnicos; Reduzir a Mortalidade Materna; Existe também a necessidade de intensificar acções de saneamento do meio e Educação para Saúde (Inquérito Demográfico e de Saúde 2005).

3.3 - Mulher – O papel da Acção Social

No âmbito da promoção da mulher, foi promovido um Seminário de capacitação em matérias de HIV/SIDA, foi criado um Banco de dados sobre género e finanças rurais para técnicos da DPMAS e dos SDSMAS, com um total de 16 participantes de todos os distritos da província. Foi também divulgada a Lei sobre Violência Doméstica (Lei nº 29/2008 de 29 de Setembro) junto dos Gabinetes para Assuntos Jurídicos da Mulher a nível dos distritos, tendo beneficiado 80 conselheiros distritais e 60 participantes comunitários, entre os quais 64 são mulheres. Ainda no âmbito da promoção da mulher, foram capacitadas 29 participantes em representação das instituições micro financeiras e associações femininas dos distritos de Chiure, Balama, Namuno, Montepuez, Nangade,

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Mocimboa da Praia, Mueda e Ancuabe. - Gabinete para os assuntos Jurídicos da Mulher em Pemba - Dados 2009/2010 (ARTHUR, 2009).

Foram também criadas 30 Subunidades de Promoção de Mulheres e Homens a nível das Localidades dos distritos de Mecufi, Chiúre e Pemba Metuge. Tendo cada subunidade 4 membros (2 mulheres e 2 homens) perfazendo 120 membros sendo 60 homens e 60 mulheres (Gabinete para os assuntos Jurídicos da Mulher em Pemba - Dados 2009/2010).

Quadro 7

Atendimento de casos de violência			
Casos Atendidos	ANOS		Taxa Crescimento
	2009	2010	%
Maus tratos	240	228	- 5
Divisão de Bens após divórcio	41	20	- 51
Provisão de Alimentos	34	26	- 24
Abandono de menores	00	00	00
Abandono do lar por parte do homem	58	25	- 57
Abandono do lar por parte da mulher	04	06	25
Adultério por parte da mulher	08	05	-38
Adultério por parte do homem	00	00	0
Violação de menores	01	03	200
Expulsão do lar	08	10	25
Violação de direitos após morte marido	08	05	-38
Casos em tribunal para melhor resolução	10	42	320
Conflitos conjugais	00	00	00

Legenda: 00 = sem dados

Fonte: Gabinete para os assuntos Jurídicos da Mulher em Pemba (Dados 2009/2010).

O Gabinete para os assuntos Jurídicos da Mulher em Pemba considera que é necessário promover a segurança, assistência e integração social dos grupos em situação de vulnerabilidade, particularmente, mulheres, crianças, idosos e pessoas portadoras de deficiência.

3.4 – A Educação

Cerca de 75% da população da Província de Cabo Delgado não sabe ler nem escrever, sendo a taxa de analfabetismo das mulheres (88,5%) superior à dos homens (60%). A partir dos 25 anos a taxa de analfabetismo no caso das mulheres supera os 90%. As taxas também variam de acordo com o local de residência das pessoas. Assim nas zonas rurais (79,2%) a taxa é superior à das zonas urbanas (54,8%).

A grande maioria da população de Cabo Delgado (86,5%) não tem nenhum nível educacional atingido, sendo tal percentagem de 78,4% mulheres. Entre os jovens com idade variando entre os 15 e os 19 anos, cerca de 86,7% não tem nenhuma escolaridade. Entre as pessoas com alguma instrução, a vasta maioria tem apenas o Ensino Primário. No que respeita às infra-estruturas do Ensino Primário do 1º Grau E. P. - 1 a província possui 567 escolas e 1920 salas de aulas (NETO, 2003).

Actualmente, existem escolas primárias do primeiro grau em todos os bairros da cidade, com destaque para a escola primária completa de Cariacol, a maior a nível nacional. Do total das salas de aulas, cerca de 64% são de construção não convencional.

No que respeita às infra-estruturas, do Ensino Primário do 2º Grau E. P. – 2, A província possui 23 escolas e 134 salas de aulas (das quais 3 são de construção precárias), sendo a Região Litoral aquela que regista maiores níveis.

Cabo Delgado possui ao nível do secundário geral do primeiro grau ESG - 1, apenas 6 escolas com 3.171 alunos matriculados, dos quais 22,4% são alunas. Em relação ao Ensino Secundário Geral do nível 2 a província tem unicamente duas escolas. Tem registado 340 alunos e 34 professores. Cerca de 25,6% dos alunos e 11,8% dos professores, são do sexo feminino (MABUNDA, 2004).

O nível técnico profissional é actualmente pouco expressivo na Província de Cabo Delgado, estando em funcionamento apenas duas escolas, sendo uma em Pemba e outra em Quissanga. Menciona-se ainda no sector da Educação na Província um Centro de Formação de Professores Primários, localizado em Montepuez, com 463 alunos, dos quais 28% são do sexo feminino, para 22 professores sendo apenas 2 do sexo feminino.

Existe ainda uma escola técnica de nível médio para a formação de professores, sob gestão de uma ONG. Na grande maioria dos distritos funcionam classes de

Alfabetização e Educação de Adultos, registando, no geral, 4.182 alunos, dos quais 58% são do sexo feminino. Neste nível leccionam 88 professores, na sua totalidade homens.

No ensino informal existem as madraças, escolas muçulmanas, onde se aprende o alfabeto árabe, a interpretar o Alcorão e os aspectos da educação geral. Em Pemba existem duas escolas muçulmanas patrocinadas pela *African Muslim Agency*, a Escola Secundária Fraternidade e Centro de Formação Profissional. São escolas do ensino geral com o mesmo regulamento, programas e as mesmas disciplinas que as restantes do mesmo ensino, com excepção das disciplinas extra-curriculares educação cívica e moral e língua árabe (GOV – CABO DELGADO 2011).

3.4.1 - Atendimento à Criança - Educação Pré- Escolar

Foram atendidas 4.363 crianças em idade pré-escolar, contra 3.900 planificadas, o que corresponde a uma realização de 112% e um crescimento em 15%, quando comparada com as 3.790 crianças de igual período do ano de 2009.

O sobre cumprimento deveu-se à entrada de mais 10 escolinhas comunitárias e 1 jardim infantil privado, o que perfaz um total de 11 novos estabelecimentos de educação pré-escolar distribuídos em 2 no Distrito de Pemba Metuge, 3 em Macomia, 1 no Ibo, 2 em Ancuabe, 2 em Quissanga e 1 em Pemba.

3.4.2 - O Ensino Superior em Cabo Delgado

Existem três universidades na Província de Cabo Delgado: a UNILURIO e a UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MOÇAMBIQUE em Pemba e a UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA em Montepuez.

A Universidade UNILURIO tem desde o ano de 2008 um Pólo universitário em Cabo Delgado com duas faculdades. A Faculdade de Engenharias (FE) e a Faculdade de Ciências Naturais (FCN) as faculdades funcionam em campus próprio, construído de raiz, entre 2009 e 2010 e estão localizadas na cidade de Pemba. A Universidade Católica de Moçambique abriu a Faculdade de Gestão de Turismo e Informática em 2002 onde ministra as seguintes licenciaturas e mestrados:

Licenciaturas:

- Contabilidade e Auditoria
- Direito
- Gestão de Turismo e Hotelaria
- Gestão do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais
- Psicopedagogia e Ensino de Empreendedorismo
- Psicopedagogia e Ensino de Tecnologias da Informação e Comunicação.
- Tecnologias da Informação

Mestrados:

- Desenvolvimento Económico Regional e Local
- Desenvolvimento Local e Gestão de Turismo
- Desenvolvimento Sustentável e Gestão de Turismo
- Tecnologias da Informação

A Universidade Pedagógica localiza-se na região sul da Província de Cabo Delgado, mais concretamente, no Município da Cidade de Montepuez.

A UP- Montepuez constitui uma Unidade Orgânica da Universidade Pedagógica. Foi criada a 19 de Maio de 2008, ao abrigo do Despacho N° 129/GRUP/08. No entanto foi só no ano seguinte a 2 de Março de 2009 que a UP-Montepuez abriu o Primeiro Ano Lectivo. O ano lectivo de 2009 abriu com um total de 152 estudantes, que ficaram assim distribuídos.

Quadro 8

Licenciaturas UP - Montepuez 2009	
Cursos	Nº estudantes
Licenciatura em Ensino do Português	59
Licenciatura em Ensino de Biologia	47
Licenciatura em Ensino do Química	45
Fonte: Universidade Pedagógica - Montepuez	

3.5 - Aspectos Económicos

A população de Cabo Delgado tem como principais actividades económicas a agricultura familiar, a pecuária, a pesca artesanal, o comércio e a exploração florestal. A população economicamente activa corresponde, aproximadamente, a 75,2% da população total (ADAM, et al. 1988); (HOGUANEDE, 2007).

O sector primário (agricultura, silvicultura, pescas e extracção mineira) absorve 87,4% da população activa. Em termos de peso específico, os sectores que mais contribuíram na produção global da Província de Cabo Delgado, foi a agricultura e pecuária (52%), indústria e pesca (23,9%), transporte (16%) e turismo (6,9%) (GOV – CABO DELGADO 2011).

3.5.1 - Indústria

O sector industrial na Província do Cabo Delgado é constituído basicamente por duas unidades de extracção de recursos minerais e seu tratamento primário (mármore e grafite), unidades de processamento de algodão e de castanha de caju, e de produção de cobertores.

O restante "parque industrial" é basicamente constituído por unidades de pequena dimensão vocacionadas para a moagem de cereais, produção de mobiliário de madeira, serralharias, salinas, produção de sabão, padarias e cerâmicas. É também de referir, pelo seu significado histórico na província, a indústria de "construção naval", que vem registando nos últimos anos um crescimento significativo (GOV – CABO DELGADO 2011).

3.5.2 - Agricultura

A agricultura tem como principal função o fornecimento de alimentos às populações. Também o comércio rural desempenha um papel crucial no desenvolvimento sócio-económico das comunidades locais, segundo estatísticas do Plano Estratégico de Desenvolvimento de Cabo Delgado 2001-2005, o comércio de bens ligados à agricultura na província, tem mais expressão do que a indústria.

Após a independência o governo nacionalizou a terra, a propriedade privada foi proibida, as terras e empresas dos colonos transformaram-se em empresas estatais ou,

em alguns casos, em cooperativas. No entanto, os Makonde alegam que o hábito da linhagem deve prevalecer. Argumentam sempre que a terra é dos seus antepassados, deste modo é impossível aplicar o preconizado pela constituição, no que se refere às terras no Planalto. Segundo os próprios, usa-se o consenso (Kwiguany, 1997). Assim, o fim da luta armada significou para os Makonde o retorno às origens, onde tinham as suas árvores os seus antepassados e sobretudo as suas terras. (ADAM et al., 1981).

3.5.3 - Área Ocupada por Culturas Alimentares

A área cultivada na campanha 2009/2010, foi de 1.001.991 hectáres de culturas alimentares diversas, dos 910.996 hectáres planificados, o que representa uma realização de 110% e um crescimento de 2% quando comparado com os 985.947 hectáres da campanha anterior.

De salientar que da área cultivada, foram perdidos 2.591 hectáres de culturas alimentares diversas, causadas por inundações dos rios Messalo e Montepuez ataques de pragas e doenças, conflito Homem/Fauna bravia, contra 10.253 hectáres, o que representa um redução de 75%. Relativamente ao processo de preparação de terras, a província contou com 43 tractores, 32 moto cultivadoras e 248 juntas de tracção animal, o que contribuiu para o aumento das áreas lavradas em relação a campanha passada.

Na campanha 2009/2010 foi registada uma produção de 2.083.297 toneladas, das 1.791.574 toneladas planificadas, o que representa a uma realização de 116% e um crescimento de 36%, quando comparadas com as 1.535.206 toneladas produzidas em igual período da campanha 2008/2009. Quanto ao cumprimento da meta, este ficou a dever-se à disponibilidade de semente melhorada e por ter sido assegurada a assistência técnica directa as famílias camponesas, controlo das pragas e doenças, crédito de campanha pelo Fundo de Investimento de Iniciativa Local e a boa distribuição da precipitação (GOV – CABO DELGADO 2011).

3.5.4 - Pecuária

Cabo Delgado possui, por natureza, excelentes condições para o desenvolvimento da actividade pecuária, particularmente em termos de campos de pastagem e água. Contudo, a falta de tradição na criação de gado bovino, a existência da

mosca tsé-tsé, em algumas zonas e a ausência, em número suficiente, de infra-estruturas de apoio tanques carracidas, corredores e centros de controlo sanitário, tornam esta actividade pouco expressiva, condicionando também o seu desenvolvimento.

O efectivo pecuário é constituído fundamentalmente por gado bovino, suíno, pequenos ruminantes e aves, assumindo o sector familiar a parte mais significativa.

O sector empresarial começa a ter expressão e é já de registar a existência de criadores nas proximidades das regiões urbanas, nos distritos de Pemba/Metuge, Mecufi e Montepuez. Devido aos baixos custos relativos há investimentos e cuidados veterinários, associados ao reduzido ciclo reprodutivo, as aves (galinhas e patos) e os caprinos, e nos últimos tempos também os ovinos, na sua maioria, fazem parte das espécies mais exploradas, em sistema extensivo, em quase todos os distritos da província, pelo sector familiar (NETO, 1962).

Parte significativa da produção pecuária é desenvolvida pelo sector familiar em condições tecnológicas extremamente baixa, a nível rudimentar. Ainda que sejam relativamente expressivos os indicadores dos efectivos existentes, os produtos pecuários registados como vendidos, a nível de toda a província, não têm qualquer significado.

O sector empresarial, contribui com níveis de comercialização dos produtos pecuários, variando entre os 81% e os 87%. Os preços do sector empresarial são ligeiramente superiores aos praticados pelo sector familiar, daí que os valores de comercialização sejam acima dos níveis praticados nos volumes (entre 87% e 91%).

O sector familiar, ainda que registe, em termos globais, maiores efectivos pecuários, a sua contribuição (prestada) para a comercialização é insignificante, variando entre os 13% e os 19%, o que em termos de valor varia entre os 9% e os 13% (GOV – CABO DELGADO 2011).

3.5.5 - Florestas e Fauna Bravia

O potencial florestal existente aponta para uma capacidade de abate médio anual, das diferentes espécies florestais, de cerca de 60 mil metros cúbicos, tendo-se registado nos últimos anos, um máximo de cerca de 14 mil metros cúbicos (1995). Ainda que assim seja, a Província apresenta pouco desenvolvimento em actividades industriais que acrescentem valor aos recursos florestais de que está dotada, pois esta

tem sido preterida, por razões exportação da madeira em bruto (toros). (GOV – CABO DELGADO 2011).



Figura 3: Madeiras nobres à entrada da vila de Mueda (2011).
Foto de Ntaluma.

Os recursos florestais têm também um forte valor económico para as famílias, quer como material de construção, quer para a produção de energia. (CUNNINGHAM e CAMPBELL 2006).

Na exploração florestal ao nível de toda a província, operam actualmente 38 agentes devidamente licenciados e estão em vigor 90 licenças de abate. As principais riquezas da fauna da província situam-se igualmente nas Regiões Norte e Centro, nos distritos de Nangade e Macomia (JOHNSTONE et. al. 2004).

No distrito de Mueda, encontra-se situada a Reserva de Cabo Delgado com uma área de cerca de 214 mil hectares, que se constitui como que uma extensão da Reserva do Niassa. (GOV – CABO DELGADO 2011).

Levantamentos estatísticos recentes indicam que a reserva possui uma grande variedade de espécies raras e de valor turístico, algumas das quais em vias de extinção (rinocerontes pretos, cocones de luzeiro, impalas de johnstoni). Existe ainda um número

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

considerável de outras espécies de mamíferos, destacando-se elefantes, búfalos, leopardos, hipopótamos, gazelas, zebras e pala-palas, para além de inúmeras espécies de aves. (GOV – CABO DELGADO 2011).



Figura 4: Exploração de madeiras nobres feita por uma empresa chinesa.
Foto de Ntaluma.

Para além da Reserva da Região Norte, a província dispõe igualmente de outras áreas de conservação, localizadas:

- ✓ Entre o rio Messalo e Quiterajo, predominam, as espécies como o elefante, o porco bravo, a hiena, o leão, o leopardo e o búfalo;
- ✓ Em toda a zona litoral de Quiterajo e Pemba existem elefantes, porco-bravo, hiena, leão, leopardo, cudo (aparentado com o veado), búfalo, cabritos e macacos;
- ✓ Junto às quedas do rio Lúrio, existem: o leão, o leopardo, o porco-espinho, a hiena e o crocodilo.

Em quase todos os distritos da província, registam-se espécies diversificadas de animais de menor porte e de aves, de rara beleza.

3.5.6 - Comércio

O comércio rural desempenha um papel importante no desenvolvimento sócio-económico das comunidades locais. O padrão de distribuição dos estabelecimentos comerciais acompanha, de certo modo, e como é natural, o padrão de concentração da população da província. (ADAM e SILVA 1989). Para além dos factores populacionais, também concorre para esta tipologia de distribuição geográfica da rede comercial, a acessibilidade das vias de comunicação e o nível de actividade de cada distrito. A província conta com 1.407 estabelecimentos registados, dos quais apenas cerca de 49% estão em funcionamento.

A Região Norte é a que revela menor nível de funcionamento e a que regista nível de cobertura mais baixa, ou seja, dos 139 estabelecimentos registados, apenas 40 (28%) estão em funcionamento, servem, cada um, em média cerca de 5.324 habitantes. (GOV – CABO 2011).

3.5.7 - Turismo

As principais atracções da Província, para efeitos de turismo, são constituídas por praias e mar, fauna bravia e ainda pelo património histórico-cultural das suas terras e populações. Cabo Delgado possui um potencial considerável para o desenvolvimento do turismo, nomeadamente o de praia ao longo da sua costa, com cerca de 425 quilómetros, e nas ilhas, complementado com actividades desportivas e outras de aproveitamento de todas as potencialidades que o mar oferece ao nível do desporto, incluindo o motorizado, mergulho e pesca desportiva, entre outros, e cinegético contemplando as excelentes paisagens e a grande diversidade da fauna bravia, onde se inclui a caça. Apesar das excelentes condições naturais, reside a problemática de infra-estruturas e serviços de alojamento em quantidade e qualidade. A província dispõe apenas de estabelecimentos turísticos com oferta de serviços com alguma qualidade na cidade de Pemba.

Na cidade de Pemba, em 1999, estavam registados 2 estabelecimentos hoteleiros de 3 estrelas, os quais disponibilizam 127 camas. O registo de dormidas nos referidos estabelecimentos, registou em 1999, um crescimento de cerca de 19% (3677, em 1999, contra 3.101, em 1998). Para além destas duas unidades, existem na província mais 21 estabelecimentos, sem classificação, com 278 camas, grande parte dos quais na cidade

de Pemba. Actualmente Pemba já tem hotéis com 5 estrelas. (GOV – CABO DELGADO 2011).

3.5.8 - Habitação

Do total do parque habitacional do País (3.540.700) Cabo Delgado possui cerca de 9,3%, o que corresponde a 330 mil habitações, colocando a província com um número de habitações somente inferior nas províncias de Nampula e Zambézia.

Contudo, do total do parque, apenas 1,5% é constituído por habitações de alvenaria (moradias, flats e apartamentos) passando Cabo Delgado a estar abaixo de todas as restantes províncias. Com efeito, cerca de 98,5% das habitações precárias, maioritariamente palhotas (GOV – CABO DELGADO 2011).

3.6 - Recursos hídricos - A problemática da água

Após a independência, as aldeias exigiam o abastecimento de água. (RIJSDIJK et al 1992). As soluções técnicas encontradas pelos portugueses para o abastecimento de água a Mueda foram seguidas pelo governo de Moçambique, mas num plano mais ambicioso e dispendioso (Cooperação Suíça 1992). A capacidade do sistema passou a ultrapassar os 20 litros por dia e por pessoa. Foram introduzidas tubagens com maior diâmetro, novos reservatórios e de maior capacidade e novos furos de captação. (ADAM e GRUBER,1987).

Instalaram-se novos equipamentos de bombagem. Em 1991 existiam 11 estações de água e 23 grupos de bombas. Em 1976/78, a UNICEF contribuiu com uma doação de 400.000 USD. Entre 81 e 89 foram investidos mais de dois milhões de US dólares (entrevista com Rungo Pahare) *in* arquivo (ADAM, 1992).

Após a euforia da multiplicação da água, os sistemas entram em crise por falta sucessiva de conservação. Havia aldeias que estavam três meses sem receberem água, outros mais de um ano. O sistema de Ntamba dos Makonde, estava programado para operar com três estações elevatórias, mas só funcionava com uma. (ADAM e GRUBER 1987). Em Chomba, programada para duas bombas, também só funcionava uma (o sistema fora atacado). O sistema de Shude tinha um melhor funcionamento mas era insuficiente. O descontentamento dos camponeses levava-os também á sabotagem de

tanques e tubagens: Nimu e Magogo foram um exemplo de obstrução á passagem de água para as outras aldeias. (EAPM 1991).

A Direcção Nacional de Águas, a braços com problemas económicos devido aos custos elevados, não só com a produção como também com a constante reposição do sistema, procedeu a um estudo para os preços da água a pagar pelos consumidores de Mueda, todavia estes preços não cobriam os custos reais. Assim, foi estabelecida uma tabela tendo em conta as diferenças de estratos económico-sociais. (EAPM 1991).

Quadro 9

Quantidade de água utilizada <i>versus</i> preços praticados		
Zonas	Quantidades	Preços praticados
Zonas rurais	20 Litros	20.000.00 Mt*
Zonas Urbanas	20 Litros	40.000.00 Mt*
Instituições	20 Litros	80.000.00 Mt*
Comerciantes	20 Litros	80.000.00 Mt*
Ligações por mês	-	3.000.00 Mt*

* Moeda Antiga

Fonte: EAPM, 1991.

Actualmente, na nova moeda nas zonas rurais 20 litros de água ficam entre 2 e 4 meticais, enquanto nas zonas urbanas – é de 40 meticais por mês. A motivação política foi o principal motivo para a implementação do sistema de água em Mueda e a sua execução baseava-se nas hipóteses de apoios externos. A gestão e elaboração de um plano social económico foram descuradas. Concretamente não se sabia de onde viria o dinheiro, qual a fonte de financiamento, como criar reservas para a manutenção e a logística de combustível, quer em quantidade de utilização diária, reservas e armazenagem e custos consequentes.

O projecto de abastecimento de água a Mueda servia mais eficientemente a zona norte do Planalto e não as zonas do sul, mais claramente povoadas e com elevado uso da terra – entrevista com Gugler, *in* (ADAM, 1982). A crise da água em Mueda é uma crise crónica, que só um plano eficaz e de elevado recurso económico pode resolver.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

O abastecimento de água às populações da Província de Cabo Delgado é uma das maiores dificuldades, sendo de destacar que apenas a cidade de Pemba possui um sistema funcionando com certa regularidade. Os outros centros populacionais possuem sistemas de abastecimento, cujo funcionamento é bastante irregular, como a cidade de Montepuez e as vilas de Mocimboa da Praia, Mueda, Macomia. Grande parte das áreas rurais não dispõe de água potável, o que obriga as populações a consumir água dos rios e poços tradicionais, com impacto sobre a saúde pública. (Cooperação Suíça – Moçambique 1982).

Em 1990, durante a celebração do 30º aniversário do “Massacre de Mueda” ocorrido a 16 de Junho de 1960, o presidente Chissano “ofereceu” meio milhão de USD para adquirir equipamento para o sistema de água de Mueda (150.000 USD) e para melhorar as estradas e o transporte (350.000 USD) - (o dinheiro foi usado pela EAPM - Empresa de Águas do Planalto de Mueda, para comprar o seguinte equipamento: 8 rádios, 1 prumo, 2 jipes, 13 motorizadas, 1 camião, 2 bombas de água, 1 gerador, 2 cilindros, e 10% do valor em rodas e ferramentas).

Em Moçambique, a cobertura média da água é de 54,9%, mas existem grandes discrepâncias. Nas áreas rurais a cobertura de água pode atingir os 30%. Segundo um relatório produzido pelo governo, “(GOV – CABO DELGADO 2011)” *a Província de Cabo Delgado conta com 2.199 fontes de água das quais 1.911 encontram-se operacionais e 288 avariadas, contra 2.058 do ano anterior, o que representa um crescimento de 7% e um nível de operacionalidade de 87%. A taxa de cobertura de água à população da província é de 66.9%, contra 61.3 do ano de 2009. Foram construídos 84 fontes de água (77 furos e 7 poços), das 84 planificadas, o que representam uma realização de 100% e um crescimento de 10.5%, quando comparadas com as 76 novas fontes de água construídas no ano transacto. Adicionalmente, foram construídas mais 60 fontes de água (furos) nos Distritos indicados no quadro abaixo, perfazendo um total de 144 fontes novas construídas ao longo do ano de 2010. In: (GOV – CABO DELGADO 2011).*

Quadro 10

Cobertura de água na província de Cabo Delgado					
DISTRITO	POPULAÇÃO RURAL ACTUAL Dados de 2009	POPULAÇÃO SERVIDA			Cobertura (%)
		Fontes	PSAA	Total	
Ancuabe	145.206	71.500	15.000	86.500	59.6
Balama	138.906	88.000	3.500	85.500	61.6
Chiúre	274.530	108.000	10.000	118.000	43.0
Ibo	8.413	8.413	-	8.413	100
Macomia	86.071	75.071	11.000	86.071	100
Mecufi	36.706	34.000	-	34.000	92.6
Meluco	27.268	22.268	5.000	27.268	100
Mocimboa. Praia	89.397	62.397	27.000	89.397	100
Montepuez	179.827	130.500	32.000	162.500	90.4
Mueda	115.610	1.000	55.000	56.000	48.4
Muidumbe	74.646	27.500	18.000	45.500	61
Namuno	195.390	92.500	-	92.500	47.3
Nangade	69.059	13.000	10.000	23.000	33.3
Palma	60.609	52.000	3.000	55.000	90.7
Pemba Metuge	65.167	60.667	4.500	65.167	100
Quissanga	41.558	39.558	2.000	41.558	100
Total	1.608.363	880.374	196.000	1.076.374	66.9

Legenda: PSAA = Pequenos Sistemas de Abastecimento de Água.
 Fonte: GOV – CABO DELGADO – BALANÇO DO PLANO ECONÓMICO E SOCIAL, 2011.

É importante salientar, que a problemática da água não tem sido relegada para segundo plano. Foi celebrado um acordo entre o Governo da República de Moçambique e o Banco Islâmico de Desenvolvimento (BID), assinado no dia 30 de Junho de 2011, em Jeddah, Arábia Saudita, no valor de 11.920.000,00 (Onze Milhões, Novecentos e Vinte mil Dólares Americanos), destinado ao financiamento do Projecto de Abastecimento e Saneamento de Água nas Províncias de Cabo Delgado e Gaza.

O Projecto, visa aumentar de forma sustentável, o uso e abastecimento da água rural e saneamento nas províncias de Cabo Delgado e Gaza. O seu escopo inclui infra-estruturas de abastecimento de água rural, saneamento rural, serviços técnicos de assistência e consultoria e gestão de projectos. (GOV – CABO DELGADO – 2011).

3.7 - O futuro no Planalto Makonde

A adopção das estratégias de desenvolvimento deverá ter em conta a actual característica da economia, que se traduz, fundamentalmente, pelos seguintes aspectos:

- ✓ Grande dependência económica da agricultura camponesa que, sendo geradora de excedentes, realiza a actividade a níveis tecnológicos e de produtividade extremamente baixos e significativamente contingente de actores naturais;
- ✓ Deficiências ao nível de infra-estruturas públicas, em particular das vias de acesso, de abastecimento regular de energia eléctrica e água potável;
- ✓ Inexistência de um sector industrial com capacidade para se constituir como dinamizador da actividade económica, através fundamentalmente do aproveitamento da produção local. (Oficina de História 1984; HONWANA, 1997).

No entanto, a Província de Cabo Delgado apresenta atractivos para investimentos. Possui extensas áreas com solos aráveis, incluindo recursos hídricos e condições naturais, para o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, em moldes intensivos. Tem uma costa marítima com cerca de 425 km de extensão oferecendo condições naturais para o desenvolvimento do turismo e da pesca; Existem dois portos, ao longo da costa marítima, sendo um deles, natural, com capacidade de recepção de navios de grande calado. Existem também outros recursos naturais com grande potencial de aproveitamento, designadamente, os minerais, a floresta e a fauna (JOHNSTONE, et. al., 2004).

4. - Rituais e analogias de outros povos em relação ao povo Makonde

4.1 - Os Macua – breve referência

Já se afirmou que os Macua, foram alvo de muitas de incursões dos Makonde com o objectivo de capturar mulheres. Estas, ao serem capturadas, eram obrigadas a casar, ficando a pertencer aos Makonde e sujeitas às práticas tradicionais identitárias desta etnia.

Os Macua, povo vizinho dos Makonde, começaram a abandonar a escarificação muito antes destes últimos, situação a que diversos investigadores já tinham feito referência, destacando-se, entre eles, Francisco Lerma Martinez e Eduardo do Couto

Lupi, tendo, este último, atribuído o facto à circunstância das terras Macua terem sido densamente islamizadas, o levou a escrever “... *que a tatuagem dentro de poucos anos, será uma coisa do passado...*” (LUPI, 1907; MARTINEZ, 1989).

Lupi (1907) fornece-nos uma descrição mais ou menos detalhada dos padrões de escarificações habituais. O desenho clássico é constituído por uma lua crescente na testa, com os pontos de descanso sobre as têmporas, e alguns pontos ou traços cruzados, enquanto nos cantos da boca podem exibir-se desenhos em forma de XX.

Entre as mulheres raramente se encontra um desenho completo e quando estas são tatuadas, os sinais são limitados a pequenas cicatrizes na testa ou nas zonas laterais da boca, nos ombros, nos quadris e na barriga. Às vezes, a forma em crescente é duplicada, envolvendo cinco linhas verticais acima dos olhos. Por vezes, são formados por diversos padrões, com uma série enorme de escarificações. No corpo, especialmente sobre os seios e os ombros, também são vistas algumas tatuagens de diferentes formas, mas seja qual for a forma, são sempre simétricas (MARTINEZ, 1989).

4.2 - As Pinturas corporais e faciais na mulher macua: O M'iro

Na África Subsariana, a biodiversidade da natureza constituiu sempre um argumento poderoso e determinante para a sobrevivência e desenvolvimento dos povos, que encontram nesta generosidade a resposta para as mais diversificadas e elementares necessidades, desde alimentares até curativas, passando pelas estéticas e rituais. Os segredos da sua especificação e utilização resultam do conhecimento e experiência popular acumulados ao longo de gerações, transformando-se na melhor herança destes povos. Raízes, tubérculos, ramos, cascas de árvore, folhas, pétalas, frutos silvestres, plantas, entre outras, são o vasto universo de soluções que a mãe-natureza oferece, e que os africanos superiormente souberam adequar às solicitações do seu dia-a-dia (MARTINEZ, 1989; 2007).

Se o valor curativo e alimentar desta biodiversidade prevalece nas suas preocupações, também o estético cedo se manifestou, particularmente nas mulheres, que revelam uma grande auto estima com a sua apresentação e sensualidade. A sua pele macia e aveludada provoca no sexo oposto um fascínio arrebatador, que deriva dos cuidados que as mulheres têm com a sua pele, a partir do uso do *m'iro*, em pó de origem natural sem qualquer aditivo à excepção de água.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

A origem deste pó milagroso “o *m'siro*” como é conhecido em Moçambique, ou *n'tunkuti*, é extraído dos ramos de uma pequena árvore ou arbusto lenhoso e frondoso, com o nome científico de *Olox Dissitiflora* (uma das 10 espécies existentes em África), da família das *Olocaceae*, que se desenvolve nas florestas ao longo do litoral e mais raramente em zonas ribeirinhas do interior. O pó branco obtém-se através da fricção do ramo, já despido da sua casca, com uma pedra característica que os pescadores chamam de *inchauri*, dada a sua origem marítima, e cuja localização só eles conhecem, sendo depois misturado com água. Concluído este processo, é possível a sua utilização, espalha-se a massa pelo corpo, de acordo com os costumes e rituais. Os rituais e as crenças são factores de identidade que enriquecem a cultura moçambicana, e os pós oriundos de outras plantas, para além da *Olox Dissitiflora*, fazem parte deste cardápio tradicional.

O *m'siro*, não tendo nenhum sentido transcendente, é utilizado como perfume, creme e bálsamo tradicional e atribuem-se-lhe ainda faculdades terapêuticas, como são, por exemplo, o combate ao aparecimento da acne (borbulhas) e ao envelhecimento da pele. É de salientar que grandes marcas de produtos farmacológicos e de beleza ocidentais incluem nos seus cremes essências que derivam daquela espécie botânica (OLIVER, 1968).

As máscaras faciais de *m'siro*, são usadas pelas mulheres de todas as classes sociais e etárias nas províncias de Nampula, em parte da Zambézia, no Niassa e em Cabo Delgado, são ricas em simbologia e adequam-se às circunstâncias do quotidiano. Algumas destas pinturas faciais orientam-se por uma leitura fácil no seio da comunidade local, mas indecifráveis a outros olhos e traduzem, no momento do seu uso, como festas, cerimónias matrimoniais, rituais de preparação sexual e outros da sua cultura, comprometimento, luto familiar, adorno exclusivamente estético, etc. Mas há outras máscaras que vão para além do óbvio e que transmitem recados muito particulares, só compreensíveis para as partes envolvidas, sendo exemplos disso quando as mulheres pretendem dar a conhecer ao marido o seu período menstrual, ou quando querem comunicar com os seus amantes para lhes transmitirem a sua disponibilidade ante a ausência do cônjuge. Também a morte do amante é manifestado nesta pintura, de forma subtil, de modo a que o marido não perceba (MARTINEZ, 1989).

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Em populações próximas, particularmente as Macuas, a mulher pinta, literalmente a cara de branco, isto é, utiliza uma máscara branca feita de uma pasta à base de um pó branco, o m'siro, extraído dos ramos de uma pequena árvore ou arbusto lenhoso e frondoso, com o nome científico de *Olax dissitiflora*, uma das 10 espécies existentes em África. Para se obter esta pasta, fricciona-se o ramo, já despido da sua casca, numa pedra característica do litoral a que os Macua chamam de inchaury, e adiciona-se água. Concluído este processo, pode-se utilizar, espalhando aquela massa branca, pela face ou pelo corpo. Não há dúvida que resulta uma estranha beleza e ao mesmo tempo, as mulheres conseguem manter a pele muito mais lisa e suave. De acordo com crenças e costumes, as mulheres do litoral estão proibidas de dormir com a cara pintada de m'siro, pois acredita-se que poderão ser atacadas por fantasmas e espíritos maus (TEIXEIRA, 2009).

4.3 - A excisão clitoridiana e a circuncisão masculina

Sobre a excisão clitoridiana, verificamos que a mesma não tem impacto na população makonde, ao contrário do que se verifica com circuncisão. Para melhor conhecer este problema, consultou-se alguns estudos e tivemos em conta a entrevista de José Canas. Por analogia com o que se pratica na Guiné-Bissau sobre o assunto, verificamos que os Makonde têm vindo a atenuar os seus rituais. De forma simplificada, podemos dizer que a Guiné-Bissau é um país organizados em três planos sociais.

1 – Organização Social Vertical (Povos Islamizados);

– (Nos povos Islamizados o CORÃO aconselha a prática de circuncisão e excisão como forma de purificação e integração no meio a que pertencem).

2 – Organização Social Horizontal (Povos Animistas);

3 – Organização Matrilinial (Povos Animistas). (segundo excertos da entrevista de José CANAS natural da Guiné-Bissau - 2010).

A prática da excisão clitoridiana e da circuncisão masculina integra um conjunto de rituais (*rituais de inserção ou de aceitação*) que os iniciados(as) recebem durante a sua permanência na mata que dura de três a seis anos (muito mais tempo do que entre os povos de Moçambique) consoante a sociedade de origem (etnia).

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

O processo é normalmente orientado por um tutor(a) designado por LAMBÉ. Para ser Lambé é obrigatório passar por essa prática. Eles(as) têm um papel importantíssimo na transmissão e ensinamentos desses códigos de conduta aos iniciados(as) para a sua melhor integração nas sociedades de origem. Durante e pós a mesma, os iniciados(as), recebem uma educação que passa pela aprendizagem, assimilação, conhecimentos e regras de comportamentos a saber:

- O respeito na relação com os mais velhos(as);
- A interiorização de todos os preceitos e conhecimentos adquiridos na prática da circuncisão e excisão;
- O conhecimento de toda a história dos usos, tradições e costumes;
- A forma de comportar-se no casamento e sexualidade;
- Conhecimento da história dos nossos antepassados;
- Preservação e conhecimentos de todas as manifestações culturais baseado no sagrado: símbolos, mitos, rituais, preces, danças, cultos, canções, baptismo, nascimento e morte;
- Aprendizagem de sinais e toques para uso na sociedade.
- M.G.F. – Mutilação genital feminina ou P.E.C. – Prática da excisão clitoridiana.

Na Prática da Excisão Clitoridiana – As raparigas são preparadas e depois integradas no património cultural e religioso, para que os comportamentos ou atitudes esperadas não entrem em contradição com as marcas sociais enraizadas nestas sociedades tradicionais. Após a passagem dessa prática, as mulheres alteram o seu estatuto social, ou seja, regista-se a passagem da *MENORIDADE (Blufo)* para a *MAIORIDADE (Lambe)*. Nessa fase da *MENORIDADE (Blufo)* não podem ter acesso a certos e determinados conhecimentos, só do domínio dos mais velhos(as).

De acordo com o entrevistado, A prática da excisão (PEC) tem um aspecto negativo e brutal nas mulheres; a sexualidade e a esterilidade são muitas vezes acompanhadas de outras complicações a nível da saúde e família.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Nos homens a circuncisão (corte do prepúcio) ajuda a manter higiene, mas na região peniana existem muitas terminações nervosas, o que em parte poderá diminuir o prazer sexual. No contexto cultural africano o “Corpo” e o “Sagrado” são vistos como “elemento força” que sustenta toda a Tradição e como tal, a construção da identidade individual e colectiva do Africano, só é possível após a união efectiva e definitiva destes dois elementos. Hoje, estes costumes só são valorados nas sociedades que os praticam e porque principalmente a excisão do clítoris é uma prática condenada por agressiva e cruel em todos os continentes, mesmo em África (WALSH, 1897; TYLOR, 1913).

“... De acordo com os ensinamentos Tradicionais (africanos), o contacto com o mundo espiritual e a integração no grupo de pertença, acontece quando o homem e a mulher purificam a alma e o corpo. Para a purificação da alma, normalmente recorrem-se às orações, às danças, aos cânticos e para a purificação do corpo, são feitas abluções com ervas, cortes na face e/ou noutras partes do corpo, fracturas nos dentes, excisão e circuncisão. Na prática o povo africano não é o único povo com estas tradições, por exemplo o povo Judeu também a prática (a circuncisão). É claro que posto nesta forma simples parecerá similar, o que não corresponde à realidade...”
(excerto retirado da entrevista com José CANAS).

Esta prática, recorrente nos nossos dias, assenta em argumentos culturais, religiosos e sociais muito bem enraizados, e normalmente todos os povos da Guiné-Bissau costumam recorrer a essa prática milenar (MAZULA, 1995).

Por exemplo, a sociedade Bijagó, como linhagem matrilinear organizada por classes das idades e de acordo com as principais responsabilidades desde a nascença até à morte. Onde a prática da circuncisão também é feita e recomendada (WAGNER, 1981). Para terminar com esta atitude não chegam os decretos, em última análise deve-se intervir junto dos mais velhos com poderes tradicionais para alterar o curso destes usos, costumes e tradições (SILVA, et al. 2007).

Sendo uma questão cultural e tradicional, agravada pelo facto de ser estimulada a sua prática pela própria religião islâmica, em particular nestas regiões e povos susceptíveis ao acolhimento, influência desta doutrina e tendo em conta que para além das tradições é um crime contra a humanidade, deve o mundo consciente e civilizado criar condições para ajudar estes povos a abandonarem este costume bárbaro e

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

mutilante, que sobe o manto dos costumes culturais, fingem ignorar o sofrimento a que são sujeitas as meninas que não tiveram culpa de nascer mulheres (MORIER-GENOUD, 2000; SARRÓ, 2009).

Quadro 11

Cronologia dos estádios de responsabilidades de acordo com a idade em bijagó – Guiné-Bissau			
Grupos de Idade	Masculino	Feminino	Principais Características
De 0 a 2 anos	Recém-nascido (Neéea)	Recém-nascido (Neéea)	Aleitamento materno
De 2 a 6 anos	Jovens crianças Ongbá	Jovens crianças Ongbá	Não tem actividades específicas
De 7 a 11 anos	Crianças (Cadene)	Crianças (Numpune)	Trabalho doméstico e transporte de água
De 12 aos 17 anos	Adolescentes Iniciação aos Canhocam e regras sociais	Adolescentes Iniciação aos (Campune)	Trabalhos agrícolas
Dos 18 aos 27 anos	Jovens homens Cabaros	Jovens mulheres Ocanto	Trabalho irregular período de lazer e conquistas amorosas
De 28 a 35 anos	Adultos Jovens Camibi	Mulheres casadas Camibi	Classes de iniciação; “Fanado” são considerados membros efectivos da Sociedade. Tem Trabalhos mais duros Fundam a família
De 36 aos 50 anos	Homens Adultos Cassuca	Mulheres Adultas Cassuca	Porta voz das Decisões do conselho das sacerdotisas As classes de idade inferior, assumem os entretenimentos da família
Mais de 50 anos	Grandes Homens Anciões Ocanto Ou Vabon’a	Grandes Mulheres Anciãs, Ocanto, Ou Vabon’a	Conhecimento total das regras da sociedade, farmacopeia, Questões religiosas Não trabalham mais; São responsáveis das decisões e de transmissões de conhecimento tradicional aos mais novos

É uma sociedade dita, matraliniar mas quem mandam de facto, são os homens. Assim como encontramos noutras etnias Makonde e Macua, onde o homem é o “dono do sexo” e subordinado ao dogma, a mulher ainda é em muitas destas sociedades, quem

serve de burro de carga, parideira reprodutora e vítima de violência sem fim, cuja condição feminina é pouco valorizada (RODOLPHO, 2004).

4.4 - O fanado

O fanado é a designação de todo o ritual (circuncisão/ incisão) cerimónia principal de quase todos os povos da Guiné-Bissau, principalmente os povos animistas. Marca a passagem de uma fase de reconhecimento pela comunidade e constitui um passaporte que permite aceder aos principais conhecimentos e segredos da sociedade (mínimo de permanência na mata – duração 3 meses, no máximo 6 anos) (SARRÓ, 2009).

Incluimos neste trabalho referências à iniciação feminina e masculina na Guiné-Bissau, por se tratar de uma região na costa oriental e de influência islâmica, mas cujas tradições iniciáticas são comparáveis aos povos já referidos em particular os Makonde, excepto no que diz respeito à Mutilação Genital Feminina. No que respeita às mutilações dentárias na Guiné, destacam-se os Manjaco (os que lavram os dentes), este povo, talha os dentes em triângulo, de forma semelhante aos Makonde (MEIRELES, 1960).

4.5 - O Mapiko e o Careto de Trás-os-Montes

Se atendermos apenas aos factores simbólicos da dança e das máscaras, pode-se estabelecer analogias entre a figura do Mapiko dos Makonde com a figura do “Careto” do Nordeste Transmontano Português, onde as máscaras, os guizos e roupagens em muito se assemelham. Na província portuguesa de Trás-os-Montes celebra-se uma tradição muito antiga a Festa de Santo Estêvão ou Festa dos Rapazes, sendo as mais conhecidas, as celebradas nos lugares de Podence e de Ousilhão. Estes folguedos têm como protagonistas “ Os Caretos”, homens que encarnam o demónio. Juntam-se em grupo, onde ninguém manda e onde cada um faz o que lhe apetece. Perseguem as raparigas, batendo-lhes com bexigas de porco cheias de ar, ou fazendo balançar grossas feiras de chocalhos contra o seu corpo, num misto de abraço e de agressão. Usam máscaras rudimentares, onde sobressai o nariz pontiagudo, feitos de couro, madeira ou de vulgar latão, pintadas de vermelho, preto, amarelo, ou verde.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

A cor é também um dos atributos mais visíveis das suas vestes, fatos de colchas franjados, de lã vermelha, verde e amarela, com enfiadas de chocalhos à cintura e bandoleiras com campainhas. Da sua indumentária, faz também parte um pau em que se apoiam nas correrias e saltos (ALVES, 2000).

Muito significativo, é o facto de existirem singulares e inequívocas analogias entre os rituais iniciáticos de Trás-os-Montes, certas máscaras e os velhos rituais africanos. Se observarmos, também a “Festa dos Rapazes” é um ritual milenar e pode ser comparado com o ritual Mapiko. Se uma das funções do dançarino é a de assustar as mulheres, encontramos uma analogia semelhante, na acção dos caretos, cujo desempenho é tão temido, que durante a sua actuação, as raparigas com manifesto receio de poder ser incomodadas, não se atrevem a sair à rua.

BLOCO 2
DENTES, SÍMBOLOS, CLASSIFICAÇÕES
E OUTROS ELEMENTOS

5. - Os Makonde – Mutilações dentárias, mitos e analogias

Para entender o fenómeno da intervenção sobre os dentes, no sentido de os extrair, decorar ou modificar a forma, quantas vezes estranha, é indispensável mergulharmos nas raízes profundas do tempo e tentar encontrar causas e efeitos comportamentais das diferentes culturas antigas e ou mais modernas, quantas vezes, sem qualquer elo de ligação ou separadas por continentes

Karl Weule permaneceu vários meses entre os Makonde, e fornece-nos descrições detalhadas, sobre estranhos hábitos de beleza que incluem, escarificações corporais, deformações nos lábios, por inclusão de artefactos, lóbulos das orelhas e mutilações dentárias. Weule dispunha de excelentes apoios políticos, económicos e logísticos foi uma das missões melhor sucedidas na época, de facto a obra de Weule, é profusa em desenhos e fotografias e durante longos anos foi fonte bibliográfica incontornável (WEULE, 2000).

Este Antropólogo afirma que pôde ver e estudar uma grande parte da população nativa. No seu entender, os Makonde, distinguem-se dos outros povos vizinhos. São um povo invulgarmente homogéneo. A escarificação e outras deformações corporais são usadas não só como adornos e conceito de beleza, mas também como afirmação pessoal e tribal. Historicamente são um povo com grande personalidade, orgulhosos, guerreiros, não se curvando perante os outros povos. Aliás, aos inimigos, os Makonde mostram-lhe os dentes afiados, como sinal de ferocidade e para impor medo e respeito.

Sobre este assunto, Weule afirma ” ... *de repente um Makonde abre a boca... Será uma “fera” que me mostra os seus dentes horríveis? Afiados e aguçados como os próprios dentes caninos, alinham-se entre estes os dentes incisivos; alguns têm todos afiados, outros são apenas os dois do meio, mas são sempre os dentes do maxilar superior, que sofrem esta mutilação*” (WEULE, 2000, p.98).

No entanto Jorge Dias, cinquenta anos mais tarde, no volume II da sua obra, afirma que os Makonde não afiam os dentes, mas antes os “aparam” ou lascam nas pontas, e afirma que isso pode ser feito em ambos os maxilares. Neste aspecto, Jorge Dias foi mais longe na observação, até porque Weule terá observado poucos Makonde de Moçambique, porque a sua missão etnográfica visava principalmente o território de Tanganica. Dias constata que alguns desses costumes, já perderam o seu carácter

obrigatório e que nem todos os praticam. Afirma, ainda, que era considerável o número de homens que encontrou com os dentes mutilados (DIAS, 1964 a).

Em 1972, no ciclo de palestras sobre o Ultramar Português, organizado pela Imprensa Nacional de Angola, numa palestra sobre a Guiné, o conferencista Homero Pires, utilizando uma linguagem semelhante à de Weule sobre os Makonde, refere que quanto aos Manjacos “*O Manquenho ao lado do Papel se eu olho para eles, sou capaz de não os destrinçar. Se o Papel não trouxer lenço na cabeça, de certeza absoluta que não os distingo. Mas se o fizer rir não há dúvida nenhuma o Manjaco, que é o Papel e quem é o Manquenho; Este é o fulano que “lavra” os dentes – lavar os dentes com um machado lá nas suas técnicas de dentista; ficam com os dentes aguçados e é uma coisa curiosa*” (PIRES, 1972).

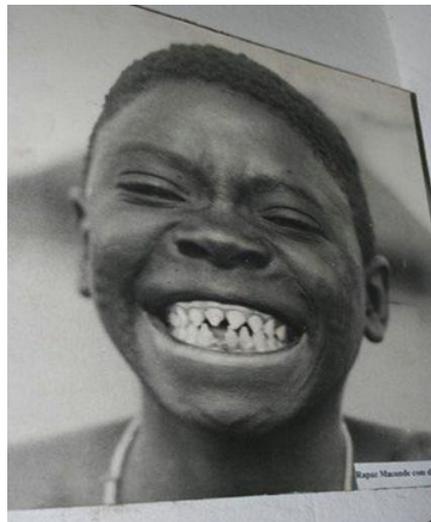


Figura 5: Foto do autor recolhida no museu de História Natural de Maputo.

Durante as múltiplas estadias em Moçambique e no âmbito deste trabalho, tivemos ainda a oportunidade de conversar com várias pessoas portadoras de sinais identitários, homens e mulheres que foram sujeitos a estes procedimentos, de forma voluntária ou não, por uma questão de estética ou por tradição familiar.

5.1 - Os Dentes - As mutilações dentárias nos diversos Povos

São muitas as semelhanças entre os métodos e formas de solução de continuidade dos dentes dos Makonde com as usadas por outros povos de quadrantes geográficos diferentes. Esta alteração é definida como modificação intencional da forma

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

e número, tratando-se de uma prática cultural, que tem uma longa e diversificada história em muitas populações espalhadas por todo o mundo.

A mais antiga representação de mutilação dentária é um pequeno desenho, Tepantitlan, em Teotihuacan, que faz parte do mural conhecido como Teotihuacan no Paradise Medical Science, que representa uma pessoa humana, inclinando-se com ambos os braços esticados sobre a boca de outra pessoa. A pessoa que está a sujeitar-se a uma intervenção, está com uma das mãos apoiadas no chão e com as pernas dobradas numa posição semelhante à que é adoptada por um animal sentado nas patas. (MATA, 1995).

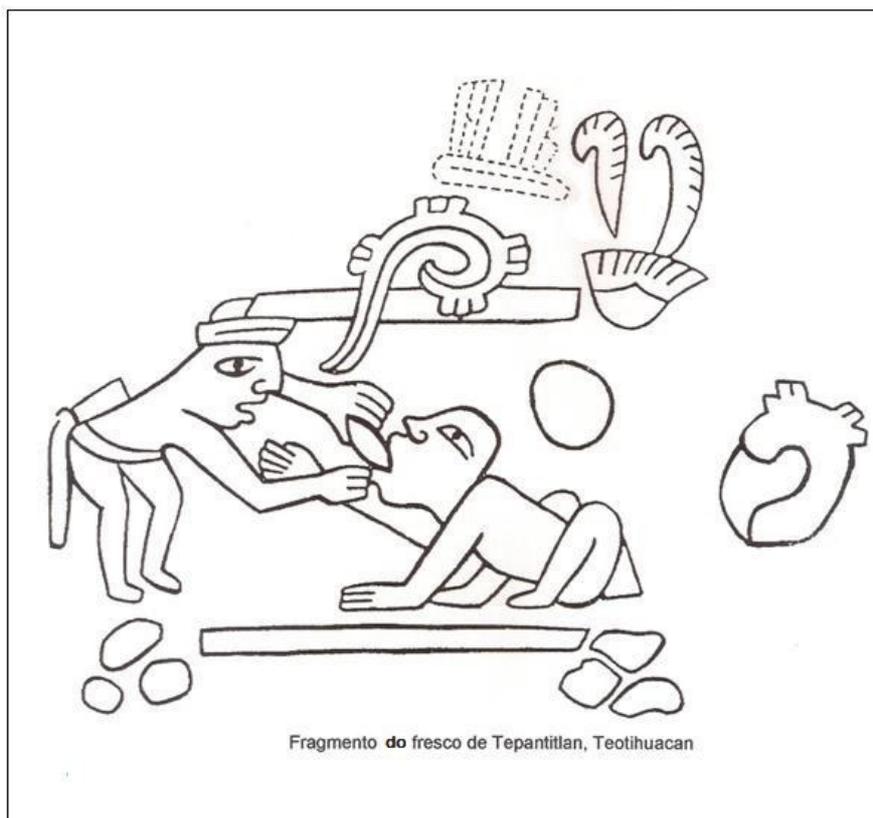


Figura 6: Fragmentos do fresco de Tepantitlan em Teotihuacan.
Fonte: MATA, 1995, p.136.

Há muitas explicações para que os povos alterem artificialmente a morfologia de seus dentes. Fastlicht afirma, no seu livro – “*Dental Inlays and Fillings Among the Ancient Mayas*” – “... Para as sociedades que praticam, a mutilação dentária ela é uma marca de status, de pertencer a um clã, de homenagem aos antepassados, ou ainda um sinónimo de beleza...” (FASTLICHT, 1962, p.393).

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Para reforçar a sua opinião, este autor transcreve a opinião do Dr. Tomas R. Forbes a propósito das mutilações dentárias (*The word mutilation bothers me a little. I am reasonably certain that the skilled craftsman who did the job thought he was decorating or adorning these teeth rather than mutilating them*). (FASTLICHT, 1962, p. 394).

Como se pode observar, a mutilação pouco incomoda FASTLICHT, por considerar que este trabalho era feito como se de uma obra de arte se tratasse. Assim, o artesão habilidoso ao praticá-la estava convencido que procedia à decoração ou enfeite dos dentes e não a mutilá-los.

Também outros investigadores acreditam que as modificações dentárias são indicativas de embelezamento (BORBOLLA, 1940; ROMERO, 1958; FASTLICHT, 1976) e marcadores de identificação étnica ou tribal, (VAN REENEN, 1978a; 1978b e 1986), (HANDLER, 1994) e o status social, (FASTLICHT, 1948; 1976).



Figura 7: Crânio Maya.

Fonte: <http://www.drbcuspil.com/index.aspx?sec=wom&sub=nws&pag=dis&ItemID=303160>.

As mutilações dentárias dos antigos povos meso-americanos foram baseadas em duas técnicas básicas: a limagem e a incrustação (inlay) (FASTLICHT S, 1971).

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

A incrustação é uma operação relativamente complexa para se garantir o ajuste e a fixação da peça incrustada. O desenho abaixo elucidamos como seria provavelmente, o processo de abertura de cavidade, para posterior incrustação (inlay) do povo Maia.

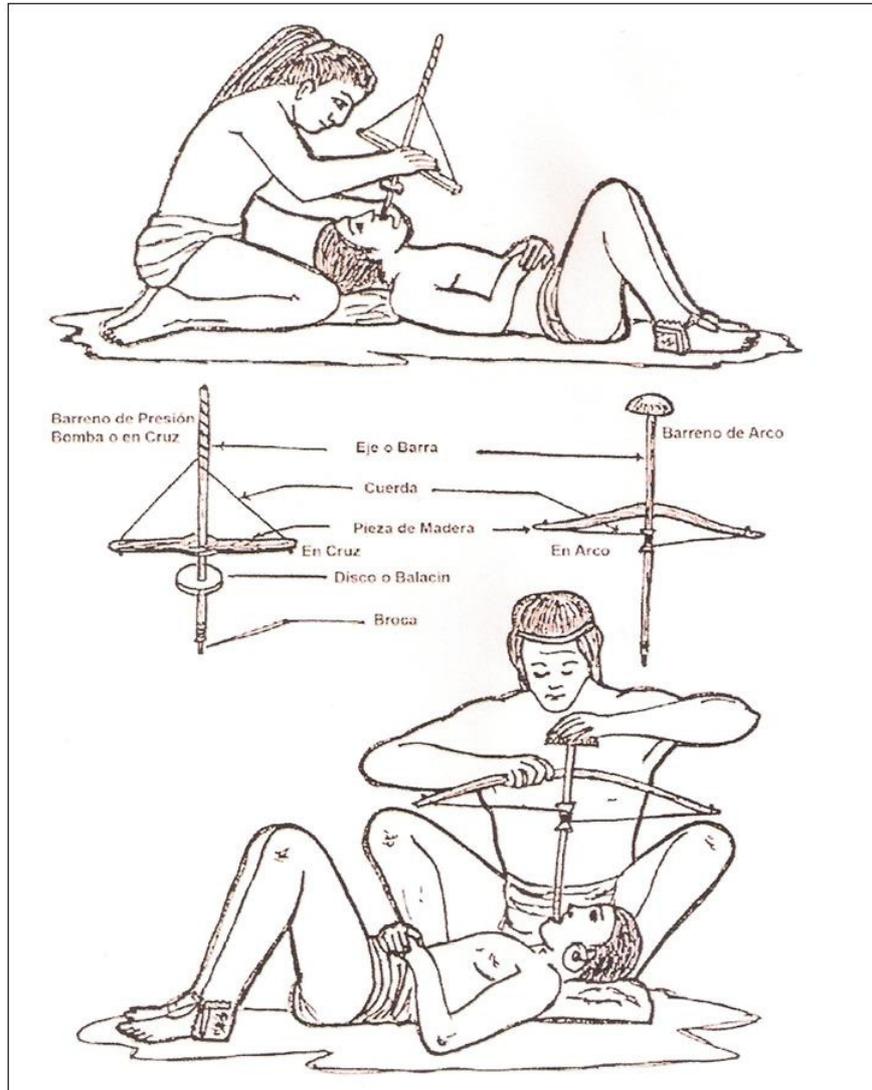


Figura 8: Esquema de instrumentos utilizados para perfuração dente. (Barreno em arco e barreno em cruz ou de pressão).

Fonte: MATA, 1995, p.136.

O procedimento da limagem era feito através de pedras abrasivas para moldar o dente com a forma desejada, esse procedimento podia afectar o esmalte, dentina, e às vezes até comprometer a câmara pulpar.

5.2 - Mutilações dentárias – As diferentes classificações

Existem várias classificações de mutilação dentária, que vão variando segundo a localização geográfica dos povos e também segundo o critério dos seus autores.

5.2.1 - Classificação de MAGITOT

Considera-se que a classificação de Magitot, seja a mais antiga. Emile Magitot, em 1884 estabelece uma classificação e descreve-a no seu trabalho “*Essai sur les mutilations ethniques*”. Este autor considera que há 6 tipos de mutilação (MAGITOT,1885).

Quadro 12

Classificação de MAGITOT 1890 - tipos de mutilação	
Mutilação dentária	▪ Fractura;
	▪ Extracção;
	▪ limagem;
	▪ Incrustação;
	▪ Abrasão
	▪ Prognatismo artificial.

5.2.2 - A classificação de SAVILLE

Este autor estudou a mutilação dentária dos povos pré-colombianos. O termo pré-colombiano é frequentemente utilizado especialmente no contexto das grandes civilizações indígenas das Américas, como as da Meso-América (os Olmecas, os Toltecas, os Teotihuacanos, os Zapotecas, os Mixtecas, os Astecas e os Maias) e dos Andes, (os Incas, Moches, Chibchas, Canaris) (SAVILLE, 1913).

A era pré-colombiana incorpora todas as subdivisões periódicas na história e na pré-história das Américas, antes do aparecimento dos europeus no continente americano, abrangendo o paleolítico superior até à colonização europeia. Saville dividiu e catalogou essas mutilações por 16 tipos.

Quadro 13

Classificação de SAVILLE - 16 tipos – catalogadas por ordem alfabética	
Tipos A, B, C;	<ul style="list-style-type: none"> ▪ São decoradas com embutidos rectangulares (povos do Equador).
Tipos D, E, I:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ São decoradas com embutidos circulares (povo Maia).
Tipos F, G, H:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ São caracterizados por uma corte triangular ao nível da face vestibular ou do bordo incisal.
Tipos de J, K, L, M:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Combinam incrustações, com corte em ângulo e / ou ranhuras vestibulares.
Tipos de N, O, P	<ul style="list-style-type: none"> ▪ São definidos por um ou mais entalhes em forma de "V" invertido ao nível do bordo incisal

5.2.3 - A classificação BAUDOIN

Segundo Baudouin, o termo mutilação não é o mais adequado para a avulsão cultural do dente porque "*é uma mutilação do maxilar, ou melhor, do sistema mastigatório.*" Do nosso ponto de vista esta afirmação é discutível, porque sem dúvida estamos perante uma mutilação porque compromete o dente, os maxilares e a mandíbula, e assim, todo o aparelho estomatognático (BAUDOIN, 1924).

Em 1924, Baudouin distribui as mutilações dentárias por seis categorias:

Quadro 14

Classificação de BAUDOUIN - 6 categorias	
Os dentes de corte (ou o serrilhado dos dentes)	▪ Permite obter múltiplos pontos dividindo-se o bordo incisal.
O "Afiamento" dos dentes incisivos	▪ Técnica que transforma os dentes numa ponta cónica (em forma de canina).
A limagem dos dentes	▪ Pode ser generalizada (abrasão horizontal) ou especializada (limagem em relevo).
As fracturas dentárias:	▪ Podem ser intencionais, para remoção da coroa, ou podem ser acidentais, durante as várias tentativas de serrar ou de "afiar" o dente.
A extracção de dentes.	
Incrustação (inlay)	

5.2.4 - A classificação de MONTANDON

Em 1934, Montandon distingue três tipos de mutilação dental intencional (MONTANDON, 1934).

Quadro 15

Classificação de MONTANDON - 3 categorias	
A limagem	▪ Inclui - A limagem propriamente dita (por atrito ou desgaste, utilizando uma pedra ou outro meio abrasivo) pode realizar-se na superfície horizontal ou vertical, em cavidade simples ou em cavidades duplas, em relevo ou pontiaguda.
O Aguçamento	▪ As faces laterais são pontiagudas ou cónicas, com dois ou três pontos contíguos ou em dois pontos separados, um ponto lateral tipo carnívoro; com a forma de um machado, ou também com a remoção parcial oblíqua. A remoção pode ser feita por fractura ou por abrasão. (pode ser feito utilizado um instrumento de metal para fazer lascas nos dentes)
A incrustação (inlay)	▪ Pode estar localizada na superfície vestibular (circular, quadrada, ou linear) ou colocada nos espaços interdentais.

5.2.5 - A classificação de BORBOLLA

Em 1940, o autor, descreveu as mutilações dentárias realizadas no México e na América Central, durante a época pré-colombiana. Dividiu e catalogou por 24 tipos (de A, a X) (BORBOLLA, 1940).

Quadro 16

Classificação de BORBOLLA - 24 tipos (de A, a X)	
Tipos A, B, C, D, I	<ul style="list-style-type: none">▪ São decorações feitas por fendas verticais em forma de "V" (de um a três) talhados a partir do bordo incisal. (Segundo BORBOLLA (1940), estes tipos são os mais frequentes e na maioria das vezes envolvem os incisivos superiores centrais e laterais).
Tipos E, F, G e H	<ul style="list-style-type: none">▪ São sulcos feitos em linha recta feita de forma profunda ou superficial para a superfície vestibular.
Tipos J, K, L, M, N, O	<ul style="list-style-type: none">▪ São caracterizados pela remoção do ângulo mesial e / ou distal ou parte do bordo incisivo.
Tipos P, Q, R	<ul style="list-style-type: none">▪ São incorporados respectivamente um, dois ou trios de "incrustações"(inlays).
Tipos S, T, U, V, W, X	<ul style="list-style-type: none">▪ São combinações de algumas mutilações anteriores com uma ou duas incrustações.

5.2.6 - A classificação de FASTLICHT

Fastlicht em 1948 acompanha a classificação de BORBOLLA e acrescenta mais dois tipos de auto-mutilação: os tipos Y e Z nos grupos de ranhuras (horizontal, oblíquo ou ambas) que afectam, respectivamente, a metade, ou todo da face vestibular (FASTLICHT, 1948).

Quadro 17

Classificação de FASTLICHT – Igual à classificação de BORBOLLA + 2 tipos	
Y e Z	Grupos de ranhuras (horizontal, oblíquo ou ambas) e afectam, respectivamente, a metade ou todo da face vestibular.

5.2.7 - A classificação de MOORTGAT

Este autor adopta uma classificação esquemática, em 1959. As mutilações subtractivas podem ser: o dente na sua totalidade, ou em avulsões simples ou múltiplas (MOORTGAT, 1959).

Quadro 18

Classificação de MOORTGAT – 6 grupos	
O conjunto da coroa (a raiz restante incluída):	<ul style="list-style-type: none"> ▪ A coroa é reduzida em proporções variáveis por limagem ou afiamento
A face vestibular:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pode ser transformada num ângulo diedro, em cachimbo, meia cúpula ou como meio cilindro.
O bordo incisal:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Entalhe do bordo incisal em meia-lua, em "V" invertido, em dente de serra, ou nicho.
Só as faces proximais:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Supressão de um ângulo (parte plana ou arredondada) ou de dois ângulos (em relação ao bordo incisal).
Mutilações combinadas:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Por extracção com modificações dos dentes remanescentes.
Mutilações aditivas:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Por incrustação (inlay): circular, quadrado ou linear.
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Por pintura: vermelho ou preto.
	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mutilação por posição: por adição de alvéolo artificial nos incisivos superiores

5.2.8 - A classificação CHIPPAUX

Este autor divide a mutilação dentária em quatro grupos (CHIPPAUX, 1961).

Quadro 19

Classificação CHIPPAUX – 4 grupos (conforme desenhos em anexo)	
Avulsão e Amputação coronária:	Chippaux coloca na mesma categoria a avulsão e a amputação coronária. Se o resultado “visual” obtido pela amputação coronária for semelhante ao que resulta da avulsão, o processo é semelhante mais ou menos ao de uma fractura ou limagem.
Mutilação por talhe da coroa:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Talhe parcial: em gancho oblíquo ou como um machado (considera-se mais na forma de meia lua nas faces distal e mesial dos incisivos) ▪ Talhe em pico de ponta mediana, plana ou ponta cónica. ▪ Formação de dois ou três pontos. ▪ Talhe em vários pontos (ou tamanho rectangular) com diferentes variações: <ul style="list-style-type: none"> ○ Amputação de parte da coroa e linha axial, ○ Dupla ponto lateral, ○ Talhe angular lateral, ○ Talhe em escudo, ○ Talhe em rectangular mediano. ▪ Talhe mediante limagem: limagem vertical (em espátula) ou limagem horizontal (em martelo).
Mutilação por incrustação:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Talhe (limagem por fricção, ou trepanação) para incrustar uma pedra, ouro, ou pérola na superfície vestibular da coroa do dente. ▪ Perfuração para a manutenção de um "filete" (fio metálico) no meio da coroa natural ou entre os próprios dentes.
A pintura/ tatuagem dos dentes.	

5.2.9 - A classificação PLENOT

Plenot delineou em 1969 uma classificação com as diferentes mutilações dentárias que incluem:

Quadro 20

Classificação de PLENOT – 5 categorias	
▪ As avulsões	
▪ Mudanças na forma e superfície dos dentes são subdivididas em três categorias:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ imagem ▪ Fractura ▪ Talhe
▪ Mudanças de posição	
▪ Incrustações (inlays.)	
▪ Mudança de cor	

Para Plenot e também para o autor deste trabalho, a mudança de cor dos dentes, não é, propriamente dita, uma mutilação dentária, na verdade, não há violação da integridade do dente. É apenas um procedimento que permite a mudança de cor. (PLENOT, 1969; 1974) Mais tarde em 1975, Plenot propõe uma síntese para as diferentes classificações. (PLENOT, 1975).

Quadro 21

Classificação de PLENOT de 1975	
▪ Mudança no número	▪ Por avulsão.
▪ Mudança de posição	▪ Por alvéolo artificial dos incisivos superiores
▪ Mudança do visual	
▪ Modificação por revestimento metálico total ou parcial.	
▪ Mudança na cor	▪ Preto, castanho, vermelho
▪ Mudança de forma e da superfície.	

5.2.10 - Classificação de ROMERO

Romero sistematizou uma tabela de classificação com 59 formas de mutilação dentária. Estas mutilações foram observadas entre os povos na América Central e do México pré-colombiano. Esta tabela define sete categorias (A a G). Cada tipo de mutilação, representa um certo número de formas designadas por uma numeração progressiva: Distingue 7 categorias (ROMERO, 1970).

Quadro 22

Classificação de ROMERO – 7 categorias	
Alterações no contorno do dente	▪ No bordo incisal
	▪ Apenas num só ângulo da coroa
	▪ Em dois ângulos da coroa
Mudanças na face vestibular:	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ranhuras medianas ▪ Incrustações (inlays) no sulco mediano e desgaste parcial do esmalte.
Mudanças no contorno e na face vestibular:	▪ No bordo incisal com linhas sobre a face vestibular ou com o talhe de uma parte do esmalte.
	▪ No bordo incisal sobre um ou em dois ângulos com uma ou mais incrustações (inlays).

Mais tarde Romero em 1986 propôs uma nova classificação, essa nova tabela é muito abrangente e logicamente projectada, de forma aberta o que dá a possibilidade incorporar novas descobertas (ROMERO, 1986).

Quadro 23

Nova classificação de ROMERO em 1986
<ul style="list-style-type: none">▪ Em 1986, ROMERO acrescenta três novas formas:▪ Dois na categoria D (Nº 9 e Nº 10)▪ E uma em F (o Nº 11).

5.3 - Fotografias das diversas classificações dentárias

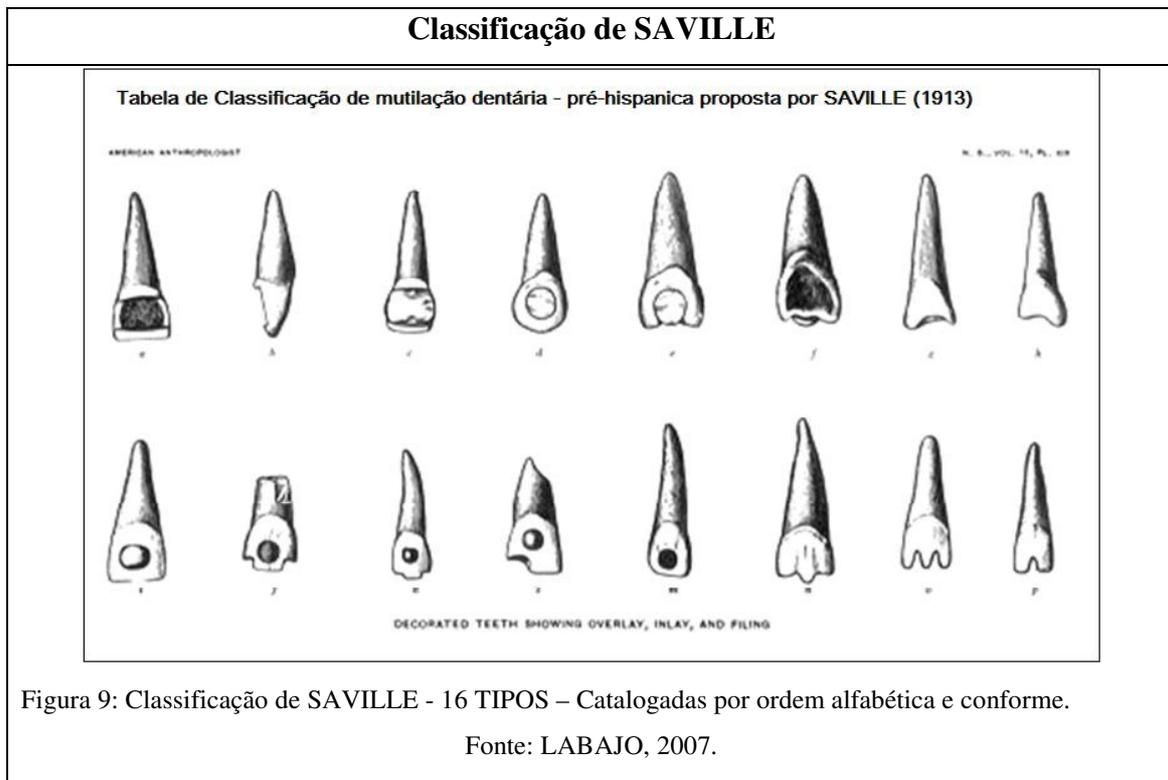
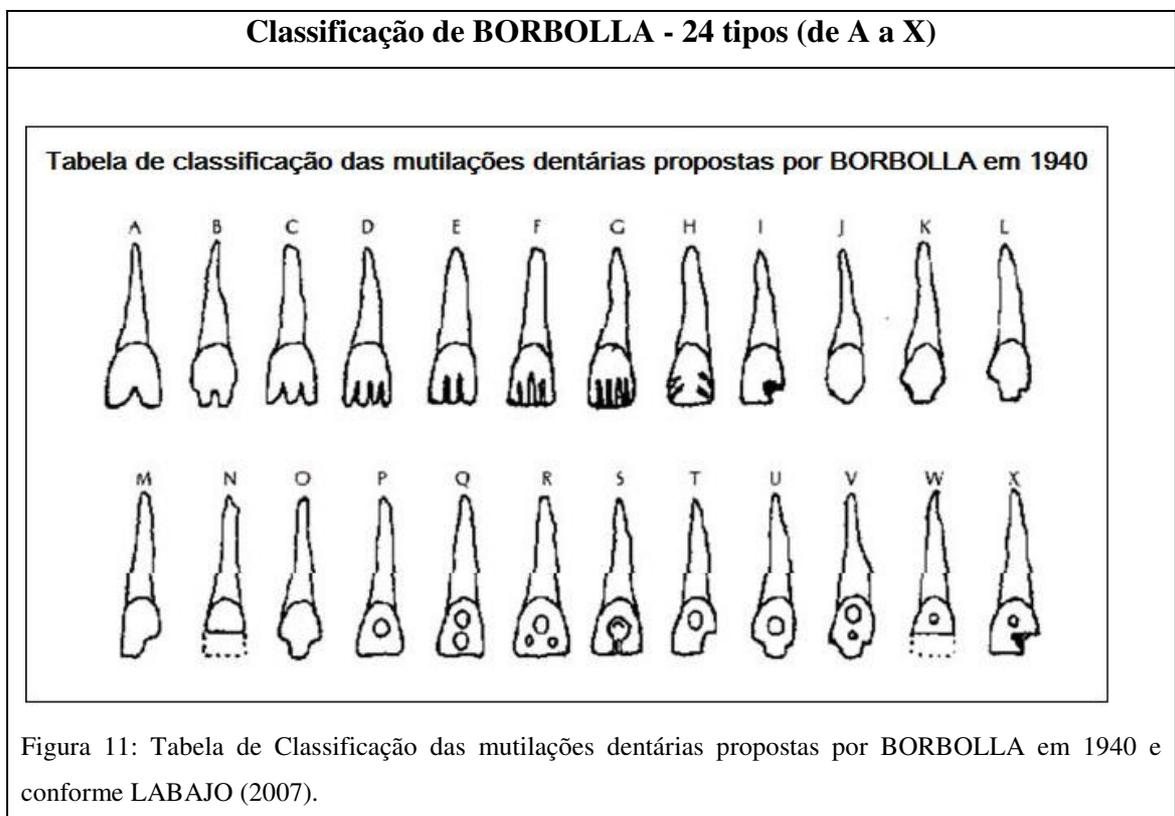
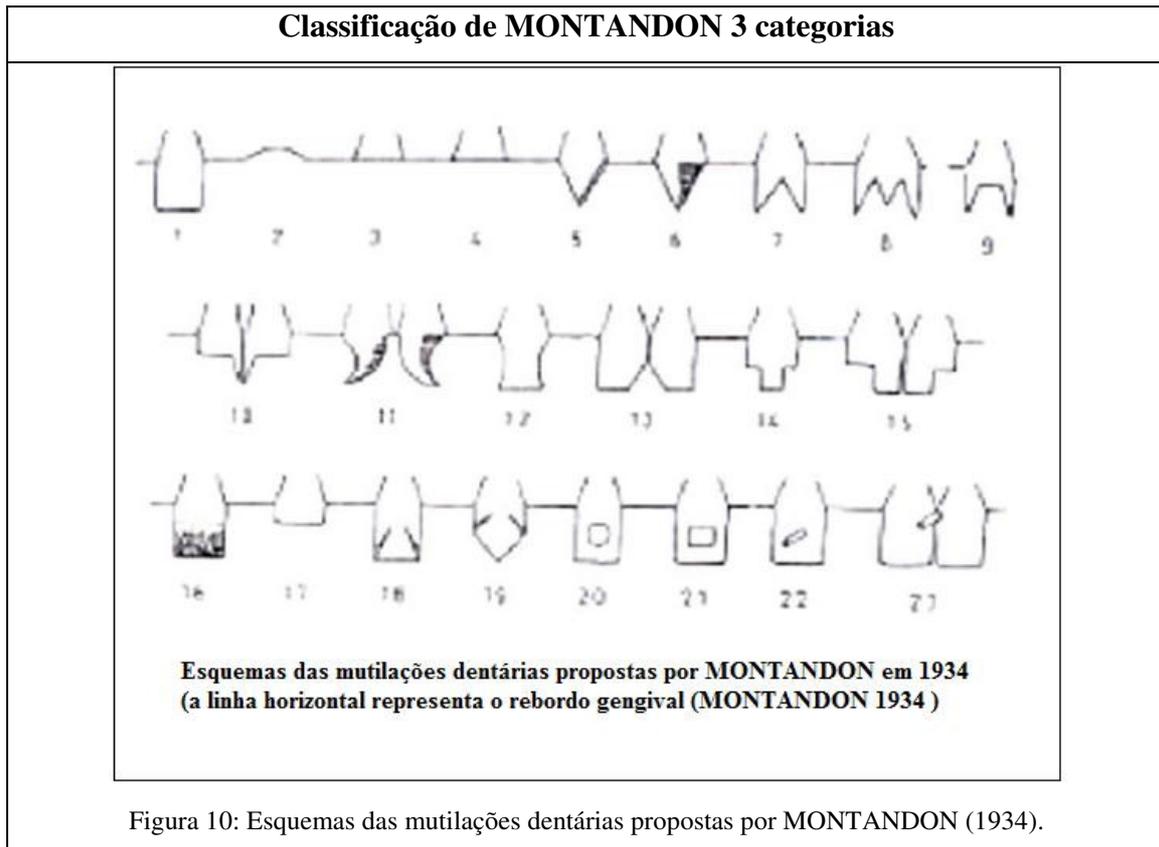
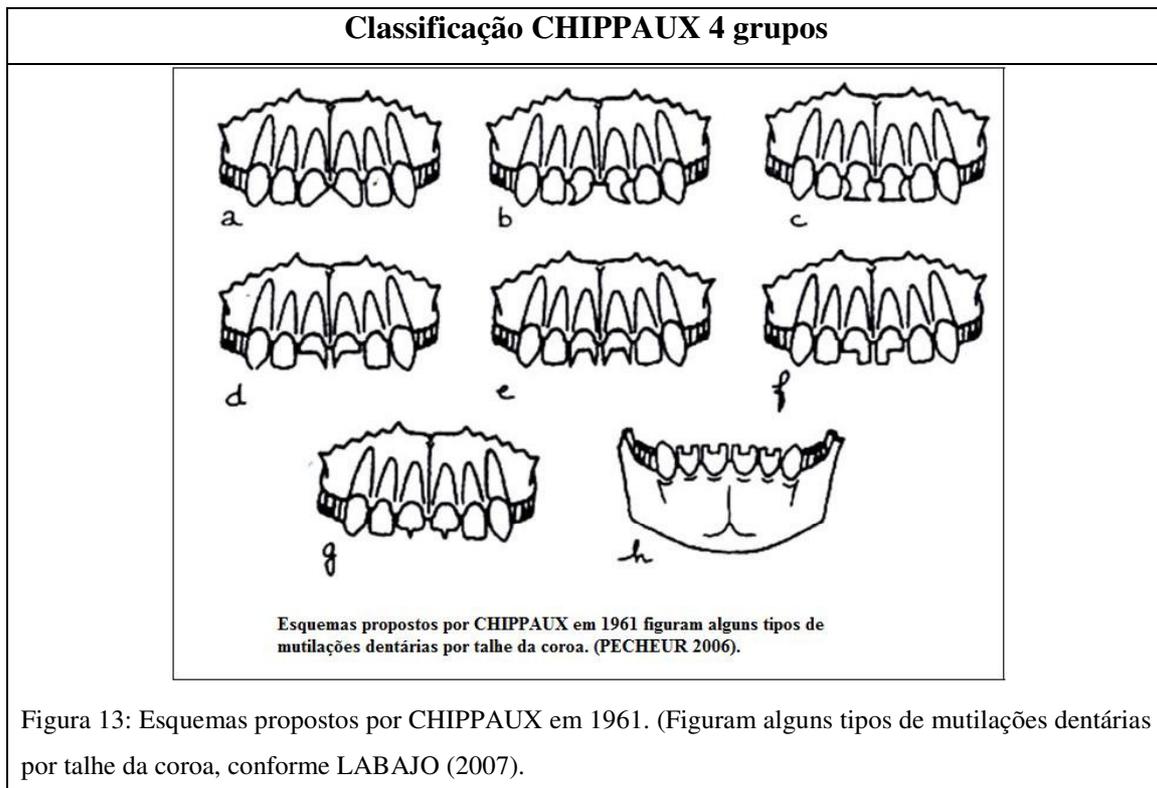
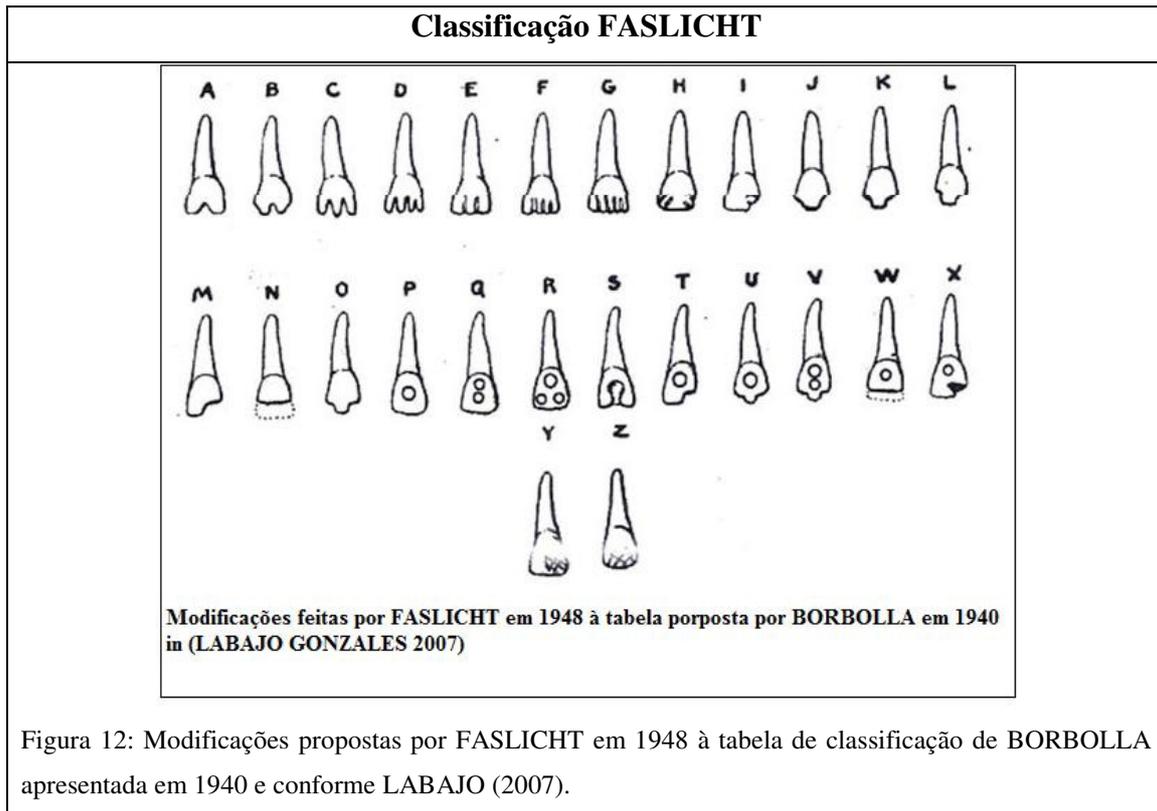


Figura 9: Classificação de SAVILLE - 16 TIPOS – Catalogadas por ordem alfabética e conforme.

Fonte: LABAJO, 2007.





Classificação de ROMERO em 1970 - 7 categorias

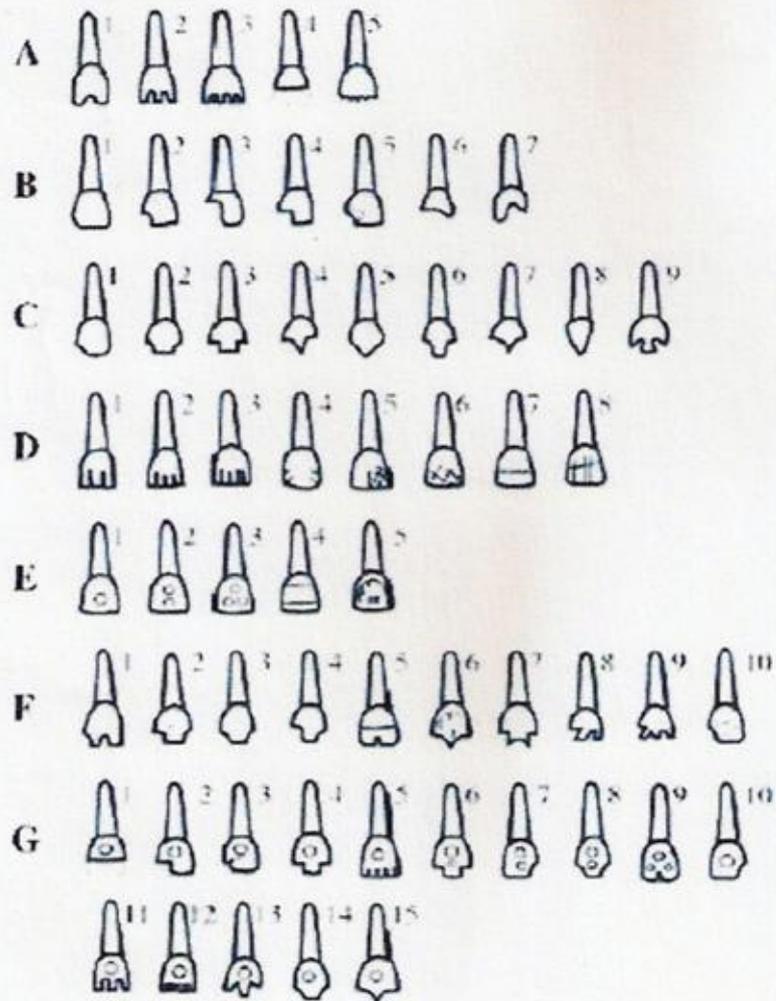


Tabela de classificação das mutilações dentárias pré- hispânicas proposta por Romero em 1970 (LBAJO GONZALES 2007)

Figura 14: Tabela de classificação das mutilações dentárias pré-hispânicas proposta por ROMERO em 1970, conforme LABAJO (2007).

Classificação de Romero – Modificações em 1986

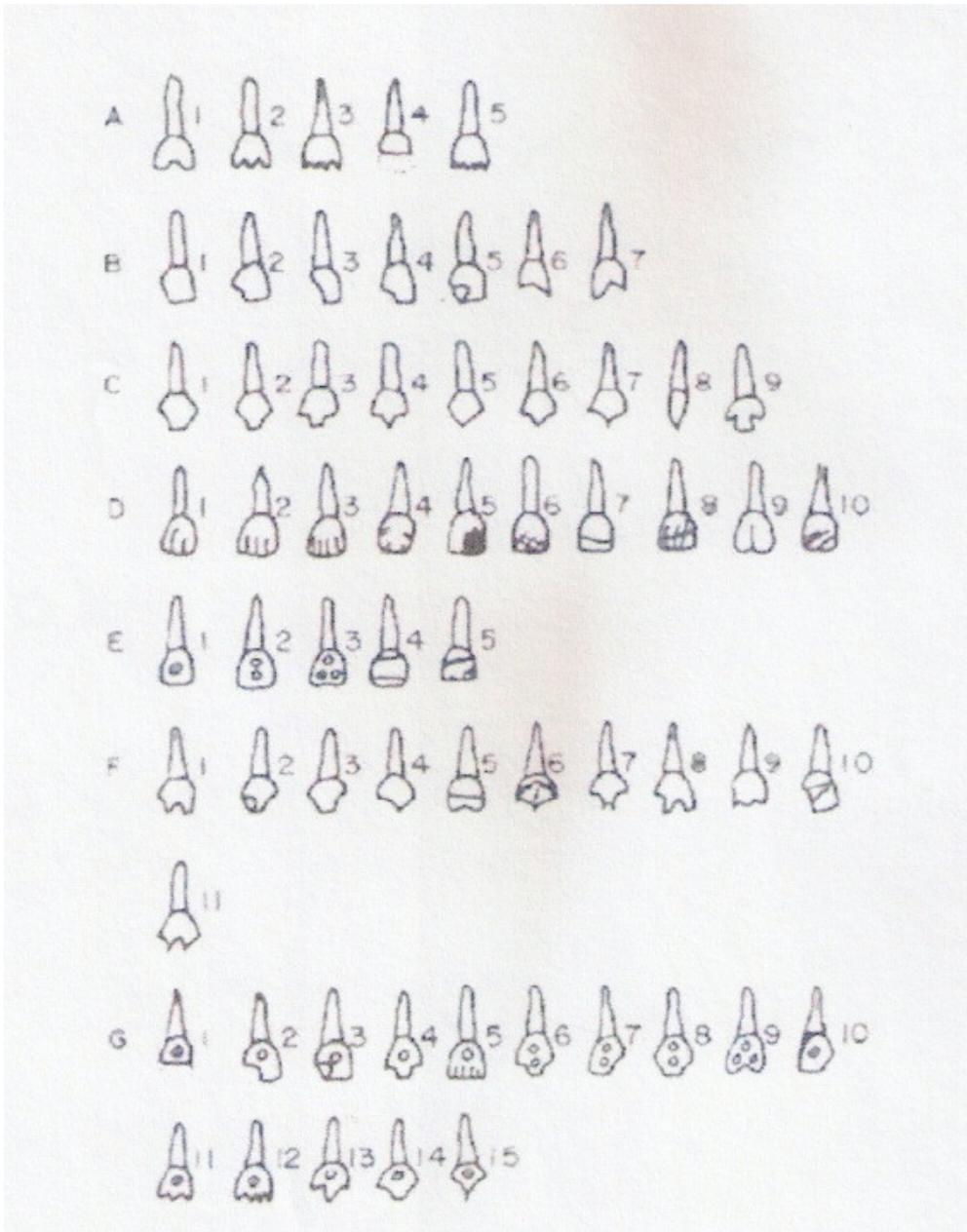


Figura 15: Modificação em 1986 da tabela de classificação das mutilações dentárias pré-hispânicas proposta por Romero em 1970 conforme LABAJO (2007).

5.4 - As Mutilações dentárias nos diversos povos

A pesquisa a nível mundial dos tipos de mutilações dentárias com vista a uma comparação com a praticada entre os Makonde permitiu-nos compilar o material que serviu de base aos modelos apresentados seguidamente.

<p>Modelos 6</p> <p>Nestes modelos observamos cortes em “ V” invertido em que o bordo incisal dos dentes sofre cortes verticais (único ou múltiplos).</p> <p>(Modelo criado pelo autor)</p>	
<p>Modelos 6 A</p> <p>Nestes modelos observamos cortes em “ V” invertido em que o bordo incisal dos dentes sofre cortes verticais (único ou múltiplos).</p> <p>(Modelo criado pelo autor)</p> <hr/> <p>Este tipo de corte também é designado por “dentes de serra”.</p> <p>(OLVERA et al., 2010).</p>	  <p>Maxilar pré-colombiano encontrado no local de Tzintzuntzan (Michoacan) e que apresenta ranhuras verticais ao nível dos incisivos centrais e laterais.</p>

Figura 16: Mutilação por fractura e abrasão.
Fonte: OLVERA, et al (2010).

Este tipo de mutilação encontra-se no Arquipélago Malaio, Bogogos das ilhas Sonda, Pigmeus da COSTA da Libéria, Belibus do Congo e Sarawks – Borneo.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Encontra-se também entre os Atonga, Apoto e Wawanganga, no caso dos dentes com o corte tipo serra.

Modelo 7

Desgaste por meio de LIMA e ou pedra abrasiva na face vestibular dos incisivos superiores podendo também estender-se aos caninos. Neste caso o bordo incisal fica mais fino.

(Modelo criado pelo autor)



Figura 17: Mutilação por abrasão.

Este tipo de mutilação era mais comum na região de Java, Bornéu e Molucas.

Modelos 8, 9 e 10

Este tipo de perfuração pode, por vezes, atingir a câmara pulpar por extensão da perfuração. Dentes com incrustações com pedras preciosas ou semi-preciosas ou simplesmente decorativas.

Para ilustrar a mutilação e incrustação, confeccionou-se um modelo similar que se encontra no Museu Nacional de Antropologia, Mexico DF e está fotografado na pág. 85 do livro de Loreta Frances Ichord sobre “tooth worms – History of dentistry”.

É de assinalar que a utilização da turquesa estava reservada à classe social mais elevada (governantes), enquanto o jade estava reservado para as classes abastadas.

(Modelos criados pelo autor)



Figura 18: Modelos 8, 9 e 10 – Mutilação perfurante para incrustação.

Existem registos da sua prática entre os povos da América Pré-Colombiana e nas tribos Esmeraldas do Equador e na ilha de Sumatra – Malásia. No Equador era frequente a utilização de ouro. (OLVERA, et al., 2010).

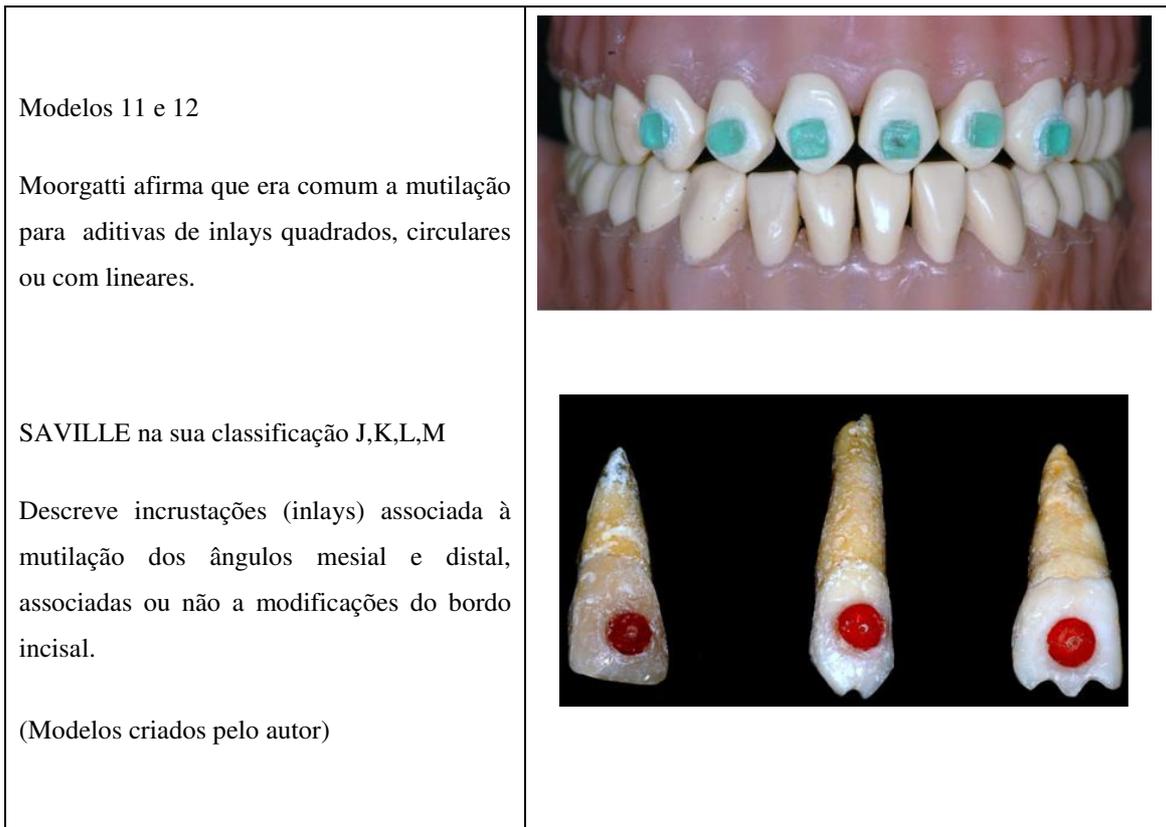


Figura 19: Modelo 11 e 12 – Mutilação perfurante para inlay.

É interessante notar que nos dias de hoje é moda a colocação de zircônios por colagem nos dentes anteriores. No Japão, Rússia e outros países eslavos, bem como no Brasil e Africa do Sul ainda é frequente a utilização de ouro.

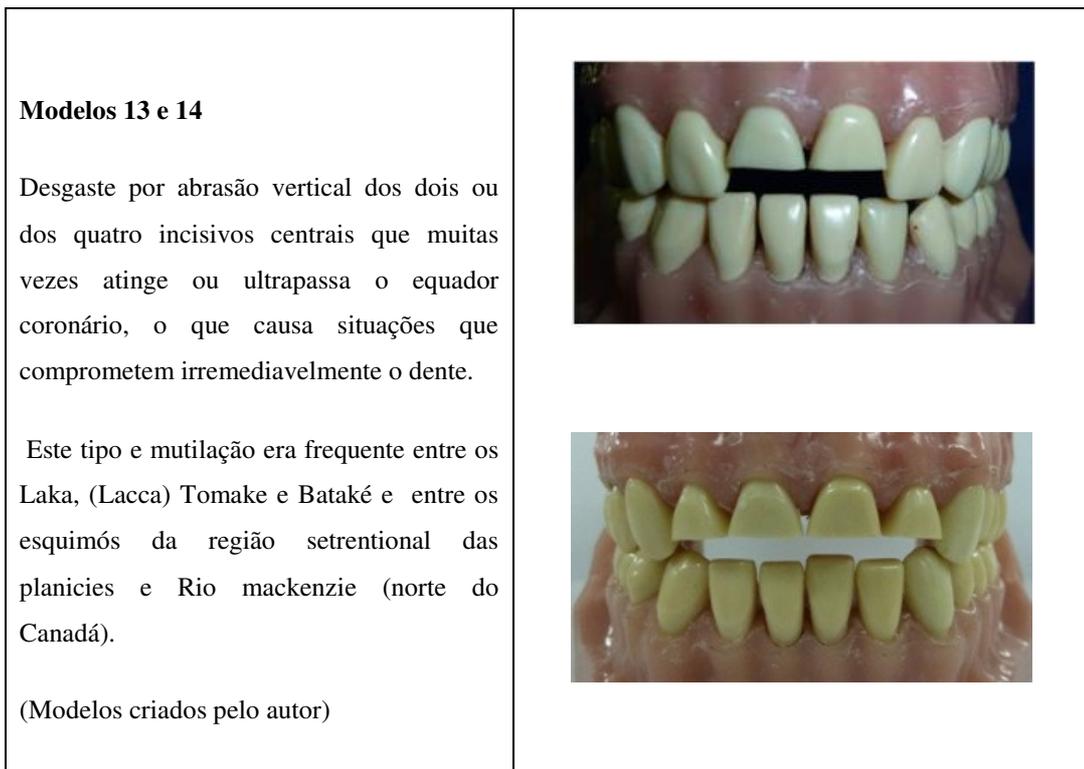


Figura 20: Modelos 13 e 14 – Mutilação por abrasão.

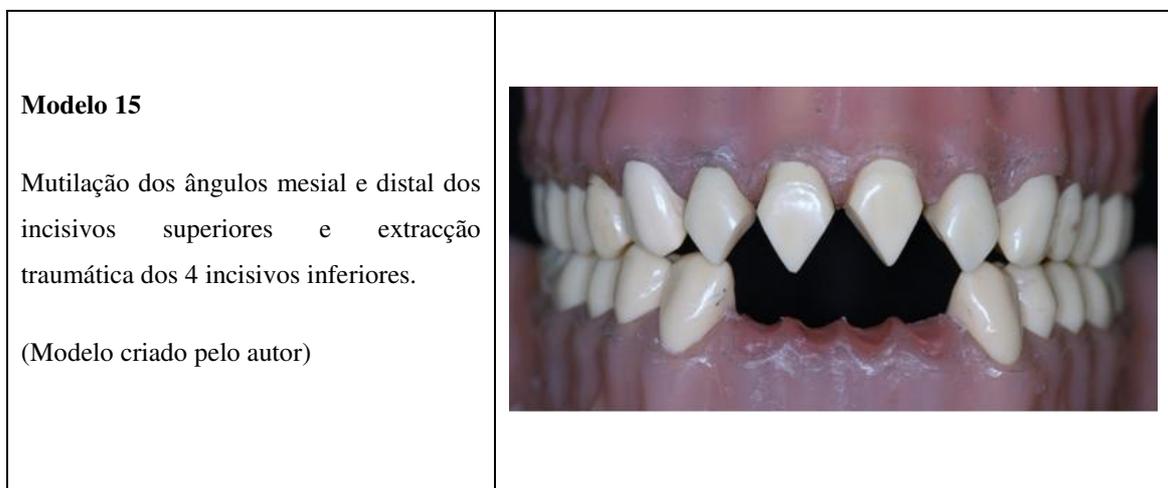


Figura 21: Modelo 15 – Mutilação mista por fractura e extracção.

É um tipo de mutilação praticado pelos Herero. Esta intervenção ocorria durante a festa dos dentes (Vahima) é praticada em ambos géneros. Este povo aplicava a mesma prática de mutilação aos seus prisioneiros capturados nas incursões aos Damara,

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Hotentotes e Busquimanos. Os povos Dzimu, Dzem, Sangha, Kaba, Laka e os Dinka do Nilo também utilizavam este tipo mutilação.

<p>Modelo 16</p> <p>Extracção dos 6 dentes superiores anteriores.</p> <p>(Modelo criado pelo autor)</p>	
<p>Modelo 17</p> <p>Extracção dos 4 dentes incisivos centrais superiores</p> <p>(Modelo criado pelo autor)</p>	

Figura 22: Modelos 16 e 17 – Mutilação por extracção.

A mutilação do tipo do modelo 16, era uma prática corrente no Zimbabwe em ambos os géneros.

A mutilação do tipo do modelo 17 era mais comum em África entre os M'Baca do Congo, Ba-Binga e os Bonyo. Na Nova Gales do sul da Austrália os jovens aborígenes tiravam os dentes anteriores quando atingiam a virilidade, também na província de Kwiechow na China os homens quando casavam tiravam os dentes incisivos às suas mulheres (Tapakiulau).

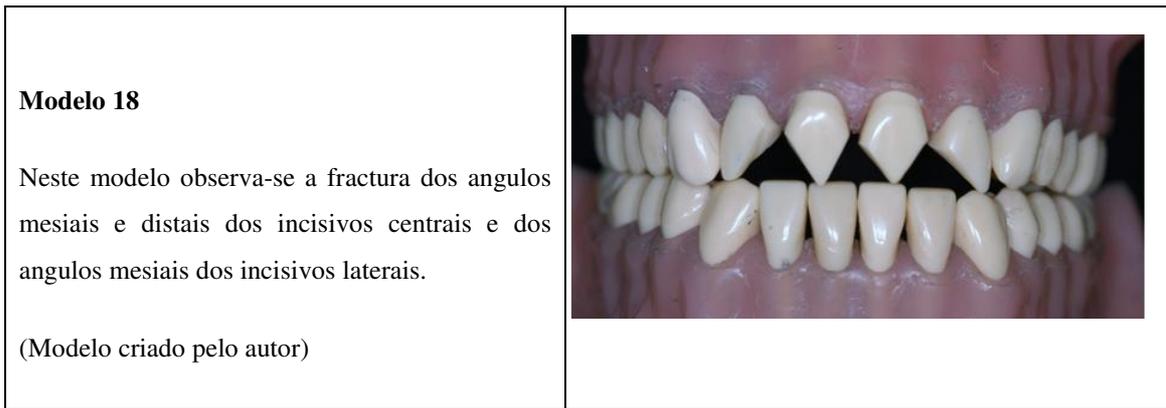


Figura 23: Modelo 18 – Mutilação por fractura.

Esta é uma prática descrita entre os Ykoma.

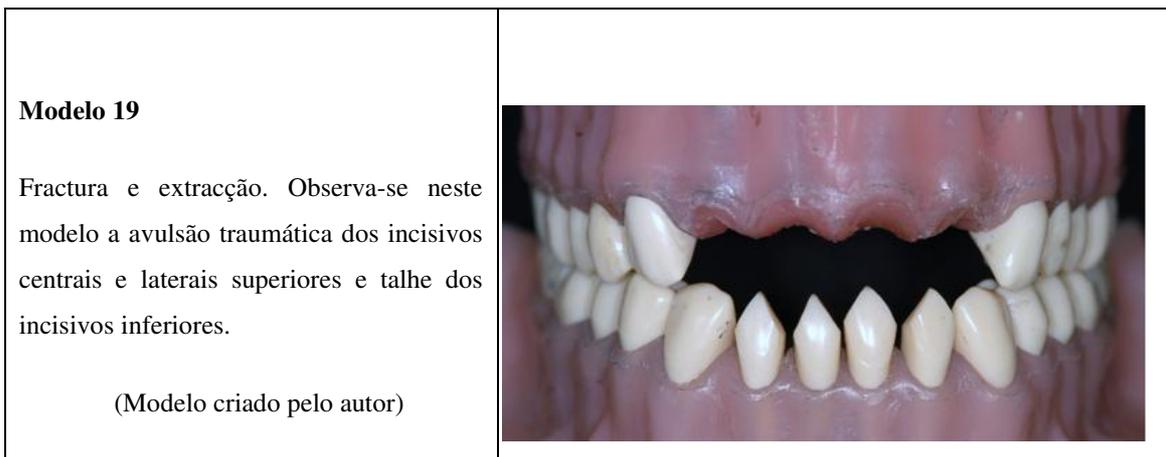


Figura 24: Modelo 19 – Mutilação mista.

Trata-se de uma prática comum aos Aschango, Iscogo e Apomo.

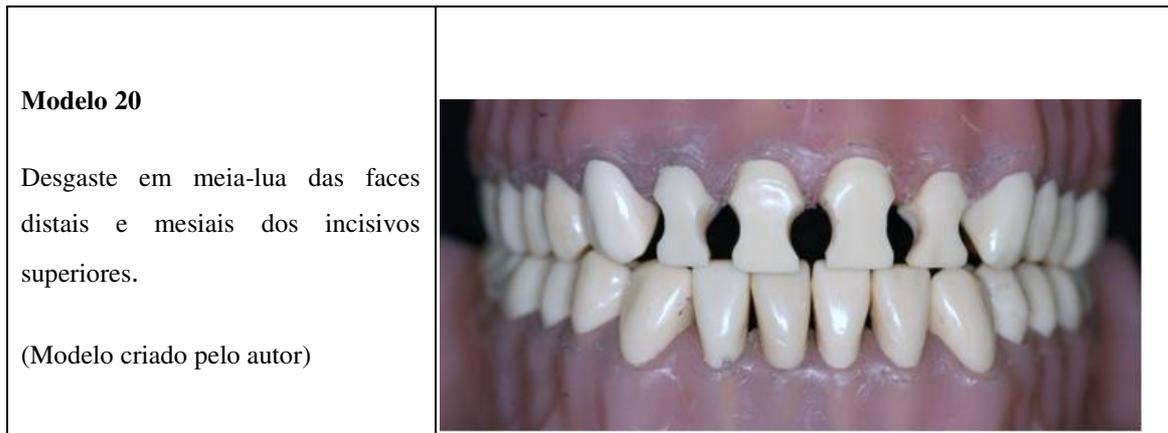


Figura 25: Modelo 20 - Mutilação por desgaste.

Este tipo de mutilação encontra-se entre os povos Sara – kaga – Sudão.

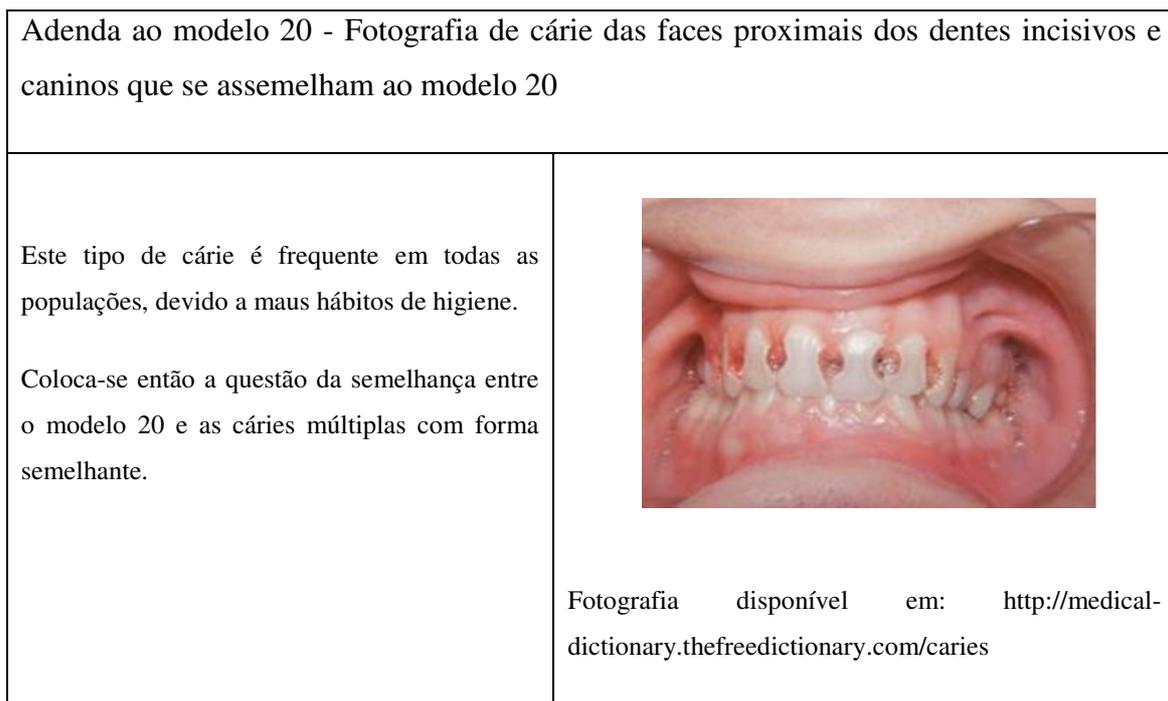


Figura 26: Adenda ao modelo 20.

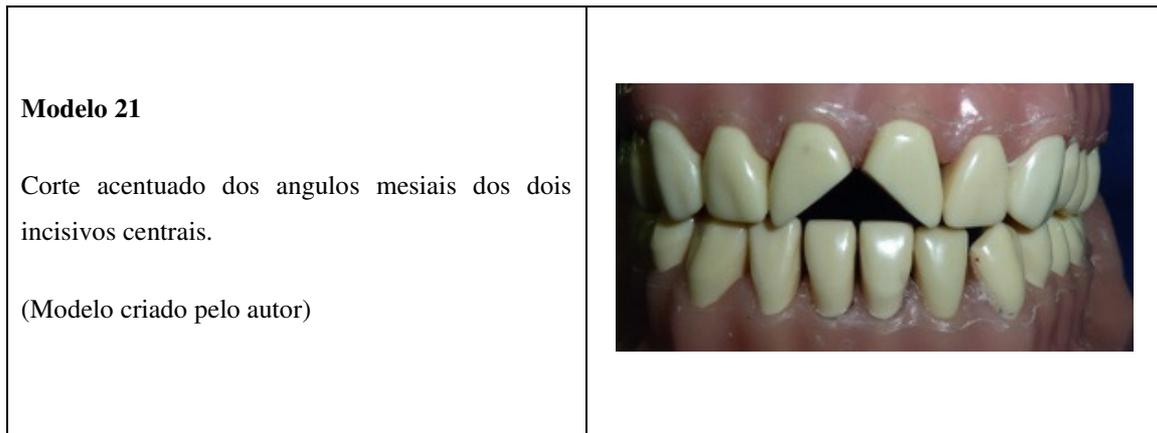


Figura 27: Modelo 21 – Mutilação por fractura.

Este corte era praticado entre os Wazanaki – Tanzânia (tribo de Júlio Nyerere), e os Ndaos e Nhungue de Moçambique, e os Bangang, Mahum, Ganguelas e Nyam Nyam.

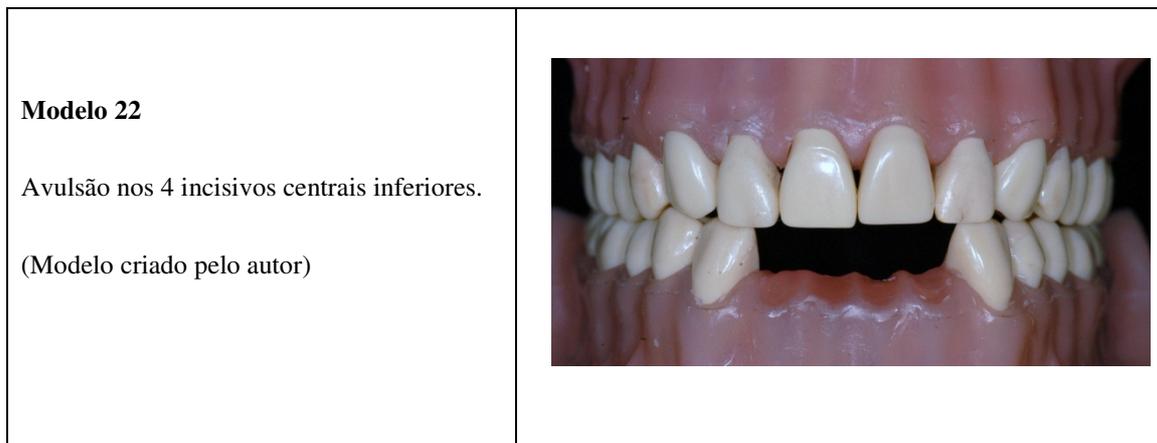


Figura 28: Modelo 22 – Mutilação por extracção.

Mutilação praticada entre os Ba-Binga, Dzimu, Dinka, Dzem, Sangha-Sangha e Herero.

Os Ovandonga extraíem só os dois incisivos centrais inferiores. Encontram-se também este tipo de mutilação no sul lago Tchade e curso inferior do Nilo.

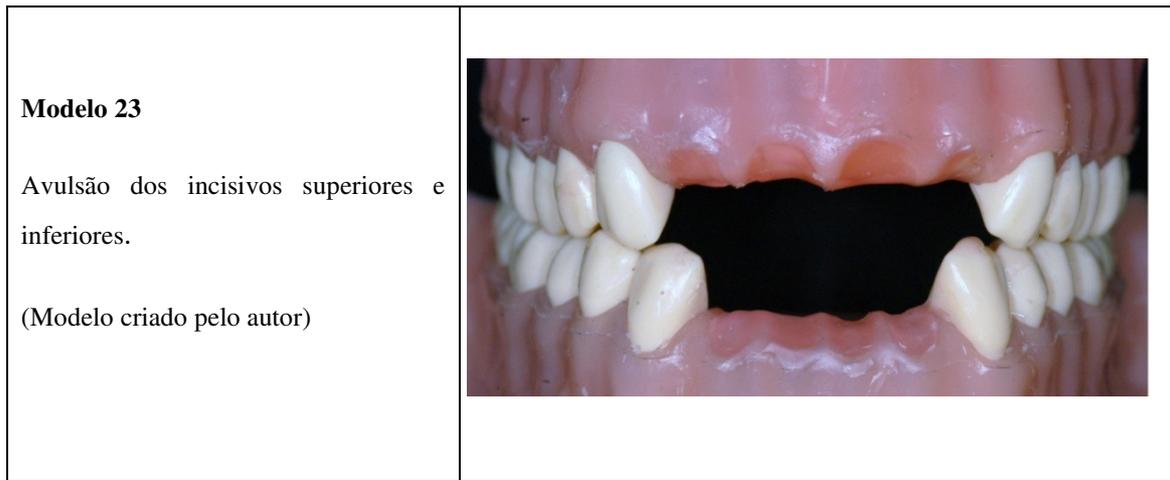


Figura 29: Modelo 23 – Mutilação por extracção.

A prática era usual entre os Batua e Tumbas.

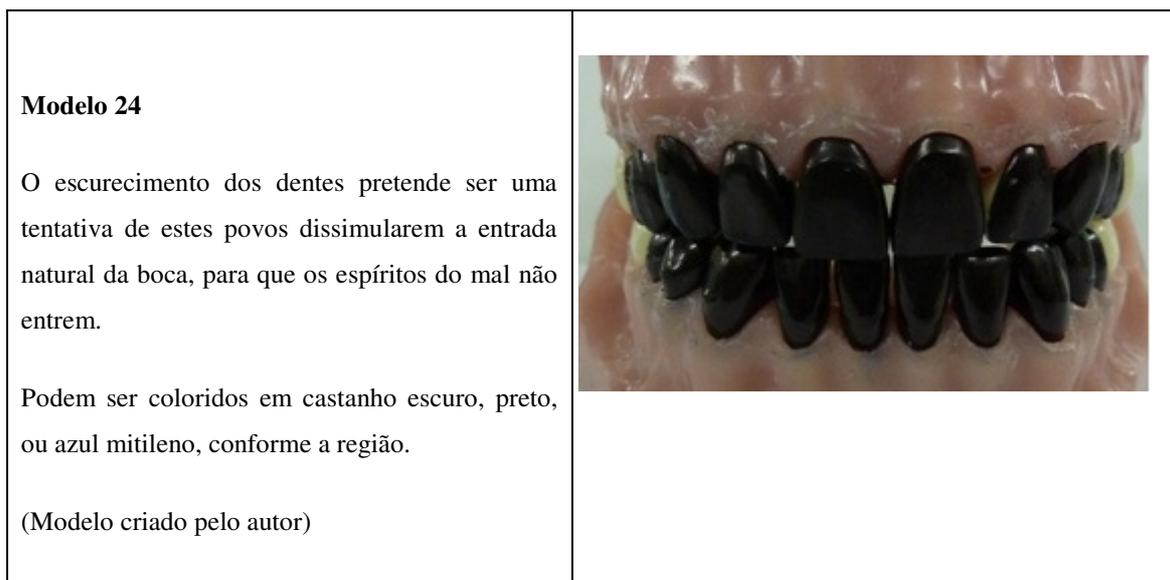


Figura 30: Modelo 24 – Coloração.

Esta era uma prática frequente em Timor e Indochina. Também os Barbacoas da selva do Equador pintavam os dentes e o rosto.

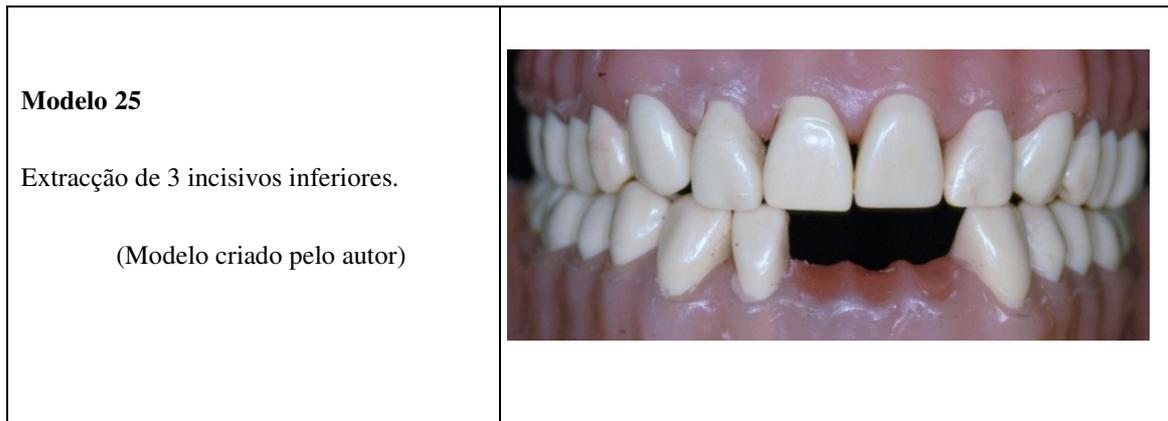


Figura 31: Modelo 25 – Mutilação por extracção.

Extracção praticada em algumas tribos da margem norte do Nilo. Os jovens extraíam 3 dentes incisivos inferiores por uma questão de estética, padrão étnico de beleza.



Figura 32: Modelo 26 – Mutilação por fractura.

Mutilação praticada entre as tribos do curso superior do Rio Nilo, Bangalas e Bowbanghis. (HANDLER *et al.*, 1981).

Adenda ao modelo 26

Sabe-se que as mutilações dentárias com o padrão apresentado por este autor em que são amputados os angulos distais dos insicivos centrais e laterais entre as populações do Rio Nilo, Bangalas e Bowbanghis, de matriz linguística Bantu.

Todavia a forma como o incisivo central aparece colocado nesta foto, leva-nos a concluir que não será o incisivo superior direito, mas sim o esquerdo.



Fotografia propriedade de:University of Wisconsin-Madison Por cortesia de: T. DOUGLAS PRICE

Incisivos superiores recuperados de uma sepultura de escravos no cemitério de Campeche, México, Esses dentes mostram evidências da prática de mutilação entre alguns povos africanos no século 16 (PRICE, 2006).

Na fotomontagem à direita, que tem como base a foto de PRICE, sugere-se outra disposição do incisivo que em cima se apresenta à direita. O que contraria o padrão da mutilação.

Na fotomontagem posicionamos o incisivo central superior que em cima se apresenta como o 11 (classificação dentária internacional) na posição 21, que nos parece ser a mais correcta.



Fotomontagem efectuada por Ricardo Roseiro, para ilustração da teoria do autor

Figuras 33 e 34: Adenda à nota explicativa do modelo 26.



Figura 35: Modelo 27 – Mutilação por fractura.

Este tipo de mutilação encontra-se descrita num artigo na “Revue de Stomatologie (GINESTET, 1930).



Figura 36: Modelo 28 – Mutilação por fractura.



Figura 37: Modelo 29 – Mutilação por abrasão e fractura.

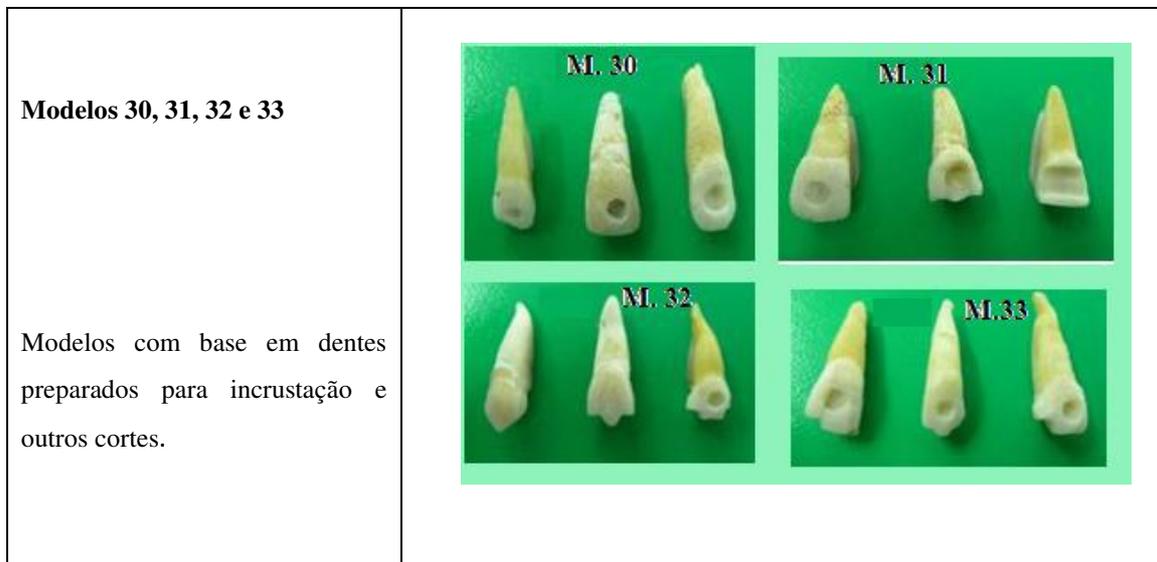


Figura 38: Modelos 30, 31, 32 e 33 – Mutilação por incrustação e corte.

Segundo (VAN-RIPPEN, 1918) estes modelos representam as diferentes formas de incrustações e cortes que foram frequentes na América Central (os Maias) e os de Esmenalda (Equador).

Saville refere que estes povos para praticarem a mutilação cavitária ou do bordo incisal ou da face vestibular, mascavam folhas de coca como anestésico (SAVILLE, 1913).

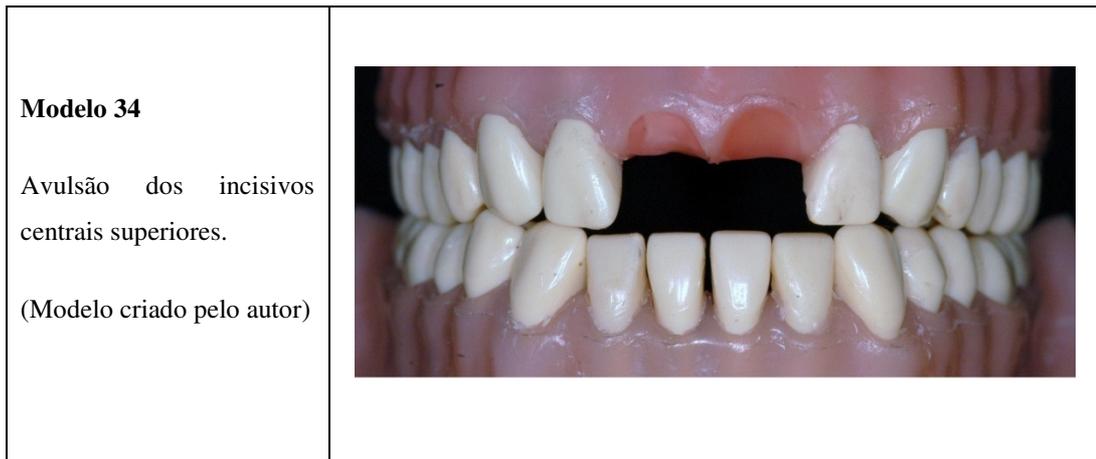


Figura 39: Modelo 34 - Mutilação por extracção.

Este tipo de mutilação era prática usual na ilha Formosa / Tawain. As raparigas quando chegavam a puberdade eram-lhes extraídos os incisivos centrais para “respirar melhor” (WESTERMARCK, 2003).

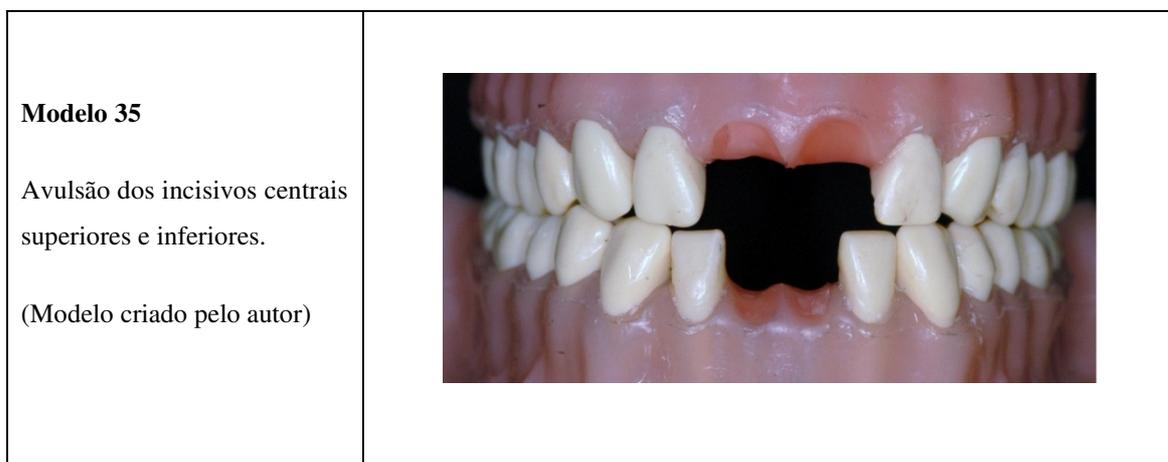


Figura 40: Modelo 35 - Mutilação por extracção.

Segundo o inca Garcilaso de La Vega. *in*: Salvador, LERMAN, em “História de Odontologia” na província de Goyas, no Equador, os índios extraíam os dois incisivos centrais em ambas as arcadas. (LERMAN, 1974).

6 - Efeitos mórbidos das mutilações: dentária e labial

Quando iniciámos em 2003 os estudos sobre as mutilações entre os Makonde fizemos comparações e sistematizações com outros povos.

Procurámos vários autores mais recentes que pudessem estabelecer comparações e linhas de pensamento exploratórias e direccionais em relação aos autores clássicos criadores de escolas e métodos de investigação.

6.1 - Efeitos mórbidos da mutilação dentária

Encontrámos referências a um artigo de 2007 da Professora FABIAN, F. M. – Mutilação dos dentes e labial (MDL) publicado no, *East African Medical Journal*, que citamos por confirmar parte do nosso estudo, muito embora os dados colhidos reportassem a um número reduzido de observados sujeitos a mutilação dentária (FABIAN, 2007).

Este estudo não se estendeu aos Makonde de Moçambique, circunscrevendo-se apenas à região norte do Rovuma, mas, ao destacá-lo, pretendemos referir as preocupações de registo que os seus autores tiveram, para confirmar o abandono natural destas práticas na Tanzânia. Quisemos também confirmar, se estas práticas, estão associadas, de algum modo, à perda de dentes e à existência de lesões na mucosa oral. O universo desta investigação foi a população rural de etnia Makonde.

O estudo em questão foi realizado através de uma amostra randomizada pelo método de Ballot System². O único critério de selecção foi a idade dos participantes, cuja idade mínima foi de 40 anos. Foram seleccionados 217 adultos com as idades compreendidas entre os 40 e 95 anos. A amostra dividiu-se entre 115 homens e 102 mulheres.

² Ballot System, é também chamado de escrutínio Australiano, é um sistema de votação em que os eleitores marcam as suas escolhas em matéria de privacidade uniforme em cédulas impressas e distribuídas pelas entidades acreditadas, ou em que designam as suas escolhas por outros meios secretos. Victória e Austrália do Sul foram os estados pioneiros na introdução do voto secreto (1856), e por isso o voto secreto é conhecido como o voto australiano.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

O questionário incluiu perguntas sobre a história da mutilação de cada um, quando tinha sido feita, se essa mutilação tinha tido origens nos costumes tradicionais tribais, ou se tinha tido outras razões, e qual tinha sido a idade em que a mesma tido sido realizada.

O principal objectivo do estudo, foi determinar a prevalência da mutilação dentária e labial entre a população Makonde, e em segundo, determinar a prevalência da perda de dentes e a existência de lesões na mucosa oral, associada ou não, a estas práticas. Os indivíduos participantes, foram questionados, sobre a extracção de dentes devido a causas como: dor de dentes, dentes cariados, mobilidade dos dentes, e outro tipo de razões. Os autores efectuaram exames intra e extra-orais para determinar a presença ou ausência de lesões orais, quer, devido à mutilação dos dentes e mutilação labial, provocadas pelo uso da ndona. Também avaliaram o estado geral dos dentes remanescentes.

6.1.1 - Resultados do estudo de FABIAN (2007)

Os autores dividiram os sujeitos estudados por faixa etária, e concluíram que nos indivíduos sujeitos a mutilação, o índice efectivo de mutilação, tinha um peso muito maior, a partir dos 55 anos, (82%) contra os 17% quando os indivíduos estavam na faixa etária dos 40 aos 54 anos.

A perda de dentes devido a mutilação foi de cerca de 20,4% e a perda de dentes devida a outras razões foi de 79,6%. A diferença tem um significado estatístico importante, ($P = 0.01$).

Para os outros segmentos, não havia perda de dentes devido a mutilação, a perda de dentes foi 100% devida a outras razões.

O pico de 50% foi observado em indivíduos cuja idade se situava entre os 55 e os 64 anos. Nos indivíduos mais velhos, entre os 65-95 anos, a taxa desceu para os 32%.

Quadro 24

Prevalência da mutilação dentária por idade

Grupo Etário	Mutilação Dentária Nº (%)		Sem Mutilação Dentária Nº (%)		TOTAL Nº (%)	
	40 - 54	6	17,6	107	58,5	113
55 - 64	17	50,0	40	21,9	57	26,3
65 - 95	11	32,4	36	19,7	47	21,5
TOTAL	34	15,7	183	84,3	217	100%

Fonte: Estudo de FABIAN (2007).

Quadro 25

Dentes perdidos relacionados com a mutilação dentária e outras razões

Causa Perda Dente	Perda de Dentes Anterior Nº (%)		Perda de Dentes Posterior Nº (%)		TOTAL Nº (%)	
	Mutilação	81	21,7	0	0,0	81
Outras causas	293	78,3	1132	100,0	1625	95,3
TOTAL	374	100,0	1332	100,0	1706	100%

Fonte: Estudo de FABIAN (2007).

Dos 115 homens participantes, apenas 13 (11,2%) tinha feito mutilação dentária, já nas mulheres, das 102 mulheres apenas 21 tinham feito mutilação dentária.

Quadro 26

Prevalência da mutilação por género

Mutilação Dentária	Homens		Mulheres		TOTAL	
	Nº	(%)	Nº	(%)	Nº	(%)
SIM	13	11,3	21	20,6	34	15,7
NÃO	102	88,7	81	79,4	183	84,4
TOTAL	115	100,0	102	100,0	217	100%
Fonte: Estudo de FABIAN (2007).						

Do total da amostra, apenas 15,7 % dos indivíduos em estudo, tinham sido sujeitos a mutilação dentária, dos dentes incisivos superiores e inferiores, através do corte e desgaste do esmalte, até os mesmos, ficarem com a ponta em forma triangular.

No estudo agora revisto, embora a diferença não tenha significado estatístico, havia mais mulheres do que homens, entre os que tinham sido sujeitos a mutilação; Cerca de 20,6% das mulheres contra 11,3% dos homens.

Ao contrário do estudo realizado por FABIAN (2007) o autor encontrou mais homens com dentes mutilados/cortados, (*talvez porque os nossos informantes eram na sua maioria do sexo masculino, o que pode ter distorcido o campo de observação*), e também porque, grande parte das mulheres mais velhas com quem se contactou, eram praticamente desdentadas.

A conclusão deste trabalho revela-nos que de um modo geral, os participantes do estudo, apresentavam uma extensa perda de dentes, e os que ainda conservavam, apresentavam cáries múltiplas, com as coroas totalmente ou parcialmente destruídas.

No entanto, a perda de dentes estava directamente relacionada com a mutilação dentária em apenas 20,40% dos casos, por isso, não se pode dizer que houve uma correlação significativa entre a mutilação dentária e perda de dentes.

Assim, a perda observada, pode dever-se a outras razões como hábitos alimentares e de higiene. Também a idade dos indivíduos pode ser um factor de peso, já que mais de 80% dos participantes que fizeram mutilação dos dentes, tem 55 anos mais. As idades dos indivíduos a quem foi praticada a mutilação, é um, dos indicadores que as práticas de mutilação estão a desaparecer entre a geração mais jovem.

Qualquer intervenção sobre os dentes com relevância traumática ou que provoque desgaste do esmalte conduz ao aumento da sensibilidade dentária que se manifesta por dor e consequentes processos pulpares, factores que conduzem perda do dente. No caso de avulção, devida à perda de contacto com os dentes opositores, aumenta a possibilidade de extrusão dentária. Quando a fractura provocada atinge a dentina ou pulpa dentária subsiste quase sempre existe uma reacção inflamatória, que não sendo tratada, causa danos irreversíveis.

Em todo o mundo, sobretudo nas populações mais desfavorecidas, a perda dos dentes é a situação mais comum, devido aos factores já atrás referenciados e os Makonde não fogem à regra. A ausência de condições sociais, culturais e económicas, e a falta de serviços estruturados nas zonas rurais, limitam qualquer hipótese de tratamento, sendo a extracção, a única resposta terapêutica ou a avulsão espontânea.

6.2 - Factores deletérios que advém do uso do prato-labial (ndona)

FABIAN (2007) refere-se aos efeitos deletérios do uso do prato-labial (ndona). O estudo incluiu perguntas sobre a história da mutilação de cada um, quando tinha sido feita, se essa mutilação tinha tido origens nos costumes tradicionais tribais, ou se tinha tido outras razões, e qual tinha sido a idade em que tinha sido realizada. O principal objectivo do estudo, foi determinar a prevalência da mutilação dentária e labial entre a população Makonde, e em segundo, determinar a prevalência da perda de dentes e a existência de lesões na mucosa oral, associada ou não, a essas práticas. Neste estudo a mutilação labial, não foi exclusiva nas mulheres, Das 112 mulheres, 93 estavam completamente informadas sobre os costumes e tradições das mutilações e dessas 93 mulheres, 28% usavam a ndona.

O estudo teve em atenção os dados obtidos noutra estudo realizado em data anterior (1986) pelo investigador Gupta, K.S. sobre a mutilação labial pelo uso da ndona. Os dados de Gupta, estão em consonância com os dados recolhidos,

relativamente ao uso da ndona, que é ainda prática quase exclusiva das mulheres, e à relativa ausência de lesões intra-orais. (GUPTA, 1986).

Gupta não considerou a perda óssea da crista alveolar e as prováveis modificações da curva anterior do bordo maxilar, que por si só são danos significativos e que fatalmente conduzem à perda dos dentes. Assim, a referida ausência de lesões intra-orais, entre as mulheres que usam a ndona, não se pode aceitar, neste ponto, como um dado conclusivo.

Também AANESTAD & POULSEN (1996) apresentaram um estudo sobre as condições orais relacionadas com o uso da ndona entre os Makonde da Tanzânia. Nesse estudo foi observado casos de granuloma gengival e uma excessiva recessão gengival resultante do uso da ndona, sendo o espessamento das mucosas, outro factor a considerar. É de notar que o estudo de FABIAN (2007) está em consonância com o estudo realizado por (AANESTAD & POULSEN 1996)), porque as mulheres que participaram no seu estudo também apresentavam ausência dos incisivos, perda provocada pela agressão sistemática do uso da ndona. No entanto, os investigadores não tiveram em conta os processos que se operam ao longo do tempo, consequência dos traumas causados pelos objectos de adorno lábio/boca. Os observados podem não revelar lesões agudas, mas o quadro de perda de dentes e os índices de perda óssea são dados importantes, para as conclusões do diagnóstico enquanto lesão.

As diferenças encontradas, podem ser explicadas pelos critérios usados na recolha da informação, que foram divergentes. Se no estudo de (AANESTAD & POULSEN 1996), a amostra de mulheres foi muito menor, e o critério de selecção teve outros factores de exposição, tais como o tipo de árvore escolhida para obter a madeira para fazer a ndona (esse pode ser um item, provocador de lesões). No estudo de FABIAN (2007) os autores analisaram lesões provocadas pelo uso de madeira, qualquer que ela fosse. Tiveram em conta o peso e o tempo de uso diário e idade e a compressão provocada pela tracção do lábio e pressão sobre o bordo alveolar anterior do maxilar.

Na nossa permanência em Moçambique, durante os diferentes períodos, tivemos oportunidade de observar mulheres que usam ou usaram a ndona. Aí constatamos, que a maioria dessas mulheres perdeu os dentes incisivos devido à pressão do aparato contra a parede vestibular. É portanto, uma situação contra natura que provoca lesões extensas,

além de outras situações como a mastigação, deficiências na fala e mais grave, a perda de dimensão oclusal e lesões graves no A.T.M. (articulação temporomandibular) com o seu cortejo de sintomas que suportam como coisa natural.

7 - Medicina autóctone - propriedades das plantas medicinais

Não sendo tema deste trabalho o estudo das principais propriedades de diversas plantas utilizadas pelos Makonde e que de alguma forma, estão relacionadas com os dentes, como por exemplo a aplicação da raiz da dimalika (*communis communis*) para atenuar a dor, quisemos, no entanto, referir algumas delas.

7.1 - A planta do Rícino (*communis communis L.*) – Propriedades Medicinais

Durante a nossa investigação pretendemos conhecer melhor esta planta, e quais as suas propriedades medicinais. Para tal, recolhemos informação científica sobre o *Ricinus communis l.* Trata-se de um arbusto conhecido pelos Egípcios há mais de 4000 anos. As suas sementes foram encontradas por arqueólogos em sarcófagos egípcios, acredita-se que este povo utilizava, as sementes desta planta para fins medicinais e como combustível, há pelo menos 4.000 anos (OLSNES, 2004).

É uma espécie nativa da África tropical e teve a sua origem possivelmente na Etiópia. É uma planta monóica, com flores femininas na parte superior e masculinas na parte inferior do pendão floral.



A planta RICINUS COMMUNIS L., Os seus frutos (as sementes) e as suas raízes

Figura 41: Ricinus communis L. – Planta, frutos e raiz.
Fotos do autor.

7.1.1 - Utilização mais conhecida em homeopatia e medicina natural

Existem indicações na homeopatia para a sua utilização para frieiras, hemorroidais, furúnculos, úlceras, doenças de pele, prisão de ventre e disfunções estomacais. O povo árabe, queima as suas folhas para controlar problemas respiratórios. (DUKE & WAIN 1981). O uso popular das plantas em várias culturas, serve como estímulo para muitos pesquisadores determinar cientificamente qual a acção farmacológica dessas plantas e quais os seus mecanismos.

7.1.2 - Utilização mais conhecida em medicina convencional

Assim procurámos estudos na medicina convencional, sobre a sua utilização. As partes da planta que podem ser utilizadas para fins medicinais são: as folhas, as raízes, o caule, e os frutos, isto é, a planta no seu todo (KHAN et. al., 2011).

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Os estudos revistos apontam que o óleo de rícino, pode ser utilizado como anti-séptico ou desinfectante, porque apresenta actividade anti-microbiana contra bactérias gram-positivas e leveduras (FERREIRA, et. al. 1999).

Segundo (HIRAKI *et al.*, 2001) e (PRETEL *et al.*, 2001) o óleo de rícino apresenta alto potencial cicatrizante e osteogénico.

Para (CHAITANYA *et al.*, 2010), as folhas da planta, são a parte utilizada com maior frequência. Também segundo as conclusões de (KOTA & MANTHRI, 2011) as folhas do rícino têm uma actividade antibacteriana significativa, como se pode analisar no quadro seguinte.

Quadro 27

Capacidade de inibição dos organismos – comparação acção do extracto de folhas do <i>Ricinus Communis</i> versus Gentamicina Standard		
Organismos em Teste	A média dos diâmetros em (mm), das zonas de inibição	
	Extracto de folhas do <i>Ricinus communis</i>	Gentamicina Standard
<i>Bacillus subtilis</i>	13.1± 1.06	14.1± 1.4
<i>Pseudomonas aeruginosa</i>	16.5± 1.7	Não determinado
<i>Escherichia coli</i>	15.1± 2.51	12.8± 1.06
<i>Proteus vulgaris</i>	16.3± 1.24	Não determinado
<i>Staphylococcus aureus</i>	19.1± 2.3	11.6± 2.2
Legenda: diâmetros da zona de inibição - os resultados são expressos com base numa média de seis observações de cada estirpe de bactérias contra cada grupo de teste, isto é, o extracto da planta, versus Gentamicina Standard. Não determinado, uma vez que não houve actividade inibitória.		
Fonte - Traduzido e adaptado de KOTA & MANTHRI (2011)		

Revimos ainda por fim, um estudo em que as raízes da planta, foram objecto de avaliação, quanto às suas propriedades antifúngicas, o estudo foi efectuado em 2011 pelos investigadores KHAN et. al.

As suas conclusões apontam que a concentração inibitória mínima (MIC) dos extractos da raiz eficazes contra os patógenos estudados, foi para todos os casos de 31.25 mg/ml. Assim, os autores concluíram que a raiz do rícino tem fortes propriedades anti-fúngicas contra a *Candida Albicans* e *Microsporium spp*, e que a sua acção pode ser comparada aos antifúngicos standard (KHAN et. al., 2011).

7.1.3 - Outras aplicações farmacológicas do *Ricinus communis* ainda em fase de estudo

Outro estudo de 2005 sobre a “*Análise morfológica e morfométrica da reacção provocada pela pasta contendo hidróxido de cálcio e óleo de Ricinus communis, em tecido subcutâneo de ratos*” de Lucas da Fonseca Roberti Garcia, para determinar se a associação de ambos pode ser uma alternativa viável como medicação intracanal. Este estudo concluiu, que o detergente derivado do óleo de rícino a 3,3%, apresenta actividade anti-microbiana similar à do hipóclorito de sódio a 0,5 %, quando utilizado na irrigação de canais radiculares necróticos (GARCIA, 2005).

Também um estudo efectuado por MOUSINHO (2006) verte sobre a actividade anti-tumoral e interacção com rádio fármacos do *Ricinus communis*. Nesse trabalho foi avaliada a sua influência na actividade anti-tumoral, fragilidade osmótica, marcação (in vitro) de elementos sanguíneos com pertecnetato de sódio ($Na^{99m}TcO_4$) e morfologia celular; na biodistribuição com Tc-99m em animais sadios e com indução tumoral e análise de proteínas totais; como também na marcação e controle radio-químico do extracto com Tc-99m (MOUSINHO, 2006).

As conclusões deste estudo apontam que o extracto de *Rícino Communis* possui grande potencial anti-tumoral, ao alterar a captação do Tc-99m nos testes *in vitro* e *in vivo*, ao competir com o Tc-99m nos locais de ligação das hemácias devido à capacidade de oxidação do ião estanoso, pela competição nos locais de ligação do ião pertecnetato, e modificando assim as estruturas celulares (MOUSINHO, 2006).

7.1.4 - Outras utilizações conhecidas

O óleo de rícino é utilizado na fabricação de cremes para os cabelos e tratamentos de pele. Este, tem várias aplicações industriais, incluindo o fabrico de biodiesel. Esta planta é objecto de cultivo, em larga escala, no Brasil, onde a sua cultura é incentivada pelas autoridades, tendo em vista a produção de óleo.

7.1.5 - Factos a ponderar sobre o *Rícino Communis* - *MBALIKA* (em *Shimakonde*)

Como já anteriormente referido, os Makonde usam a raiz aquecida nas cinzas da fogueira para acalmar as dores após a intervenção sobre os dentes, actuando como analgésico e anti-inflamatório. Também utilizam o óleo extraído da planta para a tornar a pele mais macia e para atenuar os pruridos em particular, manifestados pelas quelóides cicatriciais. Nos rituais funerários espalham o óleo sobre a campa após o enterro.

É de salientar que todos os informantes Makonde com quem conversamos nos alertaram para os perigos previsíveis que poderiam advir de uma má, ou mal informada utilização desta planta, devido à alta toxicidade dos seus elementos, nomeadamente as sementes.

Pelos resultados dos estudos de (GARCIA, 2005; KHAN, et al 2011; KOTA, & MANTHRI, 2001), atrás citados concluí-se pela existência de propriedades anti-inflamatórias, anti-microbianas e analgésicas, confirmando-se que os Makonde tinham um conhecimento empírico destas propriedades.

Também a exposição da raiz ao fogo, (até que fique muito quente) pela acção física do calor, terá algum efeito analgésico, independente ou coadjuvante com as propriedades já atrás citadas (CHAITANYA et al, 2010).

7.2 - Nchuaki, Shipome (Mulala) - *Euclea Natalensis*

O nosso primeiro contacto real com esta espécie vegetal (*Euclea Natalensis*) aconteceu em Maputo enquanto docente de cadeira de Medicina Dentária Preventiva (MDP) na área da Saúde Pública Oral no ISCTEM - Instituto Superior de Ciências e Tecnologias de Moçambique, durante as nossas actividades, fomos informados sobre o uso desta raiz como “escova de dentes “ e “ ... os pretos lavam os dentes, com uns pauzinhos...”

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

A nossa preocupação foi procurar todas as informações possíveis sobre essa realidade. Assim, reunimos os dados possíveis junto da população autóctone e trabalhos científicos publicados, sobre as possíveis propriedades antibacterianas da planta. Primeiro comprámos a raiz da mulala no mercado popular de Chipamanine, depois colhemo-la no mato em três locais distintos: arredores de Maputo, com o Sr. Alves Ezequiel Chiziane; no interior da província de Gaza (localidade de Chidenguele, círculo de Madendere e distrito de Manjacaze³, com o Sr. Rogério e o Sr. José Ofico, e em Cabo Delgado, junto a Mueda com o Sr. Chini e Ysuf Adan.



Figura 42: O Sr. Rogério Nhabinda e o autor com a rama da *eucleia natalensis*.
Foto de Autor.

Para testar a eficácia deste produto natural, há centenas de anos usados pelos naturais de África, utilizámos o processo de escovagem durante vários meses, não tendo resultados que ditem a preferência pelo método.

É certo que remove o residual alimentar nas superfícies e espaços interdentários pela face anterior e sucos gengivais (gengiva livre), podendo no entanto, causar alguma agressão ao tecido gengival por má manipulação. Confirmámos ainda, que existe séria dificuldade na escovagem posterior e remoção do tártaro nas faces linguais do maxilar

³Nesta localidade entrevistámos o Sr., Rogério Nhabinda, um homem de vasta experiência em plantas medicinais, que trabalhou antes da independência num departamento ligado à flora moçambicana e também colaboram os senhores José Ofico e Alves Chiziane.

superior e mandibular, mas não efectuamos o estudo sobre os efeitos e prevalência sobre a placa bacteriana.

Perde-se na memória do tempo desde que os nativos utilizam as raízes da *Euclea Natalensis* como “escova de dentes”. Esta raiz é cortada em pedaços de cerca de 20 cm e numa das extremidades retira-se a casca, sendo a parte branca mastigada ou esmagada de forma a ficar filamentososa, como se fosse um pequeno pincel, que vai sendo utilizado conforme as necessidades.

Além de a utilizarem como método de escovagem, a raiz depois de seca é esmagada com o pilão até se transformar numa espécie de farinha, essa pasta é utilizada nas gengivites hemorrágicas, e no caso das cáries dentárias o pó da planta é colocado dentro das cavidades do dente.

A casca deixa os lábios de cor amarelo-alaranjado, o que serve para as raparigas colorirem os lábios como se fosse batom. A mulala faz parte dos métodos de escovagem, em particular nas crianças, nas escolas rurais, e em adultos sem recurso aos processos de higiene convencionais.

Independentemente da remoção da placa bacteriana pela escovagem com a “escova” (pincel) da mulala e respectiva limpeza dos restos alimentares, admite-se potencial anti-bacteriano nos componentes bioquímicos. Encontrámos estudos publicados desde o ano 2000 pela Dra. Nanrita Lall da Universidade de Pretória - Departamento de Botânica. Esta cientista fez vários trabalhos de investigação em torno das propriedades anti-bacterianas das raízes da *Euclea Natalensis*, tendo efectuado experiências farmacocinéticas em laboratório, tendo utilizado os métodos analíticos de cromografia (LALL & MEYER, 2000).



Figura 43: A Mulala “*euclea natalensis*” – O Sr. Alves, o Sr. Ofico e o autor a colherem a raiz da mulala.
Fotos do autor.

Ainda segundo o mesmo estudo, parece que as bactérias gram-positivas são mais susceptíveis do que as Gram-negativas aos extractos da *euclea natalensis*. Também, foi evidente que o extracto de acetona da *euclea natalensis* quando borrifado sobre uma “placa de petri” contendo o *S. aureus* inibe o crescimento das mesmas bactérias.

A mesma pesquisa, confirmou também a existência de naftoquinonas. A autora testou as suas propriedades nos casos do *microbacterium tuberculosis* e concluiu que são precisas doses substanciais de naftoquinonas para o tratamento da tuberculose.

Em 2006 a mesma investigadora em conjunto com outros colegas, volta a debruçar-se sobre as propriedades dessa planta com o estudo - *Antifungal activity of naphthoquinones and triterpenes isolated from the root bark of Euclea natalensis*. (LALL *et al.*, 2006). Foi ainda estudada a actividade antifúngica do extracto etanólico da casca da raiz da *Euclea Natalensis* contra os seguintes fungos: *Aspergillus flavus*, *Aspergillus Niger*, *Cladosporium cladosporioides*, e *Phytophthora sp.*

Quadro 28

Resultados do estudo LALL (2006)
Actividade antifúngica do extracto etanólico da casca da raiz da <i>euclea natalensis</i> Versus <i>Aspergillus flavus</i>, <i>Aspergillus Niger</i>, <i>Cladosporium cladosporioides</i> e <i>Phytophthora sp.</i>
O <i>Aspergillus. Niger</i> - foi inibido com resultado significativo pelo β -sitosterol, 20 (29)-lupene-3 β -isoferulate e shinanolone de 0,01 mg ml-1.
A <i>Phytophthora sp.</i> - De todos os compostos testados, apenas o octahydroeuclein foi significativamente eficaz na dosagem de 0,1 mg ml-1.
<i>Cladosporium cladosporioides</i> - O β -sitosterol e octahydroeuclein inibiu significativamente o crescimento na dosagem de 0,01 mg ml-1.
<i>Aspergillus flavus</i> - Nenhum dos compostos isolados exibiu actividade contra na dosagem de 0,01 mg ml-1.

Também segundo outro autor, as espécies do género *Euclea* são ricas em naftoquinonas, nomeadamente na raiz, o que pode ajudar a justificar a sua actividade terapêutica, uma vez que estes compostos apresentam propriedades fungicidas, antibacterianas, insecticidas, fito tóxicas, citostáticas e anti-carcinogénicas (EVANS, 2002).

Revimos, ainda, um estudo de (FILIPE, *et al* 2008) apresentado durante o Workshop Plantas Medicinais e Fitoterapêuticas nos Trópicos. ICT /CCCM, em Outubro de 2008 sobre a Caracterização Farmacognóstica da Raiz da *Euclea Natalensis*. As conclusões deste autor, vão no sentido da correcta identificação da raiz da *Euclea natalensis* enquanto fármaco vegetal, tal como já observado por LALL et al.

8 - O Dente e o Sobrenatural

As lendas povoam o imaginário das pessoas, que as transformam em realidades e criam deuses, lendas, santos, relíquias e lugares sagrados. Um simples dente, pode ser objecto de adoração e torna-se assim, numa coisa sagrada com poderes próprios e capacidade de fazer acontecer milagres.

8.1 - O Dente Sagrado de Buda

A cidade real de Kandy, fundada no século XIV, que já foi capital do Sri Lanka, é o local que abriga a única suposta relíquia existente de Buda - o dente sagrado de Buda. Assim, foi construído no espaço anexo ao palácio real, um templo dourado - local de peregrinação e veneração.



Figura 44: Templo do dente sagrado de Buda.

Fonte: <http://www.viaggio-mondo.com/2011/05/kandy-dambulla-as-joias-da-unesco-no.html>.

A procissão do Dente Sagrado - *Esala Perahera*, é festa anual de veneração ao dente sagrado, realiza-se de 17 até 28 de Agosto, com cortejos de dançarinos, músicos e acrobatas, a desfilarem pelas ruas. No meio do cortejo, um elefante, verdadeiramente paramentado, carrega um cofre de ouro e pedras preciosas, com a importante relíquia: um dente de Buda (ALUWIHARE, 1952).

Segundo a lenda, após cerca de oito séculos de permanência na Índia, a relíquia foi levada secretamente de Anuradhapura por Danta e Hemamala, genro e filha de Guhasiva. Nos escritos Dathavamsa, Daladasirita e a crónica Mahavamsa, registam-se as muitas e variadas vicissitudes que o casal passou durante a sua viagem para o Sri Lanka, a fim de salvaguardar o dente mítico.

Reza a história que “... *Danta e Hemamala embarcaram no porto de Tamralipti, na foz do Rio Ganges e navegaram pela costa do Sri Lanka até chegarem ao porto de Lankapattana*”, (actual Ilankeiturai) no Distrito de Trincomalee”. (ALUWIHARE, 1952).

Durante a vigem, a relíquia realizou vários milagres. O dente relíquia, chegou à capital do Sri Lanka, Anuradhapura, tendo sido colocada no *Megagiri - Vihara* no parque Mahameghavana. O rei Kirti Sri Meghavanna (4 ° século d.C.), filho de Mahasena, um budista devoto, recebeu-o e colocou-o no seu próprio trono como prova de veneração. A crónica Mahavamsa relata que o Rei tinha imensa fé na relíquia, à qual foi consagrado um edifício chamado Dhammacakkageha. (ALUWIHARE, 1952).

É nesse santuário especial, que foi guardado o dente relíquia, colocado num cofre rodeado de outros seis pequenos cofres protegido por cristais.

Portugal está ligado à lenda do dente sagrado, por parte de Jaime Constantino de Bragança (20.º governador da Índia - o 7º com o título de vice-rei e filho do Duque de Bragança). Segundo, a opinião de Charles Ralph Boxer, um famoso historiador britânico, notável conhecedor da história colonial portuguesa e holandesa, e de George L. Austin – (1873) no seu trabalho “*The Sacred Tooth of Buddha*”, escrito em 1873 e disponibilizado pela Universidade do Michigan, relata: “... *Quando o Rei do Pegu, soube que o dente sagrado tinha caído nas mãos do vice-rei Dom Constantino de Bragança, enviou uma embaixada com uma proposta de resgate no valor de 400.000 cruzados (cerca de 200 mil dólares em ouro). A oferta generosa poderia ter sido aceite, mas os Portugueses rejeitaram a oferta...*” (AUSTIN, 1873; BOXER, 1977).

A recusa de tal proposta teve a ver com fé cristã. A intervenção do arcebispo português, foi no sentido de se destruir tal relíquia porque a sua entrega poderia ser um estímulo para a idolatria. “... *O vice-rei, fervoroso católico, partilhou da mesma opinião, e a oferta foi rejeitada. O arcebispo, na presença da corte " colocou o dente numa argamassa de gesso e cal, foi reduzido a pó e depois queimado. As suas cinzas foram espalhadas sobre o mar...*” (AUSTIN, 1873; BOXER, 1977, p.89).

Segundo o historiador Boxer, Dom Constantino de Bragança foi um dos mais fanáticos governadores portugueses na Índia (BOXER, 1977).

Resta-nos então a seguinte observação: a acreditar no que foi escrito por dois historiadores, parece que o dente foi destruído... no entanto existem relatos do seu reaparecimento (milagre do próprio?) na corte de Kandi. O certo é a existência de um dente considerado relíquia no referido templo, que será o verdadeiro ou um substituto.

8.2 - O Dente Santo de Alboim da Nóbrega

Numa terra nortenha, perto de Braga, o povo acredita que “um dente” tem poderes divinos e venera-o como um *"Dente Santo"*. Segundo informação recolhida no “Portal de Aboim da Nóbrega – *“Passado e Presente com Olhos no Futuro”* pode ler-se na secção lendas: “... *Existe ainda uma fonte nascente com esse nome, no lugar de Barges. O povo crédulo atribuiu ao “dente santo” o poder de salvar as pessoas das mordidas dos cães raivosos. Era o abade de Santo André de Gondomar, João do Valle Fresco e Faria, em 1758, que por todas as romarias do Norte, com o referido dente, benzia as pessoas, concedendo bênçãos e salvação dos perigos terrenos...*”.... e continua: “... *Ignora-se a que Santo houvesse pertencido o dente: se a Santo Eleutério, arcebispo de Braga falecido em 550; se a São Frutuoso, Abade de Constança, Vila Real, onde se lhe guarda a cabeça com falta de um dente; ou ainda a S. Eleutério, martirizado em 196...*” (Portal de Aboim da Nóbrega s/data).

Foi desconhecido o paradeiro deste dente, durante vários anos, recentemente foi *"reencontrado"* como resultado de um oportuno projecto desenvolvido pelos Escuteiros de Aboim da Nóbrega, com o objectivo de recuperar e divulgarem o património da freguesia.

A nossa dúvida é saber se devemos chamar ao *"Dente Santo"* lenda, uma vez que esta, usualmente, deriva de pura ficção. Mas o dente existe, guardado no Museu da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, e várias pessoas afirmaram, que até ao dente ser apreendido, em 1920, no Concelho de Vila Nova de Gaia, terem sido curadas por seu intermédio.



Figura 45: Dente Santo de Aboim da Nóbrega – com 55 milímetros e 34 mm de diâmetro máximo.

Fonte: http://www.geocaching.com/seek/cache_details.aspx?guid=fdf7342b-d6a9-47fd-a543-e1ac3dd74ad4&log=y&decrypt=

Pires de Lima, médico da faculdade do Porto, escreveu um artigo sobre o dente santo de Alboím da Nóbrega, em 1921,\ a sua origem e os seus hipotéticos milagres, que a seguir, transcrevemos: “... *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia — Vol. I — Fases, II e III — Pôrto, 1920 e 1921. — Estes dois fascículos dos Trabalhos da Sociedade de Antropologia contem, entre outros artigos cuja índole não interessa em especial à nossa revista, um estudo do sr. Major Leite de Magalhães sôbre etnologia timorense, outro do sr. Capitão David Magno sôbre os Dembos e ainda um do Sr. Prof. J. Pires de Lima sôbre o dente santo de Aboim da Nobrega e a lenda de S. Frutuoso Abade.*

A monografia do sr. Prof. J. A. Pires de Lima refere-se a uma antiga relíquia a que os povos de larga área do norte do país atribuíam propriedades curativas miraculosas contra a raiva, e descreve minuciosamente a lenda de S. Frutuoso e da Santa-Cabeça, cuja história e extensão geográfica trata igualmente. E um trabalho de fôlego e de incontestável erudição, que vem enriquecer a bibliografia etnográfica portuguesa...” (LIMA, 1921).

8.3 - Santa Apolónia e a consagração dos dentes

Santa Apolónia, canonizada em 300 d.C., com consentimento do Imperador Romano Décio, foi martirizada, tendo-lhe os algozes fraturado os dentes com pedras, e de seguida supliciada na fogueira.

Regista a lenda que no ano 225 d.C. a expansão do cristianismo provocou



enorme preocupação entre os romanos, porque os cristãos recusavam-se a prestar culto aos imperadores e a pegar em armas, o que levou a perseguições em muitas cidades do Império Romano. O imperador Décio decretou a sétima perseguição no fim do ano 249 d.C., com penas severas e cruéis, que só abolidas no ano 251 D.C. Apolónia filha de rico e proeminente magistrado de Alexandria (Egipto), na época a segunda cidade do mundo, foi detida e, ao confirmar sua crença na fé cristã, foi considerada traidora e condenada a ser queimada viva na fogueira.

Figura 46: Relicário com um dente que supostamente pertenceu a Santa Apolónia, exposto na Sé do Porto.

Fonte: <http://odontobloggers.blogspot.com/2011/02/dia-de-santa-apolonia-padroeira-dos.html>.

Apolónia pediu que fosse desamarrada e após fazer suas preces, ajoelhada, pulou para fogueira, e preferiu morrer por sua própria vontade, gritando que todos aqueles que sofressem de dores de dentes, ao invocar seu nome, teriam um alívio imediato. São lendas que ainda impressionam os devotos.

8.3.1 - Santa Apolónia - A devoção em Portugal

Em Portugal, Santa Apolónia é a padroeira dos dentistas (católicos) e a sua imagem consta no logótipo da SPEMD. Encontra-se exposta na Sé do Porto uma relíquia de um dente que lhe terá pertencido.

8.3.2 - Santa Apolónia - A devoção pelo Mundo

As relíquias de Santa Apolónia existem um pouco por toda a Europa. Além de Portugal, as suas relíquias estão preservadas na própria igreja consagrada a Santa Apolónia, em Roma. A sua cabeça está na Basílica de Santa Maria em Trastevere, os seus braços estão na Basílica de São Lourenço Fora de Muros, partes de sua mandíbula encontram-se na Catedral de São Basílio, e outras relíquias estão na igreja Jesuíta da Antuérpia, na igreja de Santo Agostinho em Bruxelas, na igreja Jesuíta em Mechelen, na igreja da Santa Cruz em Liège, e em muitas igrejas na cidade de Colónia. Essas relíquias consistem, muitas vezes, apenas de um dente ou pedaço de osso (WALSH, 1897).

Na Sicília numa região de Catânia, situada junto ao Monte Etna, cidade fundada no século VIII - a.C. existe a devoção a Santa Apolónia, uma das Santas Padroeiras. Em Inglaterra existem 52 imagens conhecidas de Santa Apolónia nas várias igrejas que resistiram a destruição dos comissários do século XVI. Elas estão concentradas nas regiões de Devon, Norfolk e Suffolk. As maiorias destas imagens estão representadas por painéis panorâmicos. Na Alemanha, existe a devoção aos Santos Auxiliadores ou os Patronos da vida diária e é costume pedir a intervenção e ajuda divina de Santa Apolónia contra a dor de dentes.

8.4 - Outros SANTOS Cristãos venerados por resolver problemas dentários

São conhecidos cerca de 20 santos que são venerados por "resolver" problemas do foro dentário, dos quais citamos: São Cristóvão, São Cresnêncio, São Rigoberto, São Medardo, São Nicolau, São Roque, Santa Isabel da Hungria, Santa Ida.

Outros santos "chamados" para "tratar" problemas relacionados com os abscessos dentários e problemas de garganta bem como outras doenças da região oral, são os Santos Alberto e Quirino.

BLOCO 3
TESTEMUNHOS E HISTÓRIAS DE VIDA

9. Testemunhos e Histórias de Vida

9.1 - Resumo da entrevista com o Professor Doutor Marcelino Lipola

(Doutorado em linguística)

“Deixem os Makonde Mudar” - O tema da entrevista abrangeu as transformações comportamentais dos Makonde em relação aos próprios e outras estruturas sociais e quais a suas implicações no quotidiano e na estrutura familiar.

O Prof. Lipola afirmou.... Ao longo da evolução da humanidade sempre existiram tradições que tiveram uma determinada expressão num período prolongado da história e que, ao longo do tempo, foram evoluindo e adaptando-se às novas realidades. Assim, estas adaptações não acontecem só nos Makonde, mas sim com todos os povos da Terra.

Com os Makonde aconteceu que determinados hábitos clânicos foram sendo adoptados a novas formas de organização social. Por exemplo, relativamente à habitação, os Makonde viveram durante muito tempo em aldeias circulares em clãs familiares, as quais desapareceram há algum tempo. Actualmente, têm outra organização espacial, que começou pela altura da libertação nacional, que exigia uma outra forma de organização.

Como as aldeias circulares não permitiam responder com eficácia às exigências da guerra surgiu um tipo de organização, mais adequada à defesa pessoal e da colectividade. Começaram, assim, a aparecer as chamadas aldeias comunais, as quais integram indivíduos de diferentes etnias dentro do mesmo espaço, possibilitando a simbiose entre os Makonde e os macuas, por exemplo. Por isso, é preciso renegociar as relações sociais para se aumentar a unidade que é a aldeia, neste caso. Isto serve para ilustrar que a evolução histórica e social, faz com que as práticas sociais se vão transformando e acomodando de diversas formas. As práticas de iniciação, sofreram algumas mudanças por influência do catolicismo, religião que pouco tolerante com essas práticas étnicas tradicionais, fortemente arraigadas entre os diferentes povos de Moçambique.

Nos últimos anos, por indicação de alguns prelados da religião católica, eram os próprios missionários que induziam os pais dos meninos para procederem à circuncisão

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

e outras práticas iniciáticas no contexto da própria missão, como forma de controlar as expressões culturais e o nível que estas poderiam atingir, acabando por ter impacto relevante nas comunidades Makonde.

Todavia, a exigência de terminar ou reduzir certas práticas foi ainda mais notória durante a primeira fase de luta armada de libertação de Moçambique, quando a FRELIMO tomou a posição de proibir os ritos de iniciação.

Já numa segunda fase, como a FRELIMO precisava de se inserir nas comunidades, era necessário obter o apoio das pessoas, o que obrigava a um espaço de negociação. Então, os ritos deixaram de se fazer no mato durante seis meses. Como as crianças começaram a frequentar o ensino primário, havia necessidade de compatibilizar o ensino formal com o ensino tradicional.

Assim, a partir da luta pela libertação nacional e, após a independência, o convívio entre os diferentes grupos étnicos foi sendo maior. Por exemplo, as práticas de casamento nos Makonde, que durante muito tempo, estavam limitadas aos indivíduos do mesmo grupo étnico, porém durante a luta armada, com os moçambicanos vindos de outras regiões, esta prática começou a ficar fragilizada porque começaram a haver casamentos entre indivíduos de diferentes zonas e etnias.

A geração que resultou destes casamentos começou a adquirir as práticas tanto do lado da mãe como do pai, proporcionando uma negociação dentro deste espaço inter-familiar relativamente às práticas tradicionais.

O Prof. Marcelino Lipola resumiu as suas ideias acerca destas questões, afirmando que as condições novas que foram surgindo ditaram novas formas de organização social, no que respeita as práticas socioculturais existentes. No entanto, a prática dos ritos de iniciação mantém-se ainda até hoje, mesmo em indivíduos que atingiram um patamar intelectual de nível considerado superior, como é o seu caso. Acerca das diferenças do nível mental e intelectual entre os Makonde oriundos da planície e os Makonde que vivem no planalto, sujeitos a um isolamento relativamente aos primeiros, confirmam-se diferenças?

A resposta é claramente negativa, relativamente à existência de diferenças, e dou o exemplo do que acontece na minha própria família, cujo lado paterno é oriundo do

planalto e o lado materno oriundo da planície. Como houve convivência com ambos os lados da família, não se encontram diferenças nenhuma a este nível.

Para si, o que caracteriza os Makonde, de uma forma geral, é a noção forte de pertença a uma comunidade?

Para além duma cultura própria facilmente observável, existe uma grande mobilidade entre os indivíduos que fazem parte da comunidade Makonde, porque existem relações de parentesco muito fortes entre os que vivem nos diversos meios. Há regularidade de contactos, de troca de experiências de vida, (práticas essas) que remontam há muitos anos atrás.

As práticas que se encontram nos Makonde perto da costa são idênticas às práticas dos Makonde que residem no planalto. Naturalmente que essas práticas incontornavelmente vão sofrendo influências de outras culturas, já que isso faz parte da estratégia de sobrevivência da espécie humana. Portanto, o facto de haver indivíduos Makonde que residem ou não no planalto não influencia por si só, o nível de desenvolvimento cultural.

Existe um conjunto de marcas que definem os Makonde: o aspecto físico, as tatuagens, a escarificação, a mutilação dentária, a impulsividade, a capacidade de autodefesa, as cerimónias rituais. Se o Makonde deixar de ter essas referências dilui-se na sociedade universal. Então, pode-se questionar se o facto de se manterem os ritos de iniciação, mesmo em pessoas com um nível cultural bastante elevado, será devido ao medo da perda da sua identidade?

Esta é questão que se prende com algumas inquietações intelectuais que as pessoas têm, e resultam de modelos que elas próprias criam, ficando amarradas a eles. Assim, se os modelos, os pressupostos teóricos forem mudados, será mais fácil analisar esta questão.

A visão indígena que se tem sobre determinados povos, mantêm-se na mente de certas pessoas de forma tão enraizada, que elas próprias acham também que foram indígenas. O termo “indígena”, quando surgiu, referia-se à origem de cada indivíduo. Com o avançar do tempo, sofreu alterações semânticas podendo significar povo subdesenvolvido. Algumas pessoas estão agarradas a este significado, e pensam que esta visão, é a melhor maneira de reflectir sobre a realidade social.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

A mudança é uma consequência. Não me considero um Makonde do Século XIX porque não vivia nesse século. Não tenho que ser um Makonde idêntico ao que é descrito nos livros. A evolução é inevitável na espécie humana, se isso não foi problema para os Europeus, então qual o problema se isso acontecer também com os Makonde? Portanto, a mudança não me preocupa, porque ela é dialéctica e inevitável referindo que não se pode pegar nos Makonde e enjaulá-los no planalto porque se quer vê-los com os dentes afiados, as tatuagens, os ritos de iniciação...

É “deprimente” quando as pessoas não olham para a cultura com respeito e é sobretudo sinal de falta de uma atitude cívica que vem da visão indigenista das sociedades. Hoje, em Moçambique, utiliza-se muito o termo “tradicional”, sendo que se considera que o que não é ocidental é “tradicional”. Portanto, os estilos semânticos das palavras têm uma ligação estreita com os modelos teóricos que as pessoas criam e com os quais interpretam a realidade.

... De notar que o indivíduo que vive na cidade tem muito menos tempo para esse tipo de conversa. Ele diria: - olhe eu tenho a, b, c, d, para fazer agora, a nossa conversa pode durar meia hora ou 5 minutos no máximo porque a seguir tenho outra coisa para resolver.

É a demanda de coisas que devemos fazer, a pressão social que faz com que nós não tenhamos o mesmo tempo real e tempo psicológico para investir nas coisas. Enquanto comparado, o indivíduo citadino com o indivíduo do campo, vamos tomar o exemplo na Manhica - aquele indivíduo da Manhica, tem mais tempo para ouvir, tem mais tempo de querer fazer mais perguntas, mais tempo de clarificar assuntos que nós já falámos porque a vida a dinâmica de resolver os problemas no campo assim o exige.

Extrapolando isso para regiões específicas é possível detectar essa diferença. Eu quando vou... e vou regularmente para Mocimboa da Praia e Mueda onde tenho conexões muito fortes para visitar, eu levo cerca de uma, duas horas a ser cumprimentado, como é que a viagem foi, como é que andaram, como é que passaram os últimos problemas nos últimos três dias etc., etc., etc. Mas eu não tenho esse tempo, voltando cá para a cidade não posso, quer dizer eu não perco nem uma hora para ser cumprimentado.

Eu penso que isto pode ser reflectido na dinâmica da resolução dos problemas do dia-a-dia, entre as pessoas que vivem têm determinado padrão social. Essa hipótese levantada

de que quem vive na montanha pensa menos, foi uma tese já ouvida algumas vezes. A tese de que não é só a montanha ou a planície que determina a capacidade intelectual mas também à medida que se vai do trópico para o equador o coeficiente de inteligência diminui, já ouvi isso, quer dizer... e quem defendeu fortemente isto, e há um documento escrito sobre isto foi o General Kaúlza de Arriaga num seminário que apresentou nos altos estudos militares em Portugal.

Não encontrei essa referência nos livros de Kaúlza.

Não está escrito no livro, foi uma comunicação, se quiser a cópia, terei prazer em oferecer. Era uma tese fortemente defendida de que à medida que caminhamos dos trópicos para o equador o coeficiente de inteligência diminui. Eu começo então a pensar que os nórdicos são muito mais inteligentes, e os outros, os indigentes mentais, o que não deixa de ser caricato.

A minha própria experiência de campesino mas agora numa fase mista. Eu reflicto como camponês porque é o que eu sou quando estou nesse meio, tenho que ter essa identidade, mas quando não estou lá, tenho uma outra identidade, o de cidadão e de professor.

Outro exemplo, estive sete anos nos Estados Unidos da América, nos últimos dois anos a dar aulas também, o que achava de estranho, de extremamente estranho, era o americano não ter tempo de responder à saudação completa. Oi, oi, oi, oi, quer dizer... é assim, cruzou-se contigo o irmão a mãe oi, oi, não têm tempo de parar para ouvir, para falar, para ser cortês.

Não é falta de tempo, é falta de outras coisas, que não de tempo.

Mas é isso... porque eles chamam de pressão imposta pela dinâmica, que obriga as pessoas a fazerem certas coisas naquele momento e têm outras coisas para fazer de seguida mesmo não sabendo o quê. Porém quando ele pensa que resolveu aquele problema encontram-se e completa a saudação.

Na América, megapólis industrial, as pessoas vivem sob grande pressão social.

Então está a concordar comigo que é a pressão dos problemas sociais. Essa falta de sedimentação de toda uma base social, estrutural, faz com que as pessoas reajam de uma certa forma e é isso que penso que temos que tentar perceber melhor.

Quando eu por exemplo chego na Manhica digo bom dia mãe, ela é capaz de contar o que aconteceu hoje com ela, os netinhos, os filhos, o que aconteceu ontem e nos dias anteriores. Há um trabalho muito bonito que foi apresentado há pouco tempo por um estudante de linguística a tentar perceber esse mesmo raciocínio e essa forma dinâmica de relacionamento. É a pressão da sociedade e a forma como se resolve os problemas que se reflecte neste homem das montanhas, é bem diferente da pressão do pescador, que tem outro tipo de pressão. Só para concluir há uma coisa que é anedótico também.

Uma vez, em conversa com militantes político e militares durante as operações em Cabo Delgado, numa situação muito crítica do ponto de vista de resposta da guerra contra o exército colonial, procurava-se uma solução. Debatia-se, debatia-se durante longo tempo sem encontrar respostas satisfatória para o problema em questão e depois aparece alguém com um raciocínio muito campesino a dizer: eu penso que se fôssemos capazes de fazer aquilo, aquilo poderia dar certo. É o único raciocínio que parece bater tudo o que estava na mesa e o resultado era fenomenal.

A isso passou-se a chamar de intuição camponesa. Não está escrito, eu estou a tentar convencer algumas pessoas a escrever essas coisas mas dizem que não têm tempo para escrever. É essa intuição que existe no planalto que faz com que o Makonde seja possuidor de capacidades intuitivas excepcionais e formas de se exprimirem e de se ouvirem, o que reflecte a particularidade cultural étnica que os distingue.

Do ponto de vista linguístico, eu diria da seguinte forma: O que pensam é que a forma como nos relacionamos com os outros, a forma como lemos, como conversamos, como expressamos, etc., etc., é fortemente influenciado pelo meio em que vivemos. É verdade que os nossos pensamentos moldam de certa maneira a própria forma de contar as coisas. Muito dificilmente um Makonde diria a um estranho o que, como diria a um membro do seu grupo étnico ou familiar. Procura dizer de uma outra forma diferente, leva o indivíduo a entender que algo está ou não bem, ou está mais ou menos correcto,

sem que isso possa ferir directamente o visado, isto de forma pausada e prudente deliberadamente comedida, mas não deixa de ser firme nas suas convicções.

Penso que é isso que faz com que ele leve muito tempo, leve muito tempo para chegar lá. Não é que ele não tenha visto o problema, agora depende do outro lado, como o outro lado não está preparado para ver as coisas daquela forma pode levar a pensar que o indivíduo Makonde ainda não percebeu qual o assunto. O Makonde entende perfeitamente, quantas vezes de forma sagaz e prudente. Reflecte e depois age em termos de discurso.

Neste desfecho social, claro que o Makonde hoje já não faz isso, principalmente a juventude, acabaram descobrindo que podem perder o jogo. O que é preciso agora é dizer as coisas como elas são e avançar para outro nível de competição. Por causa disso, nós podemos interpretar certas atitudes, certas formas de estar, de dizer as coisas da forma que a nossa janela de observação nos permite dizer as coisas mas não o contrário porque não vemos as coisas do ponto de vista da outra janela de observação.

Também é assim que vejo sob o ponto de vista de base linguística estas formas dele se expressar. Como diz, porque é que diz dessa forma, porque é que leva muito tempo para reflectir quando o assunto que se apresenta é aparentemente simples. É isso que nos interessa também perceber.

O Povo Makonde foi de facto um povo guerreiro, e este espírito não desapareceu completamente. Desaparece a tatuagem, a escarificação, atenua-se as cerimónias rituais e abandona-se definitivamente a mutilação dentária. Essas grandes marcas que definiam o Makonde, o qual ao deixar de ter essas referências, se identifica ou assume a modernidade que se vai instalando em Moçambique. Correndo o risco de repetir a pergunta, é verdade que indivíduos de nível cultural bastante elevado persistem em manter as tradições ritualísticas? Não será que ao mesmo tempo que abraçam a tal modernidade, conservam o orgulho étnico para além dessas marcas identitárias?

A pergunta é complicada, mas Dr. Roseiro, eu não estou preocupado que os Makonde percam essa identidade ritualística... Algumas inquietações intelectuais que nós temos normalmente resultam de modelos que nós próprios criamos e estamos amarrados a eles. O que eu penso que nós podemos fazer é mudar de modelos, os pressupostos

teóricos devem ser mudados, nós teríamos muito mais o caminho facilitado para analisar as coisas. Porque é que o Makonde do século XIX tem de ser igual ao do século XXI? Eu não posso perceber, são tempos diferentes, um povo não pode ser estático para gáudio e prazer dos “estudiosos”. Não sei porque é que o objecto de estudo do século XIX, tal como é apresentado e se provou que era como um modelo nessa época, hoje século XXI tem de continuar a ser o mesmo de então. É o melhor para explicar o objecto que se apresenta hoje com características diferentes? Isso é que é para mim o problema fundamental.

Isto é, eu não sei porque é que a visão chamada de “indígena” de determinados povos se mantém na cabeça de certas pessoas de uma forma tão enraizada, que às vezes pensam que eles próprios também foram indígenas. Perdi muito tempo em Pensilvânia a tentar perceber através do autor que escreveu a primeira vez a palavra indígena o que é que ele queria dizer. O termo era aplicado a qualquer indivíduo ali na sua origem.

Desde que o termo deu pinos semânticos para significar povo subdesenvolvido, algumas pessoas se agarraram a isso e pensam que é a forma de fazer reflexão sobre a realidade social. Eu penso que é isso que tem que mudar. Eu já estou convencido que eu não sou Makonde do século XIX porque primeiro nunca vivi nesse século. Porque é que eu tenho que ser aquele Makonde que é descrito no livro de DIAS, Jorge? Não o conheço. Não é? Porque é que o personagem é africano... que é o *African*... ele assume-se como tal? Tem que ser o pré-inglês que veio mas nem sabe quem o trouxe para cá. Isto às vezes incomoda-me sob o ponto de vista intelectual.

Eu falei uma vez com um colega em Luanda, um português quem me fazia uma pergunta mais ao menos desse tipo mas era a questão das línguas. Mas nós não, vamos perder isso, não sei quantos? Mas qual é o problema de perdermos isso? Há algum problema, diga-me lá o que é que você perdeu se nós perdermos isso?

É inevitável a evolução humana e isso aconteceu com muitas espécies humanas incluindo os Europeus. Porque é que isso não é problema para os europeus e é para um Makonde? Eu não estou preocupado com a mudança como tal porque ela é dialéctica, é inevitável. Nós, não podemos... por mais que quiséssemos pegar nos Makonde e enjaulá-los no planalto e pormos um cercado, porque todos queremos ver os Makonde com os dentes afiados, as tatuagens, com os ritos de iniciação. Eu acabei de dizer, eu

disse que outras forças externas que também têm interesse nos Makonde não haviam de deixar como não deixaram.

Na Etiópia... os Mursi que usam o prato labial inferior razoavelmente decorado, mas o que surpreende é que usam o artefacto agora mais por uma questão económica, visto que desta forma cativam a atenção dos turistas.

Naturalmente.

Ganham dinheiro ao serem fotografados junto dos viajantes supostamente abastados.

Mas porquê? Porque virou a marca registada para fazer dinheiro. Por exemplo, a partir do momento em que a escultura da Reinata a torna famosa e as pessoas têm oportunidades dessa natureza, pegam na Reinata, não pelo que ela vale como tal, mas porque com ela se pode fazer muito dinheiro, a Reinata pode ir... onde ela não quer.

Ela pode ter mobilidade por causa dessa marca registada. É deprimente sim, eu concordo consigo, quando as pessoas não olham para a cultura com respeito. Isto é que marca esta gente e é isso que eu aprecio. Há indivíduos que vieram para cá... nunca viram... mas querem ver, vou começar a cobrar esta brincadeira e cobram. É deprimente dos dois lados. Eu penso que isto é acima de tudo falta de uma atitude cívica. Eu penso que vem da visão indígena das sociedades...

Hoje, aqui em Moçambique usa-se muito o termo tradicional, também com essas conotações. O que não é ocidental é tradicional. É a medicina ocidental *versus* tradicional, é o chefe do posto administrativo *versus* o chefe tradicional, quer dizer são os estilos semânticos das palavras, mas essas palavras têm uma ligação estreita com os modelos teóricos que nós os criámos e queremos interpretar a realidade exactamente como os modelos. Eu posso dizer, não vamos mudar o modelo, assim podemos explicá-lo de outra forma.

Fim da Entrevista

9.2 - Entrevista com a Dra. Isabel S. Kavandeca

(Então Ministra para os Assuntos Parlamentares da Assembleia da República de Moçambique)

Sr.^a Ministra, o objectivo desta entrevista é pretender que nos fale de si e do seu povo.

A Dra. Raquel da Assembleia da República com a qual tenho estado a trabalhar, pediu-me para o receber, tendo em vista o fim a que se destina, pode portanto contar comigo para falar de mim e do grupo étnico a que pertença. É uma pena, não podermos contar com mais moçambicanos da minha tribo nesta conversa... Mas como posso falar aleatoriamente...será na verdade, uma pequena vantagem em relação a muitos dos meus convidados de etnias Makonde. Eu cresci durante a guerra colonial... Nasci em 55... quase no princípio do eclodir da guerra... cresci durante uma guerra que marcou uma época e o desejo de um povo ser livre. Saí de casa dos meus pais para os internatos, onde a estudar aprendi o valor da liberdade ganha pelo povo e combate dos militares da FRELIMO.

Foi nesses internatos, que fiquei durante a luta da libertação, foi no interior do País e durante dez anos. Lembro-me também, de ter saído de Moçambique a fim de apresentar actividades culturais na Tanzânia, onde tínhamos militares da FRELIMO.

Fomos representar os grupos culturais. Foi a única vez durante este período, que saí do País. Fiz a minha escolaridade, desde a 1^a à 4^a classe em internatos do interior dirigidos pela FRELIMO, anos que não foram fáceis mas generosos e com motivos para sonhar, foram anos que recordo pela dureza, mas mereceu a pena.

Foi educada num internato da FRELIMO. Porque não numa missão católica?

Não, absolutamente... porque eu estou a falar de zonas libertadas. Porque para nós e para a minha geração, para a minha tribo Makonde, o tempo colonial vai até 1964, quando eclode a guerra, porque a partir daí, nós estávamos do lado da FRELIMO, portanto nas zonas libertadas, tanto que não tínhamos contacto... com o sistema colonial. O que existia na zona eram bases, eram quartéis... e lembro-me que na altura no meio, existia o quartel, existia na missão Nangololo que eles abandonaram...

Portanto, naquela zona só existia o quartel de Mueda, que era praticamente o baluarte da guerra e nós estávamos nas matas consideradas zonas libertadas.

Como bem sabe, nós tínhamos nas zonas libertadas... como que um governo instituído, tínhamos todas as estruturas possíveis para orientar todo o processo económico, político, naquele caso militar, e depois educacional... Nós tínhamos muitos centros e tínhamos lideranças activas e estruturadas em contexto político, simultaneamente social e de guerra.

Tínhamos os dirigentes, os nossos centros... As crianças quando atingiam idades escolares, saíam das casas dos seus pais e iam para estes centros. Portanto eu saí da minha aldeia em 1969 e fui para uma unidade de educação. Lembro-me que foi difícil. Pronto, numa situação de bombardeamentos, a guerra, as incursões militares da tropa portuguesa e nós que estávamos a crescer, tínhamos antes o abrigo e conforto dos nossos pais e de repente éramos deslocados para o centro, ao princípio foi difícil a habituação...

Tanto... que foi neste contexto, que as crianças que tinham como tarefa principal estudar (...). Portanto... esse processo começa já a criar, isto é, a formar a geração da continuidade, mas de forma muito intensa. De 64 para trás, lembro-me que os meus irmãos tinham tido a escolaridade na missão colonial. Mas uma vez o início da guerra, essa questão não se pôs para mim.

Os seus irmãos estudaram numa Missão cristã?

Sim, sim... somos cristãos. Mas... a missão também saiu da área nessa altura. O meu irmão foi para a escola, mas no segundo ciclo numa zona ainda sob domínio colonial, portanto ainda não era zona libertada e ele estava lá... os meus irmãos obtiveram a formação escolar na missão.

Como atrás disse quando eclodiu a guerra... nós ficamos nas zonas libertadas e a missão e outras escolas que existiam tinham sido encerradas. Porém essas missões eram muito restritivas, tinha de se ser crente.

Algumas missões tiveram uma posição crítica em relação ao sistema colonial, porém não se opuseram ao Estado Português de uma forma muito frontal...

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Não me parece que se tenham oposto enquanto organização, talvez alguns missionários a título individual. Porém, sobre isso eu não tenho domínio do conhecimento, porque era criança, mas creio que tinham parceria com o do sistema colonial, eram parceiras que iam à frente e pacificavam, porque lendo a história, o último reduto a colonizar em Moçambique foi o planalto Makonde. Foi o último ponto, em que o regime colonial teve que usar a força, para a dominação efectiva, obrigando a que os nativos aceitassem o regime colonial foi no planalto dos Makonde.

Lembro-me do meu avô, o pai da minha mãe, nos contar que ele segundo a tradição participou no ritual de iniciação, que é uma espécie de preparação de jovens meninas e rapazes para a fase de crescimento e que a partir daí podiam casar... Foi nesse período em que ele foi submetido ao rito de iniciação, que Portugal ocupou a província de Cabo delgado, fomos dominados e tivemos que aceitar o regime.

Portanto, não foi tanto assim a oposição de a religião católica, aqui no planalto ao, regime colonial... De tal forma, que os pais contam, que não podiam perfilhar qualquer acção contra o regime, porque essa informação chegava ao sistema colonial através ... de alguns membros dessas congregações.

Durante a luta da libertação, conseguiu-se ampliar e massificar o acesso à educação das raparigas e dos rapazes nessas zonas libertadas. Portanto tínhamos vários centros escolares... onde nos era dada a educação ao nível mais baixo e outro mais avançado, onde se ministrava a 4ª classe. Era a escolaridade limite e possível nesses lugares e nessa época de luta contra o regime colonial instalado.

Porque numa situação de guerra, não tínhamos condições para ir para níveis mais altos. Os que conseguiam fazer a 4ª classe, eram seleccionados e iam fazer a 5ª classe na Tanzânia.

Portanto foi quando nós os jovens, tivemos acesso à educação. Depois da independência muitos continuaram e outros, foram seleccionados para o professorado, Lembro-me que no centro de Manguiguana (o tal que administrava a 4ª classe na zona fronteira com a Tanzânia) 80% foram seleccionados e colocados nos cursos de professorado e no meu caso e de outros jovens, fomos seleccionados para trabalhar. Porque devido ao desmantelamento de vários centros, era preciso que a FRELIMO se instalasse nas zonas onde ainda estava a administração colonial. Em Pemba, e de forma geral em toda a

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

província de Cabo Delgado, nas sedes distritais, e em várias localidades e postos administrativos, era necessário instalar a máquina administrativa. Era uma máquina nova, assenta na estrutura política da FRELIMO e era pois urgente criar quadros administrativos sob a orientação do governo, ora estes quadros tinham a sua origem nos centros escolares já referidos.

No meu caso, vim para Maputo... os jovens, já não eram só das zonas libertadas, eram também de outras zonas, onde a guerra não foi muito intensa. Portanto, a partir da altura em que o país alcança a independência, nós começamos a notar mais facilidade no acesso de outras crianças.

As regiões da Província de Cabo Delgado, Palma, Mocimboa da Praia Nangade, Mueda (...) são zonas que melhor conheço e recorro o seu contributo para a independência nacional e nestes espaços livres da população.

Mantivemos alguns centros da FRELIMO, que de certo modo, foram as primeiras escolas, onde se educaram muitas crianças Makonde.

Lembro-me, ainda era criança jovem, os meus irmãos tiveram mais possibilidades de continuar com os estudos. Recordo-me quando em 1976, 77, e sobretudo 78, quando se vislumbra a destabilização, muitas das crianças que queriam continuar com os seus estudos, faziam longas caminhadas a pé até aos centros escolares de Palma e Mocimboa da Praia.

Com o desenvolvimento social e político conseguido ao fim de dolorosos sacrifícios, começamos a ter mais acesso à educação por via da rede de escolas então criadas. Nós, os que não estando na linha de educação, estávamos a trabalhar mas tínhamos a oportunidade de estudarmos à noite. Foi o meu caso, e o de muitos jovens, alguns até tiveram bolsas.

Quando saí de Cabo Delgado em 1978 estava matriculada na 4ª classe e estudava à noite, havia pessoas da minha idade (não interessa o local onde estava desde que quisessem estudar), transferi-me para Maputo, assim como muitos jovens... Makonde naturais de várias aldeias. Depois da independência, foi necessário dispersar as pessoas por províncias, porém muitos foram deslocados para Maputo, mas a verdade é que em

quase todas as províncias podemos encontrar pessoas, que sendo combatentes tinham outra naturalidade e residência...

...Todos nós, os que tínhamos idade... devíamos continuar a estudar, porque tínhamos sinais fortes, que sem estudar, não havia grandes oportunidades de emprego e o país precisava de qualificados...

Era necessário entender, muito simplesmente a evolução de Moçambique e o acesso, não ao que é agora, mas que na altura era, uma tarefa fundamental...tanto maior que então estávamos em guerra a combater nas mais dramáticas das situações que pode atingir um país: a guerra civil.

Portanto, foi preciso que nós nos integrássemos na luta pela paz e pelo desenvolvimento e reconstrução do nosso país. Como já referi, no meu caso tive a possibilidade de vir para a cidade de Maputo, com muitas escolas e cursos nocturnos, fiz secundário e pré universitário, fui para a Universidade e licenciiei-me em Relações Internacionais. Como tive meia-bolsa e fiz a licenciatura em Relações Internacionais e Diplomacia em regime diurno que terminei em 97, já eleita deputada, mas posso afirmar que não foi fácil porque o curso nocturno na década de 80, 90 na altura a capital estava cercada, as províncias estavam cercadas pelas forças rebeldes de Renamo.

A Guerra Civil foi problemática para o povo de Moçambique.

A guerra civil.... Foi até mais difícil, do que no tempo da guerra colonial, em termos morais e em termos de destruição de estruturas. (...) As escolas não tinham condições, sem janelas e Maputo... com o clima que tem? Conhece? Eu lembro-me de ter até apanhado pneumonia, mas tínhamos que estudar, tínhamos que estudar, portanto pronto! Era assim, punha-nos à prova a nossa resistência.

Eu falo de mim... mas também de... muitos, muitos... Makonde, há muitos moçambicanos Makonde... que ascenderam à educação que se graduaram, alguns no país, outros fora, e temos hoje uma plêiade de notáveis moçambicanos Makonde com nível universitário e pós-universitário que nos orgulha. Até posso dizer... nós em termos de aptidões, somos muito bons... Isto é evidente...

Não somos bons falantes, até porque o nosso sotaque nota-se, mas em ciências exactas somos muito bons. Hoje temos um ministro dos assuntos parlamentares, um ministro da

defesa que tem um curso superior é evidente, temos a vice-ministra da Administração estatal e temos muitos engenheiros, directores, administrativos e doutorados em diferentes áreas.

E quanto a isso não há dúvida nenhuma! Os Makonde cresceram bastante e têm muito amor pela educação! Esse elemento... o amor pela educação, também é preciso dar o mérito a algumas missões católicas, que tendo assumido “a tal missão de educar educação”... não é bem a educação ocidental, ministrada na altura. Nós tínhamos que aprender Geografia na escola, mas a geografia não era de África, nem tão pouco de Moçambique, tinha que ser a Geografia de Portugal e aqui julgamos que houve uma grande falha do ensino.

Moçambique era parte integrante de Portugal segundo o regime.

Tendo sido o último reduto da colonização... e eles apareciam sempre com o padre atrás. E aí... tenho um irmão jurista, que esteve no seminário em Pemba e é... um bom profissional.

Portanto o povo Makonde tem com o orgulho de ter ascendido à ciência em tempos impensável. Eu... (até porque com esta entrevista dá-me vontade de fazer um levantamento) quantos somos? Quantos amigos ascenderam a níveis superiores? Em que ramos? Não será difícil porque este povo é bem localizado...

E seria um trabalho... interessante, em termos etnográficos...

Mas seria muito fácil de fazer... porque nós ainda continuamos unidos, unidos no sentido, de sabemos onde está quem... e com que nível. Uma espécie de conhecimento em rede, por famílias que têm normalmente um ponto de referência.

Como disse, o nosso processo teve uma orientação, viemos de centros durante a guerra e depois daí, tivemos a caminhada para escolas bem distintas, eram várias formações e em diferentes regiões. Mesmo para aqueles que como imperativo de trabalho estavam nas forças armadas como militares, eles são conhecidos... que fulano depois do cessar fogo foi transferido para o ponto tal, isto é o que o registo conhece, o registo rapidamente pode ser organizado...

A FRELIMO alguma vez utilizou jovens para combate? Antes de completarem os 16, 18 anos?

Mas como posso... responder? Isso é nítido e evidente que não! Quando falo de zonas libertadas... nós tínhamos uma estrutura de governação e os jovens estudavam e davam apoio logístico e quando necessário como carregadores.

Nós tínhamos a estrutura militar propriamente dita, portanto a tropa, era com base na idade... e como tal eram treinados. Depois do treino iam para bases militares. Mas tínhamos também estruturas que completavam esse governo, tínhamos o campo da educação onde os mais novos estudavam. Nestas estruturas da educação tínhamos os tais centros com quadro administrativo e pedagógico composto pelas chefias, directores de centros e professores, e também a estrutura da produção e centros de saúde com enfermeiros e quadros dirigentes.

As crianças davam o apoio a essas estruturas todas. Tanto podíamos aprender, como tratar das feridas, portanto enfermagem, e como existiam machambas nas quais trabalhávamos, produzíamos a comida para nós e o restante pessoal do centro e a tarefa fundamental do transporte de material de guerra.

Eu fiz duas destas viagens para ir buscar material. Nós tínhamos de efectuar o transporte juntamente com a população. A minha mãe foi várias vezes... o material era levado às costas ou à cabeça. Não tínhamos estradas, nem bicicletas... Lembro-me que duas vezes fomos ao rio Rovuma e lá de carro. Chegados ao rio tínhamos um ferryboat oferecido pela China, que então fazia transporte. O Ferryboat transportou também o Presidente Samora a última vez que visitou Cabo Delgado, (agora o barco está no museu). Nós não estávamos nas bases militares... mas fazíamos isso. Era um contributo e além disso nos nossos centros existia uma estrutura de milicianos e esses podiam ter também alguns estudantes mais crescidos que deviam saber disparar, para nos defender... em caso de haver uma invasão. Nós éramos crianças dos 12 anos aos 16 anos... mas tínhamos de apoiar a tarefa fundamental da luta pela independência. A comida, eram os civis que forneciam e transportavam sob o controlo dos comissários.

O termo comissário tem um aspecto ideológico muito forte que foi atenuada pelo tempo, o conceito social modificou-se em Moçambique, o conceito dos comissários políticos desapareceu?

Sim, no sentido ideológico primário que todos atravessamos. Eu atravessei essa fase no meu país, tenho orgulho de ter participado em muitas acções de combate ao regime na altura vigente em Portugal, sinto-me honrada por isso e tinha obviamente naquele tempo uma intervenção política muito forte, todos os jovens e as estruturas dos estudantes foram úteis na luta durante a guerra colonial.

O que é que distingue o povo Makonde das outras etnias. Existem diferenças significativas?

Eu penso que sim... Diferenças que podem ser descobertas por pessoas que ora se aproximam da comunidade, ou que têm oportunidade de fazerem parte de instituições onde podem contar com membros ou funcionários que sejam de origem Makonde por exemplo, ou que tenham informações sobre quem é o povo Makonde e como é que nós pensamos, penso eu e até nem é uma especulação, o Makonde é uma pessoa bastante decidida, tem personalidade muito forte...

É capaz de, agora que tivemos uma conversa... de perceber que está perante um semelhante, com elementos de um carácter tribal e daí fixar uma confiança, fixar uma amizade, apostar numa amizade duradoira e se diz sim, vale a pena desenvolver essa amizade com essa pessoa, honrar essa palavra e traduzir em coisas concretas e preservar a amizade. É uma pessoa que quando diz sim, é um sim... mas também quando diz que não, é porque tem elementos para dizer que não. Mas também e por essa via... é uma pessoa de palavra, convicções que honra os seus compromissos, é muito perseverante, ao apostar numa actividade: tenho de me escolarizar, tenho que estudar... tenho que perseverar até ao fim... e é muito nacionalista, não há regras mas muita integridade.

Os Makonde que estão muito espalhados pelo país, até pelo mundo, mas o vínculo que têm com a terra que o viu nascer é muito forte. Conheço pessoas da minha idade com quem estive durante a guerra e na escola e universidade, tantas e tantas vezes nos encontramos... Uma vez por ano, duas vezes por ano, estejamos aqui na cidade capital, ou em outras províncias (...).

É na preservação da nossa cultura, naturalmente, da cultura multidimensional, a própria língua, hábitos alimentares, nós continuamos a comer o caracol, a nossa comida preferencial, naturalmente que também de forma sociológica o homem habitua-se ao ambiente onde se encontra, os que estão no interior alimentam-se de tudo quanto existe,

é para nós, a nossa ostra, o nosso peixe... lá no planalto, é o caracol. E de outras folhas típicas, inhames que algumas variedades só se encontram lá. Portanto esta é alimentação regional endémica..., outro tipo de alimentação tem de vir de fora... ou comemos o que encontramos aqui... Apanhamos e comemos.

Algumas tradições, aliás tradições que nos habituamos porque nascemos no meio delas, os hábitos alimentares... nunca deixámos. Não interessa onde estamos, em que ponto do mundo estamos, não deixamos! Então é fácil distinguir um Makonde... por estes elementos, como se diz, conservamos alguns vestígios étnicos, dos quais é difícil separarmo-nos.

Durante uma entrevista com um Makonde na Matola, ele disse uma frase que registei: “ Para o Makonde a mentira é veneno... Confirma?

Como dizia, não há regra sem excepção, quer dizer quando nós tentamos descrever os aspectos característicos dos Makonde - é que são muito frontais... Essa... se calhar, é a primeira característica, muito frontais. Naquele sentido de... “que se há muita dose de razão, no que estou a dizer ..., é o que eu digo... E não fica com o ressentimentos.... É muito frontal (...)

É claro que a evolução é imparável, o mundo evolui, está em mudança cada vez mais acelerada, assim voltando às tradições: sobre o conceito de beleza, das tatuagens, das escarificações... o que me pode dizer “agora”, não na qualidade de ministra, mas na qualidade de mulher?

Eu já sou da terceira idade.... Vou fazer 55 anos. O meu pai foi um crente assumido e todos os filhos foram registados, mas depois da independência... sabe, a religião católica está organizada e tem todos os registos. Como era uma comunidade religiosa, então os nossos pais cada vez que tinham um filho, no dia seguinte iam registar, portanto no seio da nossa família ninguém foi tatuado.

Porque nós fomos crescendo no meio daquela cultura católica, pois os padres já tinham conseguido convencer a minha comunidade... que a tatuagem era uma deformação, não era sinónimo de beleza, e assim os meus pais embora tatuados, já não admitiam que os filhos fossem...

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Em conversa com a minha mãe, eu não conheci o meu pai que morreu muito cedo, com a minha mãe e seus familiares da idade dela. A tatuagem era como uma prática de beleza, mas não era tanto assim... porque a verdade é que a comunidade dos meus pais era praticante da religião católica, portanto os meus pais foram convencidos de que essa prática de nenhuma maneira representava a beleza, antes pelo contrário, era uma agressão física absurda e desnecessária, e neste sentido outras comunidades seguiram este exemplo.

A partir da geração dos meus irmãos e da minha para cá... deixaram-se de praticar. Consta que a tatuagem foi introduzida entre o povo Makonde, quando uma comunidade imigrou da Tanzânia (então Tanganica), imigrou para o território moçambicano, e neste caso para Cabo Delgado. Perde-se no tempo a origem destas tradições mas a verdade é que marcaram, e definiram um Povo.

Será talvez uma interpretação menos certa, mas pretendia-se evidenciar uma provável origem. Era um povo numeroso que vivia na Tanzânia que decidiu passar para o território de Moçambique e pretendeu marcar uma linha de separação nítida, assim quando cá chegaram... para serem diferentes ... começaram a tatuar-se...e depois foi interpretado como beleza... mas no decorrer do Tempo, no emergir de novas civilizações, esta tal como emergiu, desapareceu de tal ordem que hoje já ninguém a faz as tatuagens étnicas, em parte devido à religião católica e depois à guerra de libertação porque todos aqueles que saíram de casa de seus pais, foram para as bases e nestas escolas, nos centros de educação, como não faziam as tatuagens, simplesmente desapareceu.

Em 2004 a Reinata Sadimba, uma ceramista de talento nato e que conheço há muito tempo, que me foi apresentada pelo Prof. Yssuf Adam, disse-me que quando fez a tatuagem... e que fê-la num dia muito feliz... mas que... depois, viveu todos estes anos com alguma infelicidade por a ter feito.

Olhe, eu tenho uma tatuagem só... que não é aquela feita com instrumento cortante mas efectuada com a castanha de caju que tem uma seiva forte. Os meus pais, por exemplo, têm aquelas tatuagens feitas de uma forma mais agressiva, com instrumentos cortantes. Nós quando éramos crianças procurávamos imitá-los. Eu peguei na castanha de caju e fiz esta pequena tatuagem, claro que a minha mãe ralhou-lhe e sofri penalizações por

isso. Quanto à Reinata porque é uma artista muito solicitada pode ter sentido algum embaraço, por se sentir observada como objecto dissonante de um determinado ambiente.

Quer dizer que fez por imitação e não por moda

Sim, sim... muitas crianças imitavam... A minha mãe penalizou-me, disse que não. A minha irmã mais velha, nem isto fez... mas eu... era muito traquinas, foi uma coisa que considerei transitório. Claro que as escarificações nas virilhas, nas nádegas e no dorso podem ter para o homem qualquer conotação sexual ou consideradas zonas tácteis que induzam prazer.

Um informante, disse-me que de facto a tatuagem dorsal (escarificações), ao passar as mãos sobre elas davam-lhe um estímulo sexual bastante acentuado.

Isso, pode ser verdade tudo depende.

O professor Marcelino Lipola disse... deixem os Makonde mudar...e eu traduzi por: “Não espartilhem os Makonde nas suas tradições arcaicas, não vejam o Makonde só pela tatuagem, dentes cortados ou dança do Mapiko”. A Sra. Ministra concorda com esta frase do Prof. Lipola”?

Eu concordo plenamente, porém os Makonde devem de sentir orgulho por ser Makonde sem que seja obrigatório terem as marcas que os distinguiram mas sim continuar a revelar-se pessoas que aproveitam as oportunidades de mudança, o que revelam sempre que podem. E é verdade que demonstramos em todos os campos do saber e que aspiramos ascender por todos os meios que possam ser disponibilizados em particular no nosso distrito para que a população possa contribuir para o seu desenvolvimento e do país em geral.

Foram recentemente aprovados em Conselho de Ministros, dois projectos: a estrada Mocimboa da Praia e o troço de Negomano/Mueda. São estradas asfaltadas condição, de extrema importância para a região de Cabo Delgado. Temos novas escolas e procedeu-se ao lançamento da primeira pedra da Escola Técnico Profissional, e a curto prazo teremos Universidades em Pleno nesta província moçambicana, teremos indústrias e comércio e com estas condições os Makonde vão mesmo mudar.

Sra. Ministra estou-lhe muito grato. Penso que ainda haveria muita coisa por dizer...

É verdade, haveria Tanta, tanta, tanta! Eu própria tive hoje a oportunidade de me expressar sobre alguns temas que me são gratos, também porque falei sobre a população Makonde. Já foi muito bom e deu-me vontade de começar a pôr alguma coisa no papel, isto é, a escrever sobre o povo do qual sou originária. Mas, para finalizar recordo que mais importante e diferente que seja uma etnia, ser moçambicana igual do Rovuma ao Maputo, isso sim é que é o mais importante. Todos os grupos étnicos cabem aqui neste solo sagrado. Todos somos moçambicanos de “quatro costados cortados”, no dizer em bom português.

Fim da entrevista

9.3 - Entrevista o Sr. Dr. Domingos Simba Nguete

(Jurista - Assembleia da República de Moçambique)

Dr. Domingos é verdade que os Makonde têm índole agressiva?

Os Makonde têm sempre o hábito de andar com facas escondidas, esta é ou foi a nossa cultura e a imagem que os colegas de outras etnias tinham de mim quando andava na escola. Eu dizia que isso já não era assim, eram outros tempos, mas os meus colegas não acreditavam, eu tinha de ser aquele Makonde que eles pensavam e não aquilo que eu era. Eram brincadeiras escolares mas eu sofria, porque eles pensavam que filho de peixe sabe nadar, logo se eles me tocassem pensavam que eu iria tirar a faca. O que eu posso constatar é que os Makonde são auto-defensivos.

Diz-me portanto que têm mais um instinto de defesa?

Entendo ser esta a verdade, assim sendo este comportamento que eles supunham que eu herdei, fui observando que afinal de contas o que eles diziam era apenas o reflexo de uma leitura pouco atenta da história dos diferentes povos de Moçambique. Em qualquer conflito existem modos defensivos e de agressão.

Alguns estudos etnográficos dizem que os Makonde são por natureza agressivos, porém eu sempre fui recebido de forma amável e simpática por ex-guerrilheiros e com afecto de uma maneira geral por todos os Makonde com quem me cruzei durante a colheita de elementos para este trabalho.

Mas aí o problema, se calhar somos nós... Eu não consigo ver até se evoluímos no sentido positivo. Isto porque quando existe algum conflito grave em que a contenda é violenta mesmo entre membros do mesmo Likola, se o adversário não estiver a sangrar a luta raramente para, porque entre os Makonde normalmente as agressões são efectuadas com objectos cortantes ou contundentes. Podemos dizer que até certo ponto os intervenientes não ficam realizados se nessa contenda não existir derramamento de sangue. É sabido que os Makonde devem a sua existência a uma resistência estóica.

Se o Makonde é auto-defensivo confirma que para se protegerem de outros povos foram para o planalto, mas também é verdade que faziam surtidas às zonas baixas para raptarem mulheres e colectarem escravos?

É certo que todo o processo histórico em todas as suas vertentes marcam etapas que ficam gravadas na história dos povos. A questão é esta, foram só os Makonde? É certo que não, o passado fica registado, o importante agora é o presente. E este fez com que as pessoas da minha etnia, sejam pessoas menos agressivas, antes pessoas que aspiram o seu lugar na sociedade, aspiram e conseguem, pese ainda as dificuldades de ordem social.

Outra questão prende-se com o afiar dos dentes e as tatuagens que lhes davam um aspecto mais feroz que realmente eram?

Bom, este aspecto, eu quando perguntei ao meu pai, o meu pai disse-me: - isto tinha duas funções. A primeira função era de marcar a diferença e o outro objectivo era embelezar. Por exemplo, para um jovem namorar, não podia casar antes de fazer tatuagem, aquilo fazia parte das tradições.

Um informante referiu-me que o seu pai para casar teve que fazer a mutilação dentária.

Isso... eram os requisitos, em momento algum eu acompanhei as razões da tatuagem e da mutilação dentária. Agora essas coisas são consideradas como sendo ultrapassadas já ninguém faz tatuagens ou afia os dentes.

Em Muidumbe entrevistei um mestre executante da mutilação dentária, e achei o Sr. muito interessante. Entretanto alguém me disse que existiam pessoas que gostariam de voltar às tradições antigas.

Algumas verdades agora já são contraditas.

Duas jovens mulheres Makonde com quem falei, para elas o conceito de beleza é o conceito moderno, actual. Eu perguntei-lhes? Então e as tatuagens? “Nem pensar”, responderam elas.

(...) Era um costume que a gente tinha... tinha de passar por aí, era uma tradição uma cultura étnica. Repare, eu disse “era”.

O ritual é incompreensível aos olhos da sociedade actual mas era uma condição *sine qua non* para se ser Makonde tem de ser instruído segundo o modelo étnico tradicional.

Ainda continuamos a praticar rituais iniciáticos de acordo com a práxis étnica, só que hoje muito mais atenuado, menos tempo de reclusão no mato a maior parte da circuncisão é feita por profissionais (enfermeiros, médicos), sempre que possível em meios técnicos de saúde mas matem-se com muito agrado as danças de Mapiko e outro tipo de danças ritualísticas, como qualquer, por exemplo, danças folclóricas tradicionais de outros pontos do mundo, só que sem terem como principio de base, o rito iniciático de passagem.

Qual o papel do Shingula (Xingula)?

Quando uma criança tem idade adequada à iniciação é o pai quem a promove, portanto é o filho porque é ele que está em condições de ser iniciado, então se é o meu o filho sou eu que o promovo a iniciação, portanto é ele que vai ser o xingula, todos os outros meninos, todas as testemunhas têm lugar em minha casa. De forma automática o filho é que herda a liderança e deixa de ser o pai.

Eu tomo a iniciativa logo o meu filho está na altura de fazer, independentemente da idade porque ali nem todas as pessoas têm a mesma idade.

Eu promovo a ideia... mas não é qualquer um que tem a ideia, quer dizer não é qualquer um que promove isso, tem que ser uma pessoa para poder responder a qualquer tipo de desafio, esses hábitos que ainda não deixamos, e lá o rito de iniciação não é qualquer que promove, tem que se encontrar alguém para poder encarregar dos procedimentos cerimoniais. Tem que ser um indivíduo com conhecimentos e respeitado localmente, será portando o Nalombwa.

Se for eu a promover a cerimónia sou o Mwene-Lipanda (o dono da casa), durante o período iniciático, todavia a figura mais importante, como já referido o Nalombwa, pois este tem de escolher o local para construir a cabana (Likuta) que irá acolher os rapazes. Terá de ser nnum lugar com bom presságio, que seja abençoado e de fácil acesso à alimentação.

Assim como as mulheres. As mulheres também têm a sua fase, embora elas não digam. Elas ficam dentro da casa... isolam o quarto, elas vão ao mato... também com um grupo de senhoras, o que elas fazem no mato é que é secreto, o mais secreto possível... Ninguém sabe. Ali o homem não pode passar...

Mantêm-se o segredo do ritual iniciático?

As mulheres, mesmo nos momentos mais felizes, as mulheres não dizem e se um homem passar pelo local onde se encontram o que é que elas fazem? Despem o homem que é obrigado a fazer sexo com todas as mulheres, dizem porém que isso nunca aconteceu... mas elas dizem isso, então, elas preservam essa parte de forma irredutível, é talvez a parte mais marcante e que nos diferencia. No caso da circuncisão a mãe não faz sexo com o marido até o miúdo sarar as feridas resultantes da intervenção.

É verdade que a mãe não toma banho enquanto a criança estiver em retiro iniciático?

Bem... ela pode tomar banho uma vez mas ela é proibida de tomar banho todos os dias. Nem é preciso questionar, sabe-se logo que aquela é a mãe de um miúdo que está no mato ou a mãe de uma miúda, senão é o mesmo que estarem a despir-se dessa responsabilidade e automaticamente se supõe, que o filho já tinha sarado. Nós temos que preservar e até hoje... ninguém se atreveu a transgredir esta norma costumeira. A mulher assume essa responsabilidade.

Como se chama o fruto usado na cerimónia da simulação sexual?

Lipudi.

Em que período iniciou os estudos primários?

Estudei num momento de ruptura, fomos obrigados a irem à escola. Eu comecei a estudar muito tarde, em 82 os pais pressionavam os filhos a ir à escola... embora até 82 nós tínhamos um princípio muito estranho. Até à 4ª classe a pessoa podia ter emprego. Senão tivesse emprego..., para você era uma referência negativa. Eu tenho colegas que fizeram comigo a 4ª classe mas que não continuaram a estudar porque os pais não entenderam a importância da formação dos filhos para o desenvolvimento do país.

Os seus pais sempre quiseram que estudasse?

Sim..., eu e os meus irmãos... quando fiz a 4^a classe, a escola era uma espécie de quartel e em 87 fiz a 6^a classe... e os meus objectivos eram a faculdade e criar bases sólidas na formação, construir família a ser participante activo no desenvolvimento de Moçambique.

Depois da entrevista gravada, o Dr. Domingos Nguele, descreveu-nos de forma sucinta, o que entende por mais relevante sobre as cerimónias de iniciação, fez também uma breve incursão as medicinas tradicionais (curandeiros).

Circuncisão ⁴

Constitui uma das fases cruciais da vida da comunidade Makonde, pelo facto de ser o momento de transição de uma vida considerada infantil para adulta. Geralmente é uma fase que envolve rapazes dos seus 10 (dez) anos de idade, em princípio maior que esta idade, se supõe ter já começado a manter relações sexuais com mulher, facto que entra em choque com as práticas, hábitos e costumes rituais Makonde. Dizer também que é objectivo principal das cerimónias de circuncisão dotar o(s) rapaz(es) de instrumentos que lhes possam permitir enfrentar e interpretar os desafios já na fase adulta.

Fases preparatórias

Um dos momentos de preparação das cerimónias envolve a tomada de iniciativa quando o pai ou o responsável pelo(s) rapaz(es) detecta que este(s) atingiu /ram a idade para o efeito.

Automaticamente a pessoa que toma esta iniciativa, tem a responsabilidade de chefiar os restantes pais para aderirem ao processo.

Em princípio, todo o processo de preparação, desenvolvimento e a fase final das cerimónias se realizam na sua residência. O pai que assume a chefia perante os restantes pais, esta chefia estende-se aos demais parentes, caso haja mais de um rapaz, envolvido no processo. Isto é, se o pai assume a chefia perante os restantes pais, o filho também

⁴ É uma das práticas tradicionais Makonde, localmente conhecida por **Likumbi**, que visa dotar o rapaz de educação básica, transitando da fase de criança para a adulta

vai chefiar e participar das cerimónias, que vão acontecer, localmente é designado por Shingula (Xingula).

Execução

Terminada a fase de preparação, segue-se a execução. Esta fase, envolve o recrutamento para o local de concentração, em casa do homem que tomou a iniciativa. Esta fase por vezes não é tão pacífica, como se pode imaginar. Momentos há que se força os miúdos, devido ao medo que o processo envolve, porque há muita interpretação, supostamente adversa e subjectiva no meio de tudo isso.

Após a concentração dos miúdos, a fase seguinte é a rapagem do cabelo, até que as cabeças se tornem carecas. Esta fase é acompanhada de uso de **Inumbati**⁵, onde se unta todo o corpo do rapaz, a partir da cabeça rapada até aos pés. A mãe ou a pessoa escolhida pelos pais do rapaz circuncidado pode somente untar a cabeça, também rapada. Esta é uma fase considerada de aconselhamentos e despedida entre o rapaz circuncidado.

O Nalombo⁶, (localmente conhecida por Nalombwo) ou a pessoa mais indicada para circuncisar, aconselha as madrinhas, as pessoas indicadas pelas famílias ou pelos pais dos miúdos sobre os cuidados a ter em todo o período que o miúdo estiver envolvido até ao fim do processo. Momentos há em que para cuidados efectivos e eficazes, as madrinhas ficam vezes sem tomar banho, muito mais nos primeiros dias após a entrada dos miúdos no mato (nova residência). Esta residência é colectiva e escolhida pelo ancião, em princípio em concordância com os pais dos rapazes.

O dono da casa que teve a iniciativa do processo do Likumbi, passa a ser o chefe dos pais dos iniciados e o filho também é chefe das crianças iniciadas “shingula” (xingula).

Mwene -Lipanda

Mwene - dono da casa

Lipanda - casa assim designada enquanto durar a iniciação

⁵ Um determinado pó/ espécie de farinha de cor vermelha de casca de árvore, localmente conhecida por Ntumbati.

⁶ Geralmente tem sido a pessoa instruída para o efeito, com capacidade de gerir os desafios inerentes ao processo das cerimónias, desde o princípio até ao fim das mesmas. Geralmente, toda a maldade que ocorra no meio deste processo é imputada á pessoa que á prior tomou a iniciativa do processo ou **mwene Lipanda**.

(Não faço ideia de ter havido divergência ou uma espécie de conflitos entre os pais e o Mestre Nalombo na escolha do local a montar a residência para os miúdos). Esta fase, envolve a cobrança de valores monetários estipulados pelo Nalombo. Cada pessoa paga pelos serviços prestados pelo Nalombo.

Terminada esta fase, os miúdos são conduzidos ao derradeiro momento das cerimónias, (Isto é, à circuncisão) e posteriormente á nova residência, previamente preparada para o efeito, localmente conhecido por **Likuta**⁷ (neste caso deve ser designado por Likumbe.) Geralmente, durante todo este período até á saída dos miúdos o Padrinho do miúdo vive junto com ele no mato, e é conhecido **Mbuana augukamuile Nkono**. A madrinha do miúdo não consome carnes (vermelhas), sobretudo enquanto as feridas provocadas pela circuncisão não forem consideradas saradas. Porque alega-se que caso a mãe ou a madrinha comam carne, a ferida dificilmente cura.

Na nova residência ou Likuta, os miúdos adquirem instrumentos para enfrentar e interpretar os desafios quotidianos, já na fase adulta. Aprendem como respeitar os mais velhos e nunca mais voltam a entrar no quarto onde dormem os seus pais. São dados aconselhamentos, localmente conhecidos por **Midimu**⁸ estes são recebidos na **Likuta** e visam exactamente provir o rapaz ora circuncidado da ética, respeito e responsabilidade.

Os rapazes aprendem também, como caçar animais, sobretudo de pequeno porte, como manter relações sexuais. Para este processo, os mais velhos, procuram uma fruta, localmente conhecida por **Lipudi**⁹, onde perfuram pelo meio, a medida do diâmetro do pénis e fazem uma simulação, como se o miúdo estivesse diante de uma vagina. Fazendo disso uma primeira relação sexual que o miúdo tem.

Após cumprir todo este percurso, os rapazes são retirados para próximo da aldeia, isto faltando um dia para o fim das cerimónias Nambango, neste dia, a estes lhes é providenciado um banho de purificação (tomam o último banho junto com as mães).

⁷ **Likuta** - significa palhota, geralmente de curta duração, porque terminadas as cerimónias, esta é pura e simplesmente queimada, facto que ocorre um dia antes do abandono dos miúdos. Likumbe ou Likuta tem o mesmo significado que palhota todavia o termo Likuta, significa qualquer palhota e likumbi que na linguagem SiMakonde significa a palhota construída para fazer parte do conjunto ritualístico iniciático.

⁸ **Midimu** -Todo um conjunto de regras aconselhamentos que o rapaz recebe durante o processo. Dizer que a mãe também lhe é providenciada estes aconselhamentos, para que este processo se torne eficaz.

⁹ **Lipudi** - é uma fruta silvestre, á semelhança de massala, que geralmente se usa nos jogos para treino de pontaria usando arco e flecha

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Aliás, no dia do abandono do Likuta, esta é pura e simplesmente queimada, um processo que ocorre na presença, para evitar que seja visto qualquer artefacto ou vestígios da presença humana naquele local. Neste momento, todos os instrumentos que eram utilizados pelos miúdos, sejam pauzinhos, usados para bater batuques, trapos velhos e outros utensílios são destruídos.

Após este banho, que aliás, é considerado o momento de início da festa, kujaluka Kwá Valy(i)¹⁰, onde os miúdos são vestidos com roupa nova, é claro para quem tem condições para o fazer. Nestas circunstâncias, são promovidas festas acompanhadas de danças diversificadas, a partir do conceituado Mapiko, Limbondó, Naijale, sindimba, etc, etc. Após este facto, os miúdos são recolhidos para as suas casas de origem, e também são recebidos com pompa e circunstância.

A partir deste momento, os miúdos são considerados adultos, podem fazer parte em diversos eventos sócio culturais, desde a preparação do Mapiko, cerimónias similares, isto é, cerimónias de circuncisão, em algumas regiões, até os miúdos podem tomar parte nos actos funerários.

Nestas circunstâncias, o processo de aconselhamento aos miúdos saídos das cerimónias continua. O miúdo não pode continuar a ter os mesmos hábitos tidos anteriormente, isto é, entrar sem que tenha pedido licença no quarto dos pais, evitar discutir com esses, respeitar ao máximo os próximos, sobretudo os mais velhos.

Também há referências actuais que os médicos tradicionais ou curandeiros Makonde são procurados para a prática de purificação do corpo para efeitos de obtenção de sorte, porque os interessados crêem no valor ritual do curandeiro e nos seus remédios.

De salientar que a maioria dos Makonde consente também a existência não só de doenças causadas pelo homem, mas também de doenças de índole natural, tais são os casos de constipação disenteria provocada pela ingestão de alimentação.

Mas, para todo este rol de situações, o seu tratamento e cura os Makonde recorrem a medicamentos ou a mitela, plural de ntela. Há uma outra prática médica Makonde que eu considero de interesse, que consiste na transferência de feridas do corpo humano de

¹⁰ Fim da presença e a conseqüente saída dos (a) miúdos do considerado “cativeiro” para junto do convívio familiar

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

um lugar para outro, como forma de facilitar a sua cura. Esta prática localmente designa-se por Takatuka¹¹

As práticas mágico religiosas são também extensivas ao acto da realização das cerimónias de iniciação entre Makonde. De seguida, apresentamos um quadro ilustrativo de algumas das doenças, os remédios e as formas para o seu tratamento e cura.

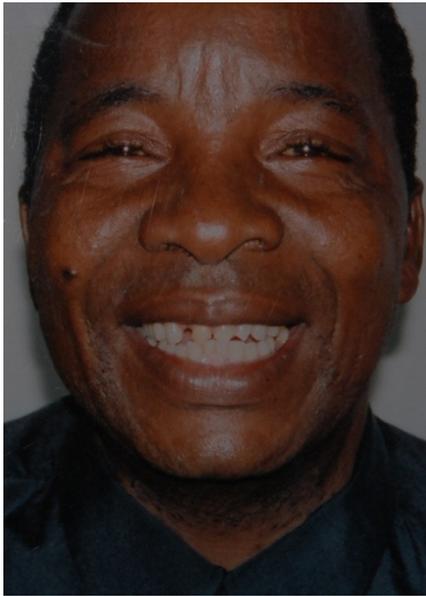
Nome da doença	Tipo do remédio	Formas de tratamento
Dores de cabeça	Cabeça de galinha misturada com óleo de rícino	Estes produtos calcinados esfregam-se sobre as partes doloridas da cabeça
Prisão de ventre	Clister misturado com outros produtos líquidos	Contidos numa cabaça e que depois é aplicado no ânus
Ciclo menstrual prolongado na mulher	Folhas cujo nome não foi mencionado pela fonte	Pilam essas folhas no almofariz tantas vezes de acordo com a indicação do curandeiro e com as mãos colocam o remédio sobre as costas da doente.

¹¹ O termo Takatuka, que em língua ShiMakonde significa levantar-se. Takatuka é um vocábulo criado pelo Dr. domingos Simba

Testemunhos directos – Relatados ao autor - Por indicação de Dr. Carlos Tembe, na altura Presidente do Município da Matala, foi-nos apresentado o deputado Zacarias João Chivavi, que gentilmente nos recebeu e falou longamente, e no fim entregou-nos a sua auto-biografia, que transcrevemos na íntegra.

9.4 - Biografia de Zacarias João Chivavi

(Tenente – coronel)



Na família chamavam-me MWALIMU CHIVAVI, por ter exercido há longos anos na Frente de Libertação de Moçambique “FRELIMO” “guerrilheiro e professor da carreira”.

Nasci aos dias 28 de Novembro de 1951, no distrito de Mueda - Miteda, hoje aldeia Lutete, mas nós estamos na aldeia Namande “vizinho”.

Procurem os meus pais “VANASHUVI VAMWE GWINDO MAULO ou KUMWE N’KONDYA” onde o meu umbigo caiu...

Figura: 47 – Fotografia de Zacarias João Chivavi.
Foto do autor.

Na família CHIVAVI, sou o mais velho de todos os meus irmãos dos doze filhos do João Nembe Matiko, como nosso pai escrevia nos seus documentos; mas nós somos netos de Chivavi que era um Serralheiro de carreira, trabalhava nos barcos grandes nesta altura, e, veio a morrer pelo caminho “diarreia”, isto é, dentro do navio que partia Mocimboa da praia para Porto Amélia, hoje Pemba.

O meu pai tinha duas mulheres com quem viveu até à morte dele no dia 16 de Abril de mil novecentos e setenta e três, por causa da “Guerra Colonial Portuguesa”. A minha mãe ROSA GWINDU era a 1ª mulher. Em 1960 frequentei os meus estudos, aliás, em 1959 na Povoação para 1960 nosso Pai leva-nos para o internato na Missão de Nangololo, eu e os meus dois irmãos, Romão e Teonas Yank. Concluí a minha 4ª classe em 1964 nesta

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

missão. Com o surgimento do movimento de libertação, a escola é encerrada neste mesmo ano todos nós “alunos” cada qual foi à sua povoação.

Despedimos das irmãs católicas que elas também partiram para Mueda e de Mueda para Pemba até à vista. Fiz 9ª classe do antigo sistema de educação, na Escola Secundária Josina Machel. Não encontramos os nossos Pais na Povoação, as casas já estavam queimadas e tinham-se refugiado nas montanhas “matas”. Não havia mais nada neste momento; ódio ao Governo Colonial Fascista Português era enorme.

Às 15.00 h, se a memória não me falha, e sempre contei aos meus filhos estas frases. “Estava a chover “Pede licença o velho Adalberto e o meu pai estava a arranjar capoeira, a minha mãe a pilar; mas sempre atenta ela a procura o que vinha fazer o Adalberto?

O velho Adalberto vai direito ao assunto e disse ao meu pai: “João; o seu filho Zacarias deve ir juntar-se aos outros no Branch, porque é tempo e tem idade para isso”. A minha mãe Rosa, não aguentou, o meu pai sem papo disse: “Zacarias vai onde os outros estão, a guerra é guerra”.

Alinhei-me para o combate: Guerrilheiro Professor – Mwalimu Chivavi. Em 1966 devíamos eu e colegas da Mocimboa da Praia “Distrito” avançarmos para Niassa onde iríamos abrir a frente da educação.

Voltei na fronteira porque não devíamos ir mais quadros da educação na altura; recordo-me sempre do camarada Munhu, um jovem magrinho que não regressou para Cabo Delgado mais. Morreu no combate no Niassa Oriental; esta informação que tive. Chamava-se também em língua Makonde “Mwanda wa kulitalela ku Niassa” “voluntários para combater em Niassa”.

No interior de Cabo Delgado é onde eu fiz aquilo que devia fazer; UM GUERRILHEIRO PROFESSOR. No Destacamento Lúrio 2º Sector, 1º Sector Nangade-Beira e 3º Sector. As memórias às vezes chocam com aquilo que a gente não entende. Em 1968, faço os treinos em Nachingueia, regresso para interior do País, na Província de Cabo Delgado.

Em 1969, colocado como assistente adjunto da Cultura em Cabo Delgado. Avancei para Mocimboa da Praia dirigir o Centro Internato de Ntotwe. Regresso de imediato depois

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

de cumprir a missão durante 9 meses, isto é, para o centro Piloto de Luanda juntamente com outros colegas.

Em 1971, somos atacados e perdemos o enfermeiro Rafael, um jovem do 1º sector por naturalidade. De 1970 a 1972 sempre na frente de Cabo Delgado, isto é, em 1971 abrimos a frente de educação no 3º sector nomeadamente Distrito de Quiterajo.

Um choque muito grande marcou-me para toda a vida, foi a perda da vida do meu camarada Lucas Lugwali na montanha Kudabeia Nkoe, onde exactamente eu e o camarada, Atanásio Bento Chuluma velho; estávamos juntos neste dia.

Lucas Luwali foi comissário Político da Base de Artilharia Ngungunhana e foi destacado connosco para 3º sector.

CASAMENTO - Em 1976, isto é, 24/12/76 casei-me com a camarada Rufina Francisco Victor, do Destacamento feminino Comandante do Pelotão, na Missão Nangololo no planalto de Mueda. Casamento revolucionário assim como registo civil e pela Igreja Católica “comunhão de bens”, como consta das nossas certidões. Temos cinco filhos – duas meninas e três rapazes, a última é a Maria Isabel Zacarias João Chivani.

ELEIÇÃO - Em 1981, sou eleito membro do Comité Provincial do Partido FRELIMO na Província de Sofala. Em 1988, eleito membro da Assembleia Municipal da Cidade de Matola.

Na primeira Conferência realizada em Manica (Chimoio), fui eleito membro do Comité Nacional da Associação dos Antigos combatentes. Sou membro do Comité do partido FRELIMO na cidade de Matola. Fui Delgado ao 8º Congresso do Partido FRELIMO realizado de 13 a 17 de Julho do ano de 2002.

CONCLUSÃO - Ainda esta minha carreira difícil dirigi um batalhão independente em Pemba, onde fui chamado para os treinos regulares em Boane 1976. Fui posteriormente indicado para dirigir o Comissariado Político na Escola de Condução Militar de Maputo; a seguir na Direcção Técnica e de Auto-blindados, abrindo assim as escolas de condução Militares de Dondo em Sofala na Beira “GAZA 66” carros Russos; e em Nampula “Berlietes”- carros portugueses, ultimamente, escola de Maputo “Zil 130” carros Russos respectivamente, com um intervalo para frequentar um curso na Escola Central do Partido FRELIMO na Matola.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Em 1978 a 1979 cumpro a missão internacional, onde eu e mais colegas avançamos para “Uganda” ajudar irmãos Tanzânicos, guerra de invasão efectuada pelo Ditador Hid` Amin Dada, contra País soberano Tanzânia, onde arrumamos o agressor Hid` Amin Dada, e o Povo irmão Tanzânico triunfou.

Não voltei para o meu País; simultaneamente alinho-me pela decisão do Marechal Samora, Presidente da República Popular de Moçambique, comandante em chefe das FPLM – FAM – cumprir o seguinte: Juntei-me aos irmãos Nigerianos (internacionalistas) para mais uma vez, introduzindo e dando apoio necessário aos irmãos Zimbabwianos; de Nachingueia até Moçambique, daqui introduzindo para a guerra no interior do Zimbabwe, via Tete Manica e Chicualacuala respectivamente, até ao seu triunfo (Vitória final em 1980) Independência do Zimbabwe.

Em 1980 sou nomeado Director da Escola Secundária das Forças Armadas de Moçambique, na Beira, para em 1982 ser transferido para a Imprensa 25 Setembro na Matola como Director onde editei os primeiros exemplares do jornal “combate”.

Em 1985 fui nomeado como comissário político na Província de Zambézia e em 1987 com igual responsabilidade em Cabo Delgado, substituindo o lugar deixado pelo malgrado camarada Joaquim Mandyandya, falecido no acidente Aéreo em Pemba.

Regresso de novo para Maputo para desempenhar as mesmas funções de comissário Político No Centro de Instrução para as Tropas Especiais no Catembe. Intervalo, para em 1990 avançar para os treinos militares no Zimbabwe “Nhangá” e trouxe a brigada que viemos fixar na Manhica, no corredor do Limpopo, como comissário Político nesta brigada. Em 1993 nomeado Comandante na Província de Maputo para dirigir as tropas para militares “Milícias” até dia 10/08/1994, passei a reserva. As promoções que tive, isto é, subida de patente:

- 1980 como Capitão;
- Para 1986 Major;
- Para 1992 – Tenente-Coronel;
- Agora sou Secretário Provincial para organização da Associação dos antigos combatentes em Maputo. As minhas tarefas extras, fui Comandante do filme intitulado “COLHEITA DO DIOBO”.

CONSELHOS E COMENTÁRIOS PARA OS MEUS FILHOS

- ✓ O vosso pai não arrepende pelo facto de acabar a sua juventude na FRELIMO; no combate aos inimigos de Moçambique;
- ✓ Venceram aos nossos antepassados, mas em nós jamais;
- ✓ Nunca traírem a vossa Pátria, mesmo com as dificuldades que ela apresenta “economicamente débil” mas, um dia haveis de comer;
- ✓ Estudar ou educar os vossos filhos, talvez seja a tarefa mais difícil que tereis à vossa frente;
- ✓ É preciso caminharem juntos evitando ao máximo a preguiça. Porque um preguiçoso, o programa dele ou as tarefas dele, são desenvolver o tribalismo, regionalismo; o eu;
- ✓ Estudarem sempre para descobrirem o que não sabeis assim como os vossos filhos e netos;
- ✓ O caminho da vida é longo, depende de como haveis de encarar;
- ✓ Os espinhos serão enormes e que nem se não tiverem a coragem aguentareis;
- ✓ Façam um esforço; esforço de coragem e determinação e deixem o que não interessa, a sociedade moderna;
- ✓ Hoje em dia conta-se muito a capacidade do homem, a paciência, a tolerância, o espírito de crítica aberta e não nos corredores;
- ✓ Não se fala do nome do tal, enquanto o dono não está. Isto chama-se calúnia ou não tem certeza; por isso não vale a pena falar dele;
- ✓ Aguentar com as dificuldades que vão surgindo meus filhos.

9.5 - Entrevista com o artista plástico Frank Arroni Ntaluma

(É licenciado em Gestão – Universidade Católica Portuguesa de Lisboa)



Figura 48: O escultor Ntaluma no seu estúdio a trabalhar uma peça em Madeira.

Foto do Autor.

Meu caro N´táluma pode-me falar um pouco da sua vida... onde nasceu, onde estudou e se tem filhos?

Tenho sim. Tenho filhos. Nasci na zona de Nanhagaia, distrito de Nangade. Quando nasci, a luta armada... estava em plena ascensão. Descrevendo sucintamente a zona da minha naturalidade ... nasci em 69 num local que era chamado de “zona quente”... foi numa base da FRELIMO na Beira. Os meus pais eram guerrilheiros e parte dos meus irmãos já estavam na Tanzânia. Quando a minha mãe ficou grávida de mim, ela já vivia nessa base militar que foi o berço onde nasci.

Quando foi executada a operação do “Nó Górdio”, a base onde a minha vivia foi atacada. Nesse dia, a minha mãe tinha ido carregar água no poço, (que ficava muito perto da base) já não teve tempo de voltar para a base (onde estava o bebé que era eu). Então o meu pai pegou-me e correu 4 dias pelo mato, foi nessa altura que comecei a comer papa, comi papa de mapira e a chupar a língua do meu pai.

Mas porque chupava a língua do seu pai?

Pela humidade e para me servir de consolo, acalmava-me. Quando tinha 3 anos de idade em 71, o meu pai decidiu que devia deixar-me em casa de um tio nosso. Fui-me então juntar aos meus outros irmãos que estavam na Tanzânia e lá ficámos até 76. Os meus pais ficaram em Moçambique.

O seu pai e a sua mãe eram guerrilheiros voluntariamente ou recrutados pela FRELIMO?

Não. Os meus pais eram mesmo guerrilheiros.

Eram combatentes de plena consciência?

Sim eles eram conscientes da necessidade da construção de um País Novo, independente. Voltando à minha escolaridade... Eu fiz o primeiro ano lá na Tanzânia. Quando regresssei a Moçambique fomos para o internato (com os meus 3 irmãos). Ficámos lá de 1980 até 1982.

Sobe a protecção da FRELIMO?

Sim, sim.

Qual internato?

Foi no Centro Internato de Lupudi. Na altura chamava-se de “zona libertada”, eu pertencia ao primeiro sector, porque havia o segundo sector, o terceiro sector. Era uma zona que a FRELIMO digamos assim... dominava.

E era uma zona pouco povoada ou era uma zona de grande densidade populacional?

O povo estava todo refugiado no mato, o problema é que era uma vida nómada, não tínhamos sítio fixo para dormir. A zona era muito populosa, só que devido à floresta ter uma mata muito espessa, não era fácil. Ainda hoje há zonas muito difíceis de penetrar.

Em 80, 81, foi desfeito o Centro e mudámos para o Centro Piloto de Nangade. (A actual Escola Secundária de Nangade), onde fiz o 4º ano. Nessa altura a minha irmã

vivia em ...Lichinga, então ela chamou-me... e eu fui para lá, fiquei e fiz ali o nono ano...

Entretanto, a minha irmã mudou-se com o marido para Nampula, (a ideia era eu fazer o décimo na escola em Cabo Delgado), por isso fui para Cabo Delgado e matriculei-me. Isto foi durante o tempo da guerra da RENAMO com a FRELIMO.

Mas havia grande predominância da RENAMO em Mueda?

Não, em Cabo Delgado durante a guerra dos dezasseis anos, lembro-me da primeira vez que a primeira vez que a RENAMO entrou na zona foi em 83, 84.

A RENAMO fez uma incursão até o rio Rovuma, no regresso, a RENAMO executou muitas pessoas da mesma família e partiu. Depois a RENAMO abandonou a zona.

Essas pessoas que a RENAMO executou... eram de etnia Makonde?

Eram sim. Então passou aí... uns dois anos, e a RENAMO não apareceu. Depois em 87 quando voltou... veio em peso, foi quando começou a guerra a alastrar-se... Nessa altura, muitas das aldeias foram queimadas. Então em 87, eu estava de férias no cruzamento de Mueda e Pemba - Mocimboa da Praia, em Awasi, (*normalmente os estudantes estavam ali à espera do autocarro da Educação (o machibombo)*), deviam ser umas onze da noite, fomos cercados pela tropa do governo e fomos levados para Mueda. No nosso grupo éramos 37 e fomos todos encarcerados.

Portanto fizeram uma recruta à força?

Sim... raparam-nos o cabelo e fomos para... a Beira... e da Beira, para Nhangano no Zimbabwe.

Mas isso, sem avisar os pais?

Os meus pais ficaram 6 meses sem saber onde eu estava... A FRELIMO estava numa fase muito activa... pronto, não havia tropas suficientes, aquilo era... "saías de casa em direcção ao trabalho... e eras apanhado", a família podia estar dois ou três meses sem saber onde estavas. Depois tive oportunidade de escrever uma carta para a família a informar a situação. No meu caso, os meus pais ficaram 6 meses sem saber onde eu

estava. Fomos para ...Nhangá no Zimbabwe, voltamos para Moçambique... Depois farto de tantos combates, esgotei, saí da tropa e fui... para a Tanzânia.

Mas penso... que não fui o único na altura. A guerra estava muito activa... muita gente não aguentou...

Houve muita gente que fugiu para as fileiras do exército português durante o período da guerra colonial?

Sim, mas esses aí... é que eram considerados traidores... Mas o meu caso, já estava farto da guerra...e já não queria combater mais.

Foi uma espécie de objector de consciência?

Sim... talvez... Uma vez recebi uma carta do meu pai a perguntar-me “mas o que é que tu queres fazer na vida? Eu combati 10 anos... tudo que eu queria era a minha independência... e não sabia qual é o sentido dessa guerra. Então fui para a Tanzânia, a intenção era estudar... de lá, fui para o Quênia. Fiquei lá uns dois anos, voltei novamente para a Tanzânia e de lá entrei em Moçambique, mas isso... foi já em 90.

A guerra era muito sentida nas aldeias e eu saí e fui para Nampula, em 90. Quando eu estava no Niassa, em Lichinga aprendi corte e costura, quando cheguei a Nampula fui pedir emprego a um senhor chamado ...Boina Chipulila. Então fiquei lá a trabalhar em 90 de Setembro até Novembro...

Em Novembro decidi que não queria mais aquilo, ganhava-se mal. Eu via os meus amigos que eram escultores, terem outro tipo de vida... Eu tinha um tio, irmão do meu pai, que é escultor (eu naquela altura, já fazia coisas pequenas, como pentes etc.) Então pensei, porque não aprender outras coisas no ramo da escultura?

Vi que era fácil para mim. Falei com um amigo e ele disse-me... olha, estou pronto para te ensinar, mas o problema aqui na cidade é que não há matéria-prima, lá no mato há madeira, se tu conseguires a madeira necessária, eu vou-te ensinar.

Então tomei uma decisão, eu tinha umas calças novas, peguei nas calças fui vendê-las, e com o dinheiro comprei a madeira necessária para começar, (pau-preto). Então fui para o museu, (havia muita gente lá que estava a aprender), era o Museu Nacional de Etnologia de Nampula... foi aí ... que comecei a aprender escultura.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Em Janeiro de 91 decidimos ir para o mato, era uma distância de 100 kms., na zona Metusseria. A minha irmã tinha lá uma machamba, então fomos para lá, e aí ficamos, mas a guerra continuava em força. Como lá, não era preciso comprar madeira, porque havia em abundância no mato, era só necessário derrubar as árvores, ficámos seis meses... Quando voltei do mato... já era bom artífice...

Quando um aprendiz chega ao fim do curso, paga ao mestre, consoante o que o mestre lhe pede, o pagamento é feito através das obras executadas pelo aprendiz. Quando se chega a um determinado nível de aprendizagem, o mestre diz: “ a partir de hoje, tu és bom, então entregam-te um kit de material, é a tua vez de esculpir...

Então o mestre diz: ... faz-me 3 ou 4 esculturas do tamanho xis, e tu tens que fazer para entregar ao mestre, Com essa entrega do trabalho, significa que já estás livre do mestre.

Essas esculturas são assinadas por quem as faz, ou é pelo mestre?

Por quem faz. Durante o tempo de aprendizagem, tu assinas as esculturas, mas as que engendram dinheiro, são propriedade do mestre... Eles diziam “tu estás a aprender, não olhes ao dinheiro”..., então dedicamo-nos à aprendizagem... é assim a vida de aprendiz.

Vocês pagam aos mestres quando estão a aprender?

Sim. A feitura das esculturas é a forma de pagamento.

Mas é só isso... Não pagam uma mensalidade?

Não. Porque durante o nosso trabalho de aprendizagem, tudo o que produzimos é propriedade do mestre. Quando terminei a aprendizagem fiquei a trabalhar no museu. Numa altura o meu antigo mestre teve de ir de emergência para Cabo Delgado, e como o mestre tinha muita gente para ensinar, então os seus alunos (aprendizes) ficaram a aprender comigo.

Então passou a ser o mestre?

Exacto, passei a ser o mestre até 92, altura em que saí de Nampula e fui para Maputo.

E o trabalho era lá feito no museu?

Sim... Dentro do museu existem muitos escultores, os que trabalham em barro, que trabalham ouro, que trabalham em madeira... Era uma cooperativa, chamava-se a Cooperativa de 16 de Junho.

Ainda existe essa cooperativa?

Não... dissolveu-se, mas por altura de 93, 94 formaram uma nova Associação, que veio a ser a “Associação dos Escultores Makonde de Nampula”.

Então continuando o seu percurso artístico...

Continuando no meu percurso... chego a Maputo em 92 e lá encontrei um grupo, uns Srs. escultores que estavam a viver no acampamento. Estavam organizados numa outra forma de vendas, para garantir a despesas do espaço ocupado e o pagamento da empregada... fazia-se o seguinte: de tudo o que se vendia, retirava-se 10% da venda que ia para um fundo de manutenção.

Quando lá cheguei, era o mais novo do grupo... a maioria dos artistas, já tinha quarenta e tal, cinquenta anos, eu era mais novo... tinha vinte e poucos anos. Então pensámos, em criar um novo grupo de associados, criamos um grupo chamado FAVANA. Éramos seis sócios, o F era de Focas, o A era de Afonso, o V era de Valingue, o A, de Arroni, o N era de Nkatunga e o último A era de Atupali...

Então o grupo ficou a ser conhecido como, FAVANA. Nessa altura eu fiz uma carta para a NORAD organismo que pertencia à - Embaixada da Noruega e fizeram-nos uma encomenda no valor de 25 milhões de meticais.

O projecto consistia em comprar as madeiras em Cabo Delgado, (compramos também as ferramentas) e começarmos a trabalhar para termos as peças necessárias para fazer uma exposição em Oslo na Noruega. A data prevista para a entrega dos trabalhos era fins de 94, princípios de 95. O grupo decidiu que eu fosse para Cabo Delgado, comprar a madeira, fui e comprei 22 toneladas de pau-preto, meti a carga no barco e fui para Maputo.

A partir daí... o grupo começou a desenvolver-se, em 2000 já éramos 23 tínhamos um bom fundo e muitos projectos. Nessa altura resolvi tornar-me independente e saí, fui para casa trabalhar... mais tarde fui trabalhar para o Museu Nacional de Arte.

Onde está a Reinata Sadimba?

Não, a Reinata está no Museu de História Natural... no Museu Nacional de Arte ia dar aulas para ganhar mais algum dinheiro... muitas vezes ficava em casa a trabalhar (mais ou menos 1 mês) e depois ia para o museu.

Em 94 dei continuidade ao trabalho de formação que fazia Nampula. Em 1994 comecei com a dar aulas a um grupo francês, 8 indivíduos... (pertenciam aos médicos sem fronteiras), ensinei-lhes a fazer esculturas, mais tarde tive alunos Moçambicanos, até hoje formei muita gente...

Quando se casou?

Em 88, eu tinha engravidado uma colega da escola, tinha na altura 19 anos, em 89 nasceu a minha primeira filha, depois do seu nascimento juntámo-nos, mas estávamos meses sem nos ver, devido às minhas deslocações.

Em 94 sempre que ia para Maputo... ficava lá, 3 ou 4 meses (em Maputo eu ainda não tinha casa), estava a viver num quarto de aluguer e pensei não vale a pena trazer a minha família para cá, nestas condições... mais tarde comprei um terreno e comecei a construir, depois fui buscar a minha família e aí começamos a viver juntos.

Comprou terreno em que área de Maputo?

No bairro Ferroviário, então em 94 nasceu o meu segundo filho, que faleceu em Setembro de 2007. Em 2000 perdi a minha casa com a cheia. Também no mesmo ano, tive um acidente num olho, uma manhã estava a trabalhar na madeira, saltou uma lasca e bateu-me no olho. Estava a viver em casa de um primo (que me acolheu devido à cheia) quando tive o acidente, estive de baixa 45 dias.

Já em 2001 perdi a minha mulher, devido a problemas ocorridos durante a gravidez e parto. Deu entrada no Hospital Central Maputo a 16 de Novembro e morreu a 12 de Dezembro. A criança sobreviveu e está a viver em Nampula.

Nota: o filho veio para Portugal em 2012.

Quando é que veio para Portugal?

Resolvi vir em 2002.

Sente que foi bem recebido em Portugal?

Sim... Mas como somos nós que imigramos, temos que assimilar a cultura do mundo onde estamos inseridos, então nós estamos aqui... com a nossa cultura... temos que mudar... e adaptarmo-nos ao ambiente onde estamos inseridos.

Tem feito muitos trabalhos de escultura em Portugal?

Sim, sim “graças a Deus”.

Não tanto como desejava?

Nunca é tanto como se deseja... no entanto continuo a dizer ... “Graças a Deus” sou uma pessoa positiva.

Qual é a sua percepção da importância da escultura, na cultura Makonde?

Tem toda a importância, a cultura Makonde está fortemente marcada pela escultura, ela está sempre presente... nas máscaras do Mapiko, nos objectos, pessoas, animais, etc.

Podemos falar sobre os estilos... O Makonde tem um estilo próprio de escultura e têm uma forma própria de trabalhar mas há também, outros estilos?

Os Makonde, tem uma expressão muito própria na escultura. O seu tipo de escultura é próprio do seu povo.

Mas aquelas esculturas que vocês fazem, muito esguias... têm mais a ver com o tipo corporal dos Massai do Quênia?

Sim os Makonde também as fazem... mas, são coisas dos anos 90 ainda se fazem... para “*turista ver*” e comprar....

O que foi reinventado nos anos 60, foi um novo estilo de escultura... pode dizer-se que essa corrente teve início, num movimento de arte chamado “Shetani”... são esculturas que representam figuras distorcidas, de homens e ou animais, (recorrem ao imaginário e ao mundo dos espíritos malévolos) os escultores que tiveram maior influência, neste movimento foram George Lilanga da Tanzânia e o escultor, Chamaki de Moçambique.

O Professor Lipola disse “*deixem os Makonde mudar*”... Ele não está contra a tradição, está é cansado, de ver os de “fora” andarem à procura dessa “cultura Makonde”... Hoje já não é assim, há os professores académicos, os intelectuais. Os Makonde subiram ao planalto para se defenderem das agressões e agora descem ao planalto, para se integrarem na Sociedade, mas o Dr. Domingos Simba disse-me que mesmo numa luta entre eles, os Makonde gostam de ver sangue. É verdade?

Não é gostar de “ver sangue”, isso não é verdade... mas faz parte das lutas... sempre se lutou com catanas ou com flechas... entre os Makonde... não há diferenças. Mas as pessoas pensam que os Makonde são agressivos, porque eram um povo que viviam isolados... como é que se dá esse isolamento? Porque viviam no planalto... Quando os Makonde iam roubar as mulheres Macuas, tinham que lutar... e saber defender-se contra possíveis retaliações... Porque o Makonde aprendeu e sabe lutar, isso sim...

Não é por acaso que foram os últimos a ser colonizados... e os primeiros a exigirem a liberdade...

Sim mas os Makonde já tinham contacto com o mundo ocidental há muitos anos... os Makonde de Moçambique tinham contacto com aqueles que passavam nas suas zonas costeiras, faziam comércio a troco de artesanato.

E quanto à Independência era uma ideia focalizada na região de Cabo Delgado?

Mas a ideia não era apenas a independência de Cabo Delgado e Niassa, era sim a independência do território colonizado e definido como Moçambique. Moçambique existia, não como país independente, mas como um território, de fronteiras traçadas pelos portugueses. Hoje Moçambique como país independente que é, mantém na íntegra essas fronteiras, mas é natural que alguns Makonde ou não, pretendessem em algum tempo a independência do território do Cabo Delgado.

Os Makonde em termos de religião são animistas?

Sim, mantém de uma forma geral o culto dos antepassados, no entanto muitos abraçaram o catolicismo por causa dos missionários.

Em 1930 construiu-se a primeira missão de Nangololo.

Existia também uma missão de Santa Teresinha... foi nessa altura em que foi morto um padre?

Esqueci-me do nome dele, era um padre holandês...

E do massacre de Mueda o que me pode dizer?

Fala-se muito do massacre de Mueda... Eu estive lá em Mueda no local do massacre... Aquilo que me disseram... é que morreram três ou quatro pessoas... não foi propriamente um massacre... Eu perdi um tio do meu pai, chamava-se Kadengue era o chefe na altura. O povo tinha convocado um ajuntamento para o dia 16 de Maio, então houve mobilização, os mais velhos, vinham de Nanhagaia para Mueda, porque ainda é longe, fica aí a uns 70 Kms...

As pessoas foram para Mueda... os meus tios, o meu pai e outros, o que o meu pai me contou... é que foram aproximadamente... umas 20 pessoas e dessas, morreram algumas. Morreram... o velho Kadengue, mais dois...ou três. O meu pai contava-me que muita gente morreu... mas não sabe ao certo quantos foram. Eles foram com bicicletas e deixaram-nas lá ficar.

No seu tempo de criança, já não faziam o corte dos dentes ...?

Não... isso terminou nos anos 70, até houve pessoas do meu tempo, da minha idade que afiaram os dentes, mas por escolha, por opção. Até porque nos anos 70... aconteceu que ... foi a FRELIMO começar a banir certas tradições, o que foi objecto de forte resistência. No meu caso concreto... foram os ritos de iniciação... Se os Makonde praticam ainda hoje os ritmos de iniciação... é por escolha deles.

Eu conheço muitos velhos que foram presos. Na minha aldeia em 78 não houve ritos de iniciação, porque a FRELIMO reprimiu com força esses actos. No entanto, em 79 os velhos da terra reuniram-se e decidiram fazer esses rituais. Nessa altura, muitos velhos foram presos, principalmente os mestres... A FRELIMO dizia: "... lutámos para mudar

o sistema colonial que estava implantado”. Mas a população dizia: “os ritos de iniciação são nossos. Nós não vamos deixar de fazer ritos de iniciação. A política não tem nada a ver com a cultura, isso é nosso”...

Recorda-se dos nomes de alguns velhos?

Recordo Sim... lembro-me de alguns... eram.... Kaniki Ntaluma, Libudanga, Kwina (mestre das cerimónias da iniciação ou nalombwa) Ngalimoshi Nkaugala, Alberto Maliano, Leo Mwiya, Chitamanga Anajambula, Chingu Tunduro, Lyumbulu... etc.

Eu recordo-me bem dos velhos que foram presos, uma dessas pessoas foi o meu tio, o irmão mais velho do meu pai, ele fez parte desses grupos que disseram, “nós não vamos deixar de fazer isso”.

Já que falamos dos rituais, você chegou a fazer os rituais de iniciação?

Sim, fiz em Cabo Delgado em 77, deveria de ter uns 8 anos de idade.

Foi para o mato e seguiu toda aquela tradição? Foi o seu pai ou o seu tio quem coordenou as coisas?

Quem coordenou a minha ida para o mato foi o meu pai. Fui eu, o meu irmão, a minha irmã e ainda um primo meu. É uma coisa que se organiza, dentro da família. Nesse ano na linhagem do meu pai éramos muitos, fomos vinte e tal crianças. Vai-se sempre por linhagens... mas depois comunica-se aos vizinhos e forma-se um conjunto. Todos ficam no mato e o responsável é o mestre.

Como se designa o mestre?

O mestre de cerimónia é o Nalombwa. Estes homens, são os mestres que fazem a circuncisão aos miúdos. No meu tempo não se ia ao hospital, era feita a “sangue-frio”, era o Nalombwa que executava a circuncisão com uma faca rudimentar. Não era com um bisturi, ou uma lâmina afiada... Dantes era com uma faca, que servia para todos... Chegava a um ponto em que a faca já não cortava bem... e isso era doloroso.

Não tomavam nada para anestesiar?

Não, não, era mesmo a sangue frio.

Mas se a maioria dos miúdos já fazem hoje a circuncisão no hospital, ainda se justifica irem para o mato?

Sim, porque isso faz parte do ritual. Eles vão para o mato para aprenderem... as regras de comportamento, a vida social, é um ritual de passagem.

Actualmente, os miúdos ainda têm necessidade de aprender a caçar?

Agora já não há muita caça. Mas aprendem as noções, algumas técnicas e sobretudo a tradição. As pessoas do planalto quando querem caçar, vão até às zonas baixas e caçam animais de pequeno porte.

Os rapazes no mato aprendem regras de comportamento, e a vida social, e os comportamentos sexuais?

Sim, aprendem as regras de comportamento sexual, aprendem a lidar com as mulheres e se no futuro tiverem família... aprendem como cuidar da dela. Também são iniciados na representação do acto sexual e como devem proceder com os mais velhos e com as mulheres.

É verdade que os miúdos fazem uma simulação sexual?

Sim aprendem em simulação, o acto sexual com um fruto, o Lipudi no qual fazem um buraco no meio. Esta simulação tem dois vectores, o negativo e o positivo. Ensina-se o seguinte: conquistas uma mulher que não é da tua idade, ela vai-te apertar. É a maneira de os fazer respeitar as mulheres mais velhas. Então fazem uma simulação no buraco de um martelo sem cabo: factor negativo.

De seguida simulam no Lipudi, mais suave que corresponde à mulher da sua idade: factor positivo.

Com um martelo, mas isso deve ser desagradável?

Diz-se... mulher mais velha pode apertar-te ... (*o martelo representa a mulher mais velha*) é o mito do respeito ... Assim dizem - tu deves procurar mulheres da tua idade, (*assim o Lipudi representa mulher mais nova*).

Então o rito de iniciação é o modo de veicular a tradição, é a transmissão do conhecimento pelos mais velhos?

Os velhos Makonde são arquivos, bibliotecas vivas... por exemplo eu vou fazer 41 anos, as pessoas de 20 respeitam-me e eu respeito uma pessoa de 45 anos...

No final dos rituais de iniciação acontece uma festa, como é?

Durante o retiro os rapazes preparam-se para uma nova etapa da vida, também aprendem a dançar o Mapiko. Quando os miúdos saíam da palhota onde estiveram a viver o likumbi, tem à sua espera uma fila de homens com varas na mão... no final dessa fila está a figura do Mapiko.

No grupo dos rapazes existe o chefe e o adjunto. Então o primeiro é o chefe a que é dado o nome Shingula que significa coelho e Lumbo que significa antílope é o adjunto... então... o primeiro a sair é o coelho.

Ele é que enfrenta as primeiras vergastadas (hoje são simbólicas) ... depois sai um por um... (*se os miúdos se forem espertos, depois de sair o coelho saem todos ao mesmo tempo...*) e lá vão agredir o mascarado... mas o mascarado por sua vez, fica a defender-se... ali a bater... até que os rapazes conseguem apanhar o mascarado e tiram-lhe a máscara e então acabou. A partir daí... os rapazes já podem usar a máscara... do Mapiko.

O dançarino tem de ser sempre alguém já iniciado?

Sim tem de ser, mas geralmente o mais dotado, o melhor... e que já tenha passado pelos ritos iniciação. Quando os miúdos saem a palhota, esta é queimada. Depois é a primeira vez que os iniciados vão ao encontro da família...

Então todos os rapazes vão tomar banho na ribeira. Esse dia é um dia especial “o dia da autocrítica”, é também o dia da reconciliação. Quem não se entende tem que fazer as pazes. É o dia de reunião... É também, a última vez que as mães tomam banho em conjunto com os filhos. A partir daí, o rapaz já não pode tomar banho com a mãe, já não entra no quarto do pai, só quando estes estiverem doentes, mas em condições normais isso já não acontece.

E quanto às raparigas?

O local onde as mulheres se vão concentrar e fazem os ritos de iniciação... chama-se nkamango, é nesse local que as mulheres mais velhas educam as meninas, sobre as futuras tarefas que irão desempenhar, dão-se conselhos com ser boa esposa.

Agora em relação às meninas, você sabe se ainda usavam um falo em madeira?

Não é em madeira, é em barro. Chama-se nkamango. É uma simulação, as mulheres mais velhas passam o dia a ameaçar as meninas... isso, costuma fazer-se aos sábados ou nas sextas-feiras.

Mas um informante relatou que as meninas eram defloradas!

Não, não... as meninas são virgens. Ali... o que se passa... é uma maneira de ensinar... é uma simulação que serve para dar explicações às meninas.

Então as meninas não são desfloradas?

Não, não são... é só a simulação... A minha mãe, foi mestre das mulheres e eu queria saber a verdade e pedi à minha mãe para contar... nunca se conta... mas ela contou-me.

Disseram-me que as escarificações nas partes internas das coxas e na barriga provocam uma certa apetência sexual, é um estimulante, confirma?

Isso eu confirmo... faz parte da sexualidade de uma mulher, e não é só isso, também é costume as mulheres puxarem (alongarem) os lábios inferiores ... isso ainda se pratica hoje... Ver uma mulher com os lábios inferiores compridos... também é bom, e estimulante...

Os lábios vaginais compridos aumentam a capacidade abraçar o sexo do homem?

Sim.

E no caso da sua filha?

O ritual de iniciação ela já passou, seguiu-se a tradição. O esticar os lábios da vagina é uma opção só dela.

As meninas aprendem com as mulheres mais velhas?

A minha avó passou à minha mãe, e agora ela, irá passar para também para uma filha ou uma sobrinha. Isto significa que as tradições estão vivas.

As mulheres costumam roubar as máscaras do Mapiko? É verdade?

Sim as mulheres costumavam ir roubar a máscara do Mapiko... agora o que se costuma fazer, é pedir aos escultores e eles fazem... e elas pagam. Eu por exemplo, tenho 22 máscaras, estão em Nampula...

Hoje vendem-se máscaras?

Sim, vendem-se já há bastante tempo, os artistas fazem-nas por encomenda. Eu tenho muitas máscaras.... Todas diferentes...

Também em relação ao Mapiko, o Mapiko em si mesmo, é muito mais que uma máscara, que uma dança... O Mapiko é cultura... transmitida de pais para filhos... acima de tudo, é motivo de socialização e confraternização...

Ainda se pratica a poligamia entre os Makonde?

Sim, é uma situação que ainda se observa entre os mais velhos mas também com alguns homens mais novos. Hoje a monogamia é corrente porque um homem Makonde que tenha várias mulheres tem de trabalhar na machamba de cada uma delas. Lembro-lhe o meu primo Focas Chinamako que tem oito mulheres e quarenta e filhos.

Fim da entrevista.

9.6 - Entrevista com mulher Makonde natural de Namuno

(Mulher de 43 anos de idade, natural de Namuno, distrito da zona sul de Cabo Delgado)

Pouco tempo depois de eu ter completado 15 anos, apareceu-me a primeira menstruação, eu estava no quintal a pilar o milho e quando fui à casa de banho vi sangue na calcinha. Comecei a gritar e a chorar pensando que estava doente. Saí dali e fui informar a minha avó, a avó zangou e me assustou perguntando o que eu tinha feito para apanhar aquela doença. Depois de uns dias passou. No mês seguinte o sangue voltou a aparecer novamente e quando informei a minha avó, ela mandou chamar três velhas para me explicarem que eu já era mwali, já tinha crescido e que todos os meses havia de aparecer.

Explicaram que eu devia ter meus trapos para tapar a vagina e que devia escondê-los num sítio secreto, nem às minhas amigas podia mostrar. Quatro meses depois chegou a altura de eu fazer cerimónia, eu e muitas outras meninas da aldeia íamos fazer EMWALI.

Nesse dia levaram-me logo cedo para tomar banho e nesse momento fiquei a conhecer a minha madrinha, ela me deu banho e depois me colocou em baixo de uma árvore no quintal, enquanto isso a minha família começou a cantar e dançar músicas tradicionais, depois levaram-me para uma cabana e durante todo o dia fiquei a receber conselhos: que devia respeitar os mais velhos, esconder bem os meus trapos de menstruação, ajudar em casa e outras coisas.

Não te falaram nada sobre relacionamento com homens?

Não, nessa altura não. No dia seguinte continuaram a aconselhar-me, uma velha ficou deitada como se estivesse morta, para me explicar como fica uma pessoa morta, que um dia quando eu fosse a ver meu pai ou minha mãe assim, para eu saber que já estão mortos e ter coragem. Ensinaram que não podíamos entrar no quarto dos pais sem pedir licença e outras coisas. No terceiro dia levaram-nos para o mato, eu e as outras meninas com as nossas madrinhas, as nossas mães ficaram. Pelo caminho iam contando piadas para nos fazerem rir, outras nos assustavam porque falavam que havia animais selvagens na estrada.

Quando nós chegamos ao local, encontramos um alpendre e cabanas e já haviam senhoras com batuque, começamos a dançar só com n'conta (calcinha tradicional) e o resto do corpo nu. Depois da dança e de comermos nos chamaram para dentro e nos começaram a falar sobre vida de homem e mulher.

O que disseram? Não tenhas vergonha...

Duas velhas começaram a ensinar como são os movimentos que a mulher deve fazer quando está nas brincadeiras com o marido, disse que não podemos deixar o homem mexer sozinho porque é um grande insulto para ele. Ensinar que depois das brincadeiras temos que levar trapo e limpar bem o sexo do homem senão ele ia-nos bater.

Esses trapos sempre temos que guardar em baixo da esteira onde dormimos juntos. Disseram que temos que rapar sempre os pelos lá no sexo, senão vamos rasgar os homens, porque aquilo aleija... nos explicaram que quando estivermos menstruadas não podemos dormir com o homem senão ele vai ficar doente, temos de deixar um trapo ao lado da cama para ele saber que a mulher está nessa situação...

E não vos falaram nada sobre puxar o sexo para crescer?

Oh! E nessa altura já tinha começado, aquilo nos ensinam com 10 a 12 anos, e toda a menina tem que puxar todos os dias o sexo para crescer. Uma mulher sem aquilo não é nada, não tem fechaduras e quando o homem penetra sai de qualquer maneira e os homens não gostam porque eles querem entrar... e ficarem lá bem quentinhos. Até hoje ainda puxo e tenho mais de 40 anos. Na minha zona, as mulheres puxam até envelhecer...

Não esqueceste nada?

Faltou dizer que lá no mato, cada menina tem que cavar um buraco com a sua madrinha até encontrar as suas raízes, o formato das suas raízes e que vai dizer se ela andou ou não com homem. E as velhas dizem que quando você anda com homens antes de emwali, não vais conseguir conceber.

E acreditas nisso?

Não, aquilo só são máfias para nos assustar, eu não tenho filhos, mas lá em Pemba me disseram que tenho problemas no meu útero, me operaram saiu uma carne grande.

E não cortam o sexo das meninas na tua zona?

Não! Aqui em Cabo delgado nunca ouvi essa tradição, mas tenho uma vizinha Jawa de Niassa e sei que eles sim cortam.

Concordas que esta cerimónia deve continuar?

Sim porque é uma forma de ajudar os pais a educar as meninas, muitas coisas a mãe não tem coragem de ouvir, então aprendemo-la.

Fim da Entrevista

9.7 - Entrevistado de Etnia Macua - Entrevista com indivíduo do género masculino de etnia Macua de 25 anos de idade, natural de Metuge - Distrito da zona centro de Cabo Delgado sobre as cerimónias da iniciação a que foi sujeito.

Então acontece assim... normalmente levam rapazes quando atingem 8 a 12 anos ao rito de iniciação. Eu fui levado com 10 anos, mas antes de ser levado para o mato a família reúne-se e faz uma pequena festa com todos os rapazes que vão ao mato. A partida geralmente é nas tardes após a festa, chegando ao mato os rapazes ficam surpreendidos porque não sabem o que realmente vão fazer lá, em casa mentem que vão comer mel.

E tu realmente não sabias que era mentira que ia comer mel? Nunca tinhas sido informado pelos mais velhos que já tinham participado nos ritos?

Não, eu não sabia e nunca havia sido informado pelos outros sobre o que iríamos lá fazer. Após chegarmos ao mato concentramo-nos em baixo de uma árvore, sem sabermos que havia um grupo lá escondido com material preparado. Depois são chamados os rapazes um por um, (de preferência os mais velhos) para um local escondido, esse percurso era feito de olhos fechados. Depois de chegar no local, deitaram-me numa cama ainda de olhos fechados e tiraram-me a roupa e de repente comecei a ouvir gritos de velhos, dizendo abelhas, abelhas, abelhas... Afinal de conta aquele barulho era só para distrair... e de repente senti uma dor no sexo..... depois desta dor fui tirado para outro sítio, não voltei mais para o lado de onde vinha, e isso acontecia com todos os rapazes até acabarem o trabalho.

E como sentiste naquele momento? Ficaste triste por terem te enganado? Choraste com a dor?

Fiquei triste por ter sido enganado e porque nunca havia sentido uma dor daquelas. Tentaram explicar-te o que estava a acontecer? Só depois de acabarem os trabalhos com todos os rapazes e que fomos para uma cabana onde explicaram o que tinha acontecido conosco. Chorei.

E só isso? Não aconteceu mais nada?

Depois de terminar os trabalhos e que fomos largados e cada um olhava para o seu sexo e encontrava uma ligadura. Dali levaram-nos para o acampamento principal para seguir com os ensinamentos de ritual... Ao chegarmos no acampamento encontramos um

alpendre já estendido...informaram-nos que ninguém podia fugir para casa porque havia de se perder e encontrar-se com animais ferozes e não podia haver rancor para com os mais velhos.

Então estavam num sítio mesmo deserto... E foram a pé?

Sim era mato e fomos a pé. No dia seguinte logo cedo cada um tinha que fazer um juramento, cada um tinha que fazer um juramento dizendo que nunca mais iria faltar com respeito aos mais velhos, que não devíamos entrar no quarto dos pais, que não devia levar coisas em casa sem pedir. Ali o rei do acampamento chamado NECANCA abria um buraquinho e mandava cada um cuspir e tapar pessoalmente, significando que se não cumpríssemos o juramento iríamos morrer e ser enterrados com a saliva. Com as mãos sujas, ninguém podia lavar as mãos, fomos obrigados a permanecer de mãos sujas durante 7 dias, comíamos à mão sem lavar nem antes, nem depois. A comida também não podia ter sal.

E não vos falavam nada sobre comportamento sexual?

Fui dito que devia manter o acto sexual um mês após o regresso do acampamento para permitir a cicatrização total da ferida que a mulher escolhida deveria possuir 3 anos mais ou 3 anos menos do que eu...

Mas se tu só tinhas 10 anos, assim terias de manter relações sexuais com uma menina de 7 anos, como te sentiste?

Naquele momento não entendia bem e como todos faziam o mesmo não me senti mal, mas foi difícil arranjar alguém, por isso meu pai arranjou uma menina com mais de 3 anos. Hoje tenho vergonha porque tenho consciência dos riscos que corremos com essa atitude e que ainda não estava preparado para o acto sexual.

Aconteceu mais alguma coisa?

Eles também demonstraram alguns códigos que a mulher usa quando esta menstruada ou com DTS para não ser procurada.

Fim da entrevista

9.8 - História de vida de Reinata Sadimba

(Registo baseado na conversa/entrevista em Maputo 2004)

De acordo com a própria Reinata Sadimba, não se encontram registos do seu nascimento, mas segundo as indicações que lhe foram sendo prestadas pelos familiares, terá nascido por volta de 1945. A sua aldeia natal é Nimu, no distrito de Mueda, na província de Cabo Delgado.



Figura 49: Reinata Sadimba. A quem chamaram a mãe das formas estranhas.
Foto do autor.

Reinata nasceu numa família camponesa pertencente à etnia Makonde e como tal foi-lhe transmitida a cultura da mesma. Foi no interior do seu grupo familiar que aprendeu a trabalhar o barro. Seguindo os ensinamentos da mãe, fazia vários utensílios, particularmente pratos panelas e cântaros.

De entre as experiências que recorda da sua infância, destaca o gosto especial por mexer no barro, chegando a fugir da família e deambular pelo mato à procura de barro para o poder moldar a seu próprio jeito. Outra experiência que a marcou, mas que conta com um sorriso nos lábios, foi o facto de ter sido matriculada na escola, mas nunca a ter frequentado, pelo que não aprendeu a ler nem a escrever, nem aprendeu o português falado, expressando-se através da língua Makonde.

Reinata refere que quando era criança, em Moçambique, a matrícula na escola primária tornou-se obrigatória, mas que as crianças, na sua maioria, fugiram para não a frequentarem com a convivência das mães, que foi o que aconteceu com ela própria e os seus irmãos. Teve sete filhos, mas actualmente só tem um. Os outros morreram devido a

doenças que começaram com diarreias, dores e febres, tal como aconteceu com outros elementos da sua família.

Vive actualmente com o seu filho Samuel de 31 anos, a esposa deste, dois meninos filhos do casal e três filhos de uma sobrinha que já faleceu. Estes sobrinhos ficaram à responsabilidade da Reinata principalmente porque precisam de estar na escola e em Maputo isso é mais fácil. Um encontra-se no 4º ano, outro no 7º e outro no 9º ano.

Costuma ocupar o tempo livre a ver televisão e a tomar refrescos. Em 1975 ainda vivia na sua terra natal, Nimu, com o marido e os filhos. Devido à guerra da independência separou-se do marido. Para ganhar a vida passou a fazer panelas de barro, arte que tinha aprendido com sua mãe. Nesta altura já a sua casa se destacava das outras pelos ornamentos feitos em barro que se podiam observar na porta.

Os seus amigos mais próximos eram de origem estrangeira, pois em Nimu as pessoas não viam com bons olhos que a Reinata tivesse deixado o marido. Assim, a sua maior amiga foi Eveline Poffet, uma suíça que vivia na aldeia, e em seguida Max Honegger e a respectiva companheira, também suíços.

Max, salienta que quando se conheceram e tornaram amigos, em 1984, a Reinata fazia questão que eles a visitassem em casa, apesar desta não ter as mesmas condições que as dos seus amigos, por exemplo tinham de ir buscar a água de que necessitavam longe, enquanto que em casa de Eveline e de Max já havia água. Max adianta que esta era a forma como a Reinata entendia e entende a amizade, ela precisa de ser aceite tal como é.

Eveline foi a amiga que mais força lhe deu no início da sua actividade como escultura, mostrou-lhe objectos de adorno que poderiam servir de modelo, para que Reinata experimentasse fazer algo diferente dos utensílios domésticos. Eveline insistia com Reinata, dizendo que ela seria capaz de vir a criar as suas obras depois de passar por estas tentativas e tornar-se uma grande artista.

Reinata saiu da sua aldeia em 1984/85 e foi viver para Maputo em casa de um familiar. Poucos meses depois foi para Pemba trabalhar como empregada. Continuou a produzir esculturas, mas a patroa ficou com as mesmas. Aborrecida com a situação, foi para o Quénia, mas desse período não pretende recordar seja o que for. Voltou a Moçambique e passado pouco tempo foi para a Tanzânia, onde ficou até 1992. Das experiências que

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

recorda com maior ênfase do início da infância, Reinata, refere a sua fuga pelos matos à procura de barro para moldar e também a sua fuga à escola.

A família fazia sim questão que as crianças aprendessem as regras de comportamento e padrões culturais próprios da sua etnia, tais como tratar do cabelo, uso da ndona e tatuagens no corpo, e os próprios miúdos pediam para que isso lhes fosse feito.

A Reinata diz que antes de lhe fazerem a tatuagem que ainda hoje tem no rosto, quase todos os dias fazia birra exigindo a mesma. Chamava à atenção constantemente da família que as outras raparigas tinham tatuagem e ela não. Quanto à ndona, foi também de acordo com a família que perfurou o lábio e passou a usá-la.

Max diz que estes hábitos culturais mudaram muito depois da independência da FRELIMO, fez imposições legais. Quando lhe perguntamos como recorda os ritos de passagem à vida adulta, Reinata disse-nos que os tinha feito de acordo com a sua cultura, mas que preferia não falar disso em particular. Adiantou que esses ritos ainda se praticam.

A duração dos mesmos é que é agora mais curta, devido a muitas raparigas e rapazes já frequentarem a escola e por isso não poderem permanecer fora de casa tanto tempo como há algumas décadas atrás. Para as meninas essa prática é feita por volta de 11/12 anos e para os rapazes por volta dos 13/1. A mesma consiste na deslocação dos jovens para acampamentos de homens ou mulheres, dependendo dos casos. No caso dos rapazes, os ensinamentos baseiam-se nos jogos de defesa e pratica-se a circuncisão. Dos ensinamentos feitos às raparigas não pretende falar.

Reinata procura motivar os familiares mais novos para seguirem a sua arte. Salienta que o sobrinho que frequenta agora o 7º ano já revela muito jeito para trabalhar o barro e já tem vendido algumas peças. Também o Samuel, o seu único filho vivo se tornou ceramista, tendo já participado em exposições colectivas e individuais. No entanto, não consegue sobreviver apenas das suas produções artísticas. A esposa de Samuel tem uma loja de roupa, cujo negócio também contribui para fazer face às despesas da família.

Reinata diz que de apoios dos governos não recebe o suficiente, mas pensa que talvez antes da independência ela se tivesse mostrado artista como é hoje teria tido mais fácil. No entanto, sente-se muito apoiada pelos amigos e diz que é graças a eles que tem

exposto as suas obras no país e estrangeiro, quer em eventos individuais quer participado em exposições e workshops colectivos.

As exposições que mais marcaram a sua vida de ceramista são as seguintes, ordenadas por ordem cronológica:

- 1992: exposição individual na Tanzânia
- 1992: exposição individual em Maputo
- 1993-1994: vários workshops em Maputo
- 1996: exposição colectiva na Dinamarca
- 2006: exposição no ISCT Lisboa. Durante 6 meses participou na oficina de cerâmica da Associação VITAE em Lisboa, tendo realizado a obra para a exposição do ISCT, Lisboa.
- 1997: de Joanesburgo e exposição colectiva
- 1997: uma exposição colectiva em Maputo e outra em Lisboa
- 1998: uma exposição individual e outra colectiva em Maputo

Max, salienta que Reinata é uma ceramista que teve um início lento, por falta de autoconfiança na sua capacidade artística e de apoio, mas que ao ser estimulada pelos amigos, principalmente os suíços, foi criando as suas técnicas inspirada nos acontecimentos do dia-a-dia e na observação de outros artistas.

Reinata diz que as formas que hoje cria, já não são só baseadas no que vê, mas também no que lhe vem à cabeça em certos momentos. A base das suas obras é o barro bruto. Depois de prontas usa um pouco de cor apenas para tratamento da cor.

Actualmente ainda não tem um atelier próprio. Reinata Sadimba, a sobrinha e o seu filho Samuel trabalham num pequeno espaço do museu de História Natural de Maputo.

Fim

9.9 - Registo baseado na conversa/entrevista com Jaime Marupa

Esta entrevista ocorreu em Maputo, no bairro militar, onde estiveram presentes outro velho Makonde, a esposa do informante e ainda um sobrinho, o Dr. Rafael (*é estudante do mestrado em Economia, na Universidade do Minho e estava nesta altura de férias na cidade de Maputo*) foi o intérprete em muitas situações em que foi necessário traduzir do *Shimakonde*, para o português.

Jaime Marupa nasceu em Muatide - Cabo Delgado. Tem 66 anos e viveu no Planalto até aos 28 anos. Trabalhou no comércio tradicional. Aderiu à facção armada em Outubro de 64. É ex militar, foi comandante de Companhia durante a guerra pela independência e guerra civil, (entre a RENAMO e a FRELIMO).

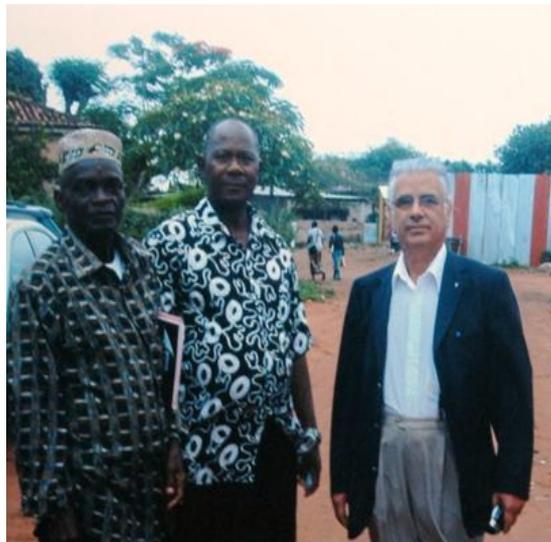


Figura 50: Sr. Jaime Marupa com o autor durante as festas de iniciação em Maputo (2009) – Bairro Militar.
Foto do Autor.

Enquanto jovem participou em várias acções de reconhecimento e transporte militar e depois na intervenção armada. Durante toda a entrevista não existiu um guião de perguntas, apenas o tema do que é ser Makonde...

Ainda vai regularmente ao planalto sempre que possível e faz questão em manter ligações muito estreitas com a família, (aliás como é apanágio dos Makonde), mesmo em situações de conflito, tentam manter a família como uma estrutura de unidade.

Revela-se um homem com uma larga experiência de vida, mas que ainda continuava todavia arreigado a preceitos tradicionais. De voz pausada e lenta, que medita antes de

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

responder, porém com uma dimensão intelectual bastante desenvolvida, apesar de não ter estudos superiores, é militar, agora na reforma, foi comandante de companhia, mas não era um comandante de companhia no aspecto da tradição militar organizada, mas sim, de uma estrutura com bases de guerrilha.

Os seus conhecimentos no campo da cultura e política, não são relevantes. No entanto, nas suas reflexões, o entrevistado refere que se questionou muitas vezes sobre as contradições existentes, sobre os êxitos e os fracassos, resultantes dos conflitos armados que o País atravessou.

Agora, no ocaso da vida, lamenta que parte dos seus sonhos ainda não tenha sido cumprida. Sabe, segundo ele, que vive num país novo mas com grandes feridas embora em vias de cura, mas não sabe quando isso ocorrerá.

Nas suas recordações de menino fala do ritual de iniciação, ao qual se submeteu levado pela mão de um tio como era tradição. Esse ritual aconteceu na sua aldeia de etnia Makonde, recorda também o esforço que fez para conter o medo. Todavia a tradição falou mais forte que todos os medos.

Ele sabia que, para ser considerado pessoa, para ser considerado homem, tinha de passar por esse período de iniciação. Traçou um registo rigoroso tanto quanto possível sobre a identidade Makonde, entidade essa que como mais velho, recorda... sobretudo pela tradição oral, e por aquilo que os pais e os avós lhe contaram.

Falou das mutilações dentárias, facto que não ocorreu com ele, (não ocorreu com ele por influência da missão católica no Planalto). Uma parte da sua família não a praticou a mutilação. No entanto fizeram toda a iniciação. As tatuagens também não ocorreram com ele nem depois, com todos os seus filhos, embora os seus pais as tivessem feito e a sua mãe tivesse usado o prato labial “N’DONA”.

Mesmo sabendo que para ser um Makonde completo, (como eles se definem), tinha que ter os dentes superiores e inferiores talhados, sem os ângulos incisais para dar aquele aspecto pontiagudo e possuir as tatuagens com os seus desenhos tradicionais, sendo essas marcas, o que define ou definia um Makonde, e manter o orgulho em pertencer a esta etnia, sem sentir a necessidade de possuir essas marcas. Tem uma história, uma

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

personalidade própria, embora agora como já disse, a questão central para ele o marco principal, são os ritos de iniciação.

São as tradições ligadas à organização social, à organização de família, ao likola. Os Makonde foram o suporte guerreiro, o suporte militar que contribuiu para a vitória e independência.

Segundo o entrevistado a comunidade Makonde tem ideias próprias e definidas, embora reconheça, que quer a sociedade e ele próprio, como indivíduo já viveu alterações significativas sociais. Também advoga que lutou por essas alterações na política.

Aceita que se tenha abrandado no uso das tatuagens e das escarificações embora refira sobre as escarificações (com carácter fetichista) especialmente quando feitas no dorso e nas nádegas das mulheres, servem como estímulo como atractivo sexual.

Não se concentrava muito tempo num assunto, saltava frequentemente de um tema para o outro.

Falou sobre a prática da mutilação dos dentes dizendo ele que foi uma prática chamada de (...) (?). Essa prática era aceite e estimulada mais entre os homens até porque estes deveriam de ter os dentes de cima cortados e os de baixo também, e a face tatuada, e obviamente circuncidados durante as cerimónias iniciáticas. Todo o homem que se apresentasse assim era designado como verdadeiro Makonde sendo portanto extremamente respeitado pelas mulheres.

Os homens que não se apresentavam desta forma, além de não serem respeitados pelas mulheres eram chamados de Manga, ou seja oriundos da Tanzânia ou das zonas baixas de Cabo Delgado ou da orla marítima. O povo Macua era depreciativamente chamado de Nichagwa. Para os Makonde do Planalto, os habitantes de Palma não pertencem a esta etnia e são chamados de Nakue.

Da família diz que em parte vinda do Sul da Tanzânia e as relações entre os dois grupos dos Makonde são muito boas e refere que antigamente, a fronteira ficava a norte do rio Rovuma e ia até Rufigi. Diz ter sido capturado pelo exército português em Nambudi, o oficial que o deteve e que comandava o grupo era o tenente Fernando. Foi bem tratado. Não teve contacto com a PIDE. Posteriormente foi entregue a uma organização internacional e levado para o País Vizinho (Tanzânia).

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

Quando lhe perguntei como é que procediam à higiene dentária falou do uso de uma planta, chamada Mulala a *“Euclea Natalensis” profusamente usada em Moçambique.*

No norte os Makondes usavam a raiz a que chamam Lipome ou Nteda, usavam essa raiz da mesma forma que nas outras zonas os povos usavam a Mulala e confirma também que durante o ritual da mutilação dentária, aquando do corte dos dentes para aliviar as dores eram usadas raízes de Mbarica, (rícinio cumunnis).

Essa raiz era aquecida nas cinzas da fogueira e os indivíduos mordiam essas raízes ainda quentes. Era uma terapêutica usada como anti-álgica e segundo eles resultava.

Na simbólica dos funerais tradicionais usavam o óleo de rícino o qual era deitado sobre a campa.

Quando o questioneei sobre o regresso a antigos hábitos entre os Makonde do planalto o entrevistado não admite essa possibilidade. Rejeita essa possibilidade, mesmo que surjam alguns indivíduos, (os tribalistas) que tendem a ser arautos das tradições. È impensável, segundo ele, que a mulher Makonde volte a usar a ndona, ou tatuagens ou mesmo as escarificações. Mantém-se todavia e por longo tempo a tradição iniciática e as festas de Mapiko.

Esta entrevista ocorreu em Novembro de 2009, num Domingo, enquanto se realizava num largo junto à residência do entrevistado a festa de iniciação das meninas Makonde residentes em Maputo. Não só as que residiam no bairro militar mas também na cidade e arredores. Mantendo o segredo diz não poder nem dever falar sobre a prática iniciática feminina que é uma prática só do conhecimento das mulheres.

Quando indaguei sobre se tinha conhecimento se o Directório Provincial de Cabo Delgado numa reunião perto da aldeia 24 de Março em 1969 após o segundo congresso da FRELIMO determinara a condição de os Makonde deixarem de mutilar os dentes e de fazer as tatuagens para não serem identificados pelo exército português ele confirmou que correu essa notícia, não podendo no entanto confirmar se foi nessa reunião ou noutra, por não ter estado presente.

Não acreditando que se possa voltar às práticas mencionadas, nada impede que hoje elas possam ser praticadas, repete no entanto, que não lhe parece, enquanto chefe tradicional,

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde

que seja possível voltar a essas práticas, dada a evolução cultural que o povo tem registado.

E terminou: Eu sou um velho, eu sou o mais velho, percorri muito mato e verifico que não é possível voltar ao passado... e apontou para o recinto e disse, a iniciação sim, mas práticas de motilação dos dentes e tatuagens, não, não tem regresso.

Voltamos ao recinto da festa a tempo da última dança do Mapiko, das meninas em corridas, seguindo as mulheres dirigindo-se para a casa de recolhimento onde longos dias as esperam para serem iniciadas nos segredos da Vida.

Fim da entrevista

BLOCO 4
IMAGENS FOTOGRÁFICAS

10. Registos fotográficos diversos

Apresentação de fotos diversas que pretendem ilustrar o modo de vida dos Makonde na actualidade.



Figura 51 e 52: Jovens barqueiros de passageiros e mercadorias do rio Rovuma. (Nangade, 2010).
Fotos de Ntaluma.



Figura 53 e 54: Jovens barqueiros de passageiros e mercadorias do rio Rovuma. (Nangade, 2010).
Fotos de Ntaluma.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde



Figura 55: Banho no rio Rovuma.
Figura 56: Travessia pela margem do rio Rovuma.
Fotos do autor.



Figura 57 e 58: Armadilhas para apanhar crocodilos no rio Rovuma, Junto a Nangade (2010).
Fotos do autor.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde



Figura 59 e 60: Jovens jogando Ndomwa. (Jogo de palavras – uma forma de convívio).
Fotos de Ntaluma.



Figura 61: Tocador de Likuti, Grupo Chimbunga. (Nampula 2011).
Figura 62: Músicos preparando os seus instrumentos para o início do Mapiko, Grupo Nhuere.
(Mueda, 2011)

Fotos de Ntaluma.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde



Figura 63: Idoso executando uma esteira (Likande). (Nanhagaia, 2010).

Figura 64: Mulheres Makonde. (Nanhagaia, 2010).

Fotos de Ntaluma.



Figura 65: Biti Vandavanda a viúva do Régulo Likama e o seu filho Patrício Likama.

Figura 66: Mulheres em Nanhagaia. (2007).

Fotos de Ntaluma.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde



Figura 67 e 68: Dançarinos da dança Makomba em pose. (Nampula 2011)
Fotos do autor.



Figura 69: Lichalawesa. (Mueda, 2011).
Figura 70 – Dança de Makomba. (Nampula,2011)
Fotos do autor.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde



Figura 71 e 72: Dança de Ntumi - Mapiko moderno. (Aldeia Nhangá, 2011).
Fotos de Ntaluma.



Figura 73: Músico tocando Ntojo, grupo Ntumi de Aldeia Nhangá (Mueda, 2011).
Figura 74: Grupo de Mapiko Chimbunga. (Aldeia Chakomo, Nampula)
Fotos de Ntaluma.



Figura 75: Tocadores do grupo Mapiko em início de actuação. (Bairro Militar, Maputo, 2008).
Foto do autor.



Figura 76 e 77: Dança de Mapiko. (Mueda sede do Grupo Nhyere, 2011)
Fotos de Ntaluma.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde



Figura 78: Dança de Mapiko. (Mueda, Grupo Nhyere, 2011).

Figura 79: Grupo de Mapiko Chimbunga. (Nampula, 2011)

Fotos de Ntaluma.

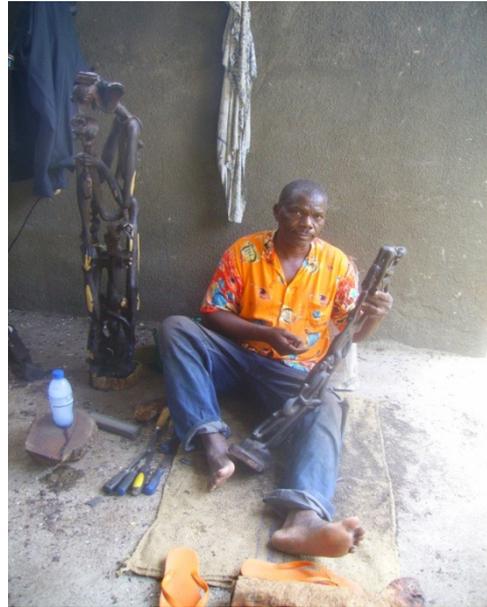


Figura 80: Escultores Makonde, junto ao mercado do peixe (Maputo).

Figura 81: Escultor Valingue, junto ao Museu Nacional de Arte. (Maputo).

Fotos de Ntaluma.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde



Figura 82: Escultor Norte Nampada. (Mueda, 2007).
Figura 83: Escultor Ntchakacha, junto ao Museu de Etnologia de Nampula.
Fotos de Ntaluma.



Figura 84: Escultora Makonde, Reinata Sadimba, no seu atelier no Museu da história natural com o autor. (Maputo 2010).

Figura 85: O senhor Jaime Marupa à conversa com o autor. (Bairro Militar, Maputo, 2009).
Fotos do autor.



Figura 86 e 87 : Máscaras de Mapiko
Fotos do autor.



Figura 88: Máscara Mapiko com tatuagem e indona com dentes afiados.
Figura 89: Máscara Mapiko.
Fotos do autor.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde



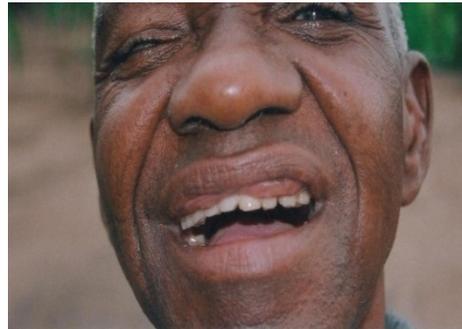
Figura 90 e 91: Máscaras de Mapiko. (Figuras de animais, Leopardo e Galo.
Fotos do autor.



Figura 92 e 93: Escultura em pau-preto com cerca de cento e vinte anos.
(Colecção de Francisco Ginjeira).
Fotos do autor.



Figura 94: Senhor Alves procurando raízes de Mulala. (Chedenguele Gaza, 2008).
Figura 95: O autor com o Senhor Ofico procurando plantas medicinais em Chedenguele Gaza (2008).
Fotos do Autor.



Figuras 96, 97 e 98: Antigo combatente da FRELIMO
(Fez mutilação dentária ainda jovem, apresenta cortes do anglo distal e mesial dos incisivos centrais e laterais e desgaste do bordo incisal, devido a bruxismo. Não amostra lesões provocadas por qualquer das situações referidas, Mueda 2008)
Fotos do autor.

Símbolos e Práticas Culturais dos Makonde



Figura 99: Biti Mingonda, antiga combatente chefe da OMM da localidade Itanda. (Nangade, 2007).

Figura 100: Duas mulheres da aldeia de Nanhagaia.

Fotos de Ntaluma.



Figura 101: Mata pronta para ser queimada e que irá dar origem a uma machamba.
(Maputo, Bairro entre Macangolo e chilindi, Distrito de Mueda).
Fotos de Ntaluma.



Figura 102: Mulheres com capulanas garridas e multicoloridas.
Fotos de Ntaluma.

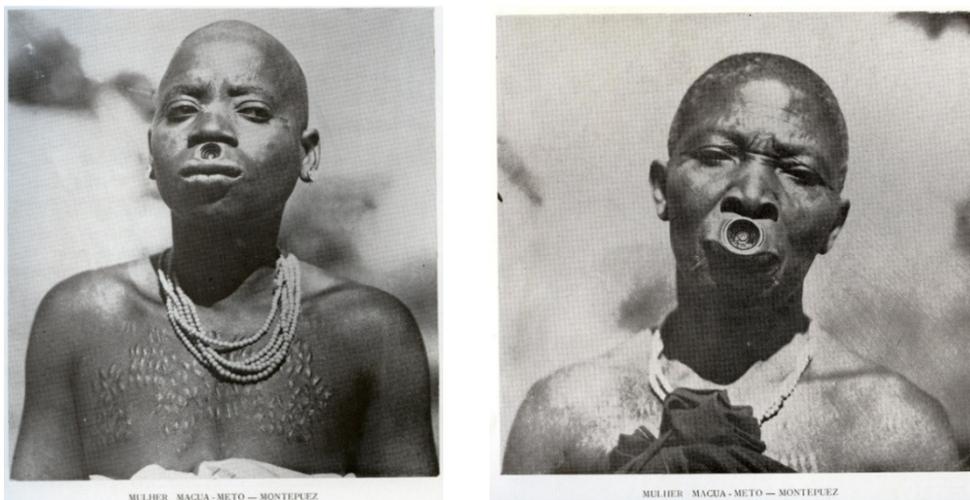
11 - Registos fotográficos sobre os Macua

Mulheres macua com máscara facial de M'siro. No entanto supõe-se que a utilização do M'siro pelas mulheres Macua será relativamente recente, tendo em conta os escritos de Frei João dos Santos e as fotografias que se apresentam.



Figura 103 e 104: Mulheres Macua.
Fotos disponíveis em: www.lam.co.mz/pt/content/download.

As tatuagens, e a ndona eram profusamente utilizadas pelas mulheres Macua (DIAS & DIAS, 1970).



Figuras 105 e 106: Mulheres Macua. (Meto, Montepuez.
Fonte: Moçambique Documentário Trimestral N° 105-1961.

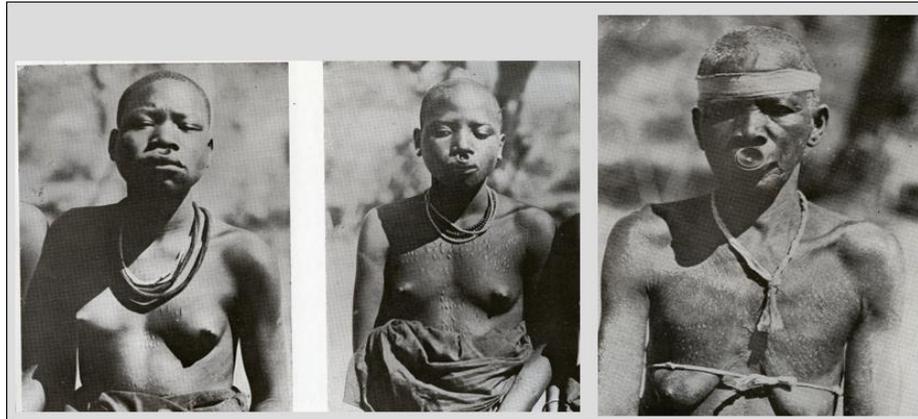


Figura 107: Mulheres Macua Fonte: Moçambique Documentário Trimestral Nº 105, - 1961

Tanto quanto se sabe a utilização do m'siro não era generalizada, parecendo que a sua utilização se restringia às mulheres Macua, algumas Makonde e Mwanis do litoral, entre Pemba e a foz do rio Rovuma.

12 - Registos fotográficos sobre o Careto de Trás os Montes

Participantes: “transmontanos de gema” trajados a rigor, Se não soubéssemos, poderíamos pensar que estas imagens se passavam em Moçambique no planalto de Mueda.



Figura 108: Os Caretos. Os diabos de Trás-os-Montes VI Festival Internacional Máscara Ibérica.
Fonte: <http://caretosdepedence.no.sapo.pt/documentacao.html>.



Figura 109: Caretos de Trás-os-Montes. (Podence, 2008).
Fonte: <http://caretosdepodence.no.sapo.pt/documentacao.html>.